



EDUCAÇÃO CRISTÃ

TRANSFORMADORA

DR. SAMUEL PAGÁN



EDUCAÇÃO CRISTÃ

TRANSFORMADORA



DR. SAMUEL PAGÁN

Educação Cristã Transformadora

DR. SAMUEL PAGÁN

EDUCAÇÃO CRISTÃ TRANSFORMADORA

Traduzido por Marcos Eduíno

1ª Edição



Rio de Janeiro
2025

Todos os direitos reservados. Copyright © 2025 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na web e outros), sem permissão expressa da Editora.

Título do original em espanhol: Educación cristiana transformadora

Primeira edição em espanhol: 2022

Tradução: Marcos Eduíno

Preparação dos originais: Silas Joaquim

Capa: Nathany Silvaes

Projeto gráfico e editoração: Anderson Lopes

Livro Digital: Cumbuca Studio

CDD: 370 - Educação

e-ISBN: 978-65-5968-420-5

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 2009, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <https://www.cpad.com.br>

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus

Av. Brasil, 34.401, Bangu, Rio de Janeiro – RJ

CEP 21.852-002

1ª edição: 2025

Prefácio

As reflexões, ensaios e pesquisas que estão incluídos neste trabalho representam as respostas a estas novas realidades sociais e políticas, religiosas, emocionais e espirituais, que as pessoas que são responsáveis pelas tarefas de ensino das igrejas devem enfrentar.

Os desafios enfrentados pela educação contemporânea são muitos e complexos. Os esforços pedagógicos ocorrem em meio a um turbilhão de problemas, que vão desde componentes tecnológicos até questões filosóficas relativas à natureza e aos objetivos da tarefa de ensino. E essas realidades se manifestam nos vários níveis de educação cristã vivenciados pelas comunidades de fé nas duas primeiras décadas do século XXI.

Educação, Transformação e Pós-modernidade: Uma Introdução à Educação Cristã Transformadora é um livro que tenta ser relevante em uma sociedade cheia de desafios e que vive em meio a uma série intensa de mudanças contínuas. As reflexões, ensaios e pesquisas incluídas nesta obra representam respostas a essas novas realidades sociais, políticas, religiosas, emocionais e espirituais que devem ser enfrentadas pelos responsáveis pelo ensino nas igrejas.

Esta nova realidade é complexa e desafiadora, pois atinge duramente as igrejas e suas instituições, afeta todos os níveis educacionais e atinge os diversos setores eclesiais, teológicos, familiares, pessoais, etários, de gênero, culturais e linguísticos. As aceleradas mudanças tecnológicas que atingiram com força o mundo educacional, por exemplo, exigem calma e reflexão para otimizar os novos esforços pedagógicos que devem incorporar programas virtuais.

Além disso, com a chegada da pós-modernidade e a incorporação de novas gerações na liderança das igrejas em geral, e no mundo específico da educação cristã, uma nova abordagem aos programas educacionais é necessária se quisermos atingir o objetivo evangélico de “fazer discípulos” até “os confins da terra”.

Para atingir nosso objetivo, convidamos uma equipe especial de teólogos, professores e ministros para pesquisar, refletir, escrever e compartilhar suas

recomendações. O objetivo é responder aos desafios contemporâneos e, assim, atualizar os programas educacionais nos vários níveis programáticos das congregações, denominações e instituições educacionais. Os que escrevem neste livro são profissionais do mundo das disciplinas eclesiais que podem colaborar positivamente na tarefa pedagógica das comunidades de fé.

A ideia de produzir este livro nasceu em meio a uma série de diálogos com vários pastores em Porto Rico, que tentavam descobrir novas maneiras de responder aos desafios extraordinários representados pelas mudanças aceleradas vivenciadas no século XXI. Catástrofes nacionais, crises políticas, mudanças climáticas, dificuldades ideológicas, lutas políticas irracionais e desafios à saúde pública, além do desenvolvimento acelerado de tecnologias, criaram ambientes desafiadores e polarizados que complicam as tarefas de ensino. E essas complexidades desafiam a transmissão eficaz dos valores éticos, morais e espirituais que emergem da leitura das Sagradas Escrituras e da fé cristã.

Este livro sobre educação, transformação e pós-modernidade visa contribuir positivamente para os processos educacionais fundamentais que são necessários para encorajar a compreensão e a afirmação da revelação divina que promove o crescimento na fé e incentiva a viver uma experiência religiosa saudável e transformadora. E esses processos devem ser realizados em meio a uma sociedade identificada como pós-moderna, com seus pressupostos, desafios e oportunidades.

Estendemos nossa mais calorosa gratidão aos autores dos ensaios incluídos neste livro, pois eles representam o melhor e mais seleto do pensamento cristão do século XXI. Esses indivíduos, que são comprometidos com a academia e a Igreja, destacam recomendações extraordinárias que podem permitir a transformação e a renovação de nossas instituições educacionais.

Muito obrigado a Justo L. González, Awilda González, Nohemí C. Pagán, Pablo A. Jiménez, Raúl Saldivar, Juan Sebastián Rodríguez e Geritza Olivella Santana, por suas excelentes contribuições ao mundo da educação cristã transformadora. Nossos sinceros agradecimentos também devem ser dirigidos àqueles que lerão esta obra, que esperamos que contribua positivamente para a melhoria e o desenvolvimento de programas educacionais nos vários níveis das comunidades eclesiais, desde escolas bíblicas até programas universitários.

E por fim, para afirmar que a educação transformadora é pautada na sabedoria,

compartilho as seguintes passagens bíblicas que serviram de sustentação para os ensinamentos e reflexões que incluímos neste livro:

Porque o Senhor dá sabedoria; conhecimento e ciência fluem de seus lábios. Ele reserva sua ajuda para as pessoas justas e protege aqueles de conduta impecável. Ele guarda o caminho dos justos e protege o caminho dos seus fiéis. Então você entenderá a justiça e a retidão, equidade e todo bom caminho; a sabedoria chegará ao seu coração, e o conhecimento adoçará sua vida. Provérbios 2.6-10.

Introdução

Objetivos do livro

O livro Educação, Transformação e Pós-modernidade tem como objetivo principal explorar o tema geral da pedagogia a partir de diversas perspectivas e por diferentes autores. O objetivo é analisar criticamente o tema da educação cristã em uma era de mudanças drásticas e desafios formidáveis. O objetivo é explorar maneiras de apresentar programas de ensino eficazes e transformadores em vários níveis eclesiais. Este trabalho foi elaborado e escrito para contribuir positivamente para o crescimento integral de pessoas envolvidas no ministério pastoral e educacional de congregações, escolas bíblicas, institutos, seminários e universidades.

Para atingir nosso objetivo, convidamos para este diálogo um grupo seleto de acadêmicos que, além de atuarem em ambientes de educação teológica avançada, são homens e mulheres envolvidos na vida cotidiana de diversas congregações em diferentes regiões do continente e que vêm de várias denominações cristãs. Essa ampla gama de autores confere a este livro amplitude nas abordagens, variedade nos tópicos específicos analisados no mundo educacional e profundidade nas análises e recomendações.

Autores e tópicos

Justo González é um dos acadêmicos hispano-americanos mais prestigiados e reconhecidos nacional e internacionalmente. Sua disciplina acadêmica e literária é a história da igreja, mas como ele está em diálogo contínuo com pastores locais e líderes denominacionais, em suas reflexões e escritos ele explorou o tema da educação cristã na história da igreja. E nesta ocasião, ele não apenas escreve sobre uma perspectiva histórica da educação nas igrejas, mas também considera os componentes necessários e indispensáveis que tornam a educação verdadeiramente cristã.

O tema da educação na Bíblia é habilmente analisado por Awilda González. Em sua análise, ele incorpora reflexões críticas e profundas que emergem de seu conhecimento das narrativas e temas fundamentais revelados nas Sagradas Escrituras. Ele apresenta vários tópicos relacionados à educação em literatura narrativa, poética, sapiencial e profética, e também explora os ensinamentos do Shemá e do Novo Testamento. Um componente fundamental de sua escrita é sua análise dos valores e ensinamentos que são descobertos ao estudar a vida e as ações de Jesus de Nazaré.

Nohemí C. Pagán aborda um tema de vital importância para a educação em geral e para a educação cristã em particular. Escreve sobre a necessidade de projetar e implementar programas educacionais eficazes para comunidades com necessidades especiais. E de singular importância é descobrir que para nossa autora, aquelas pessoas com necessidades especiais, que foram feridas, marginalizadas e oprimidas ao longo da história, ela as identifica como “anjos brilhantes”, porque são agentes divinos que comunicam a vontade de Deus às sociedades e representam setores sociais humilhados, ofendidos e discriminados pelas comunidades.

O capítulo escrito por Pablo Jiménez é pertinente e necessário. Explora o importante tópico da pós-modernidade e suas implicações imediatas para as tarefas de ensino em congregações e suas instituições. Ele analisa os vestígios coloniais que servem de base para as teologias modernas e identifica como essas percepções da vida e da sociedade afetam as práticas de ensino nas congregações. Este capítulo identifica maneiras de responder de forma

inteligente aos desafios apresentados às comunidades religiosas pelos pressupostos e atitudes associados à pós-modernidade, conforme se manifestam nas novas gerações.

Também exploramos, com Raúl Zaldivar, o tema da educação e o desenvolvimento de uma liderança eficaz. Este ensaio analisa a importância e a necessidade de preparar líderes que possam responder eficazmente aos desafios extraordinários que, entre outros setores, as novas gerações apresentam. Sua análise é precisa, pois identifica a mentoria como um estilo pedagógico prioritário nas tarefas de ensino contemporâneas. Além disso, explora a dinâmica gerada pelos influencers (influenciadores digitais). De fato, a criação de programas que preparem líderes eficazes não é uma mera opção para a educação cristã contemporânea, mas um requisito indispensável.

Um dos capítulos que enriquecem este estudo vem de um jovem ministro, um escritor com grande potencial intelectual e um líder pastoral das novas gerações. Juan Sebastián Rodríguez é pastor no World Revival Center em Bogotá e também preside um colégio ministerial. E essa fusão ministerial, que une tarefas pastorais, administrativas e acadêmicas, lhe permitiu escrever sobre o Evangelho de Jesus Cristo e a juventude, a importância da boa pregação e do bom ensino e a necessidade de viver o evangelho, pois as gerações emergentes aprendem não só com palavras, mas com o exemplo.

Geritza Olivella Santana é outra jovem escritora que demonstra seus dons literários e teológicos neste livro. Em seu ensaio, ele se preocupa em destacar a importância do contexto no design e na execução de programas educacionais que formam e transformam os alunos. E nesse processo, identifica a importância das redes sociais, os desafios que a educação cristã apresenta em contextos intergeracionais e a necessidade de incorporar novas tecnologias ao ensino eficaz. Para nosso autor, o mundo cibernético veio para ficar e precisamos descobrir suas virtudes e incorporá-lo em nossos ministérios.

O tema da educação cristã e da saúde integral é habilmente apresentado por Héctor Ortiz Vidal. Este importante ensaio é uma maneira apropriada de encerrar este livro, pois explora o tema da importância da educação cristã na promoção da saúde mental e espiritual dos crentes. Este é um documento com recomendações específicas, vindas de um psicólogo clínico altamente experiente, que afirmou a necessidade de destacar o tema da saúde integral nos vários níveis de projetos educacionais nas denominações, desde programas iniciais para crianças até

estudos avançados em teologia e ministério.

Juan R. Ortiz Mejías explora o importante tópico da educação, criatividade e tecnologia digital. Em sua análise, ele examina a educação cristã, seus desafios e possibilidades; ele considera especialmente os desafios imediatos que o desenvolvimento avançado da tecnologia apresenta às igrejas e aos fiéis. Esses novos componentes tecnológicos desempenharão um papel preponderante nos projetos educacionais dos próximos anos, à medida que as novas gerações se habituem ao uso diário e contínuo dos meios de comunicação, que são decisivos e indispensáveis na sua dinâmica geral e educativa.

No final do livro acrescentamos uma bibliografia, que não é extensa. O objetivo é identificar livros que possam servir de apoio para quem deseja se aprofundar nas temáticas abordadas em Educação, Transformação e Pós-modernidade.

Sumário

Prefácio

Introdução

Objetivos do livro

O que é a Verdadeira Educação Cristã? Duas Teses a Considerar 17

Fundamentos teológicos

Primeira tese

Segunda tese

Bibliografia

Capítulo 1

O que é a Verdadeira Educação Cristã? Duas Teses a Considerar

Justo L. González

Afé cristã é uma fé histórica. Seus fundamentos encontram-se na história do povo de Israel, e sobretudo na história da encarnação de Deus em Jesus Cristo. Sem conhecer essa história não podemos nos chamar de crentes em Jesus Cristo. Como qualquer educação secular, parte do propósito da educação cristã trata de nos incorporar a uma história, a um povo e à sua história. É por isso que estudamos na escola a história dos nossos países, da nossa literatura, da nossa ordem social. E é por isso também que o estudo da Bíblia, tanto privado quanto comunitário, é importante. Ninguém pode saber que Cristo é o Redentor sem que alguém lhe diga isso, sem que alguém lhe conte a história de Jesus.

Fundamentos teológicos

Um dos primeiros livros que li quando comecei meus estudos teológicos, há mais de 60 anos, foi *Liberdade Cristã*, de Martinho Lutero. Nunca me esqueci daquele livrinho, que não tem mais que 60 páginas. Parte do que me impressionou foi que Lutero começa o livro com duas teses ou declarações aparentemente contraditórias: Primeiro: “O cristão é senhor de todas as coisas e não está sujeito a ninguém”. E segundo: “O cristão é servo de todas as coisas e está sujeito a todas”. Embora essas duas teses possam parecer contraditórias, na realidade uma não tem sentido real sem a outra; ao contrário, em vez de se contradizerem, as duas teses se explicam e se complementam.

Hoje me pedem para escrever algumas linhas sobre os fundamentos teológicos da educação cristã e – talvez com injustificada ousadia – ousou imitar Lutero ao propor também que a educação cristã seja considerada sob o título de duas teses aparentemente contraditórias, mas que se complementam de tal modo que ambas juntas são verdadeiras:

Nem tudo o que é chamado de “educação cristã” é verdadeiramente educação cristã.

Nós, crentes, temos que entender que qualquer educação verdadeira, seja ela chamada cristã ou não, é cristã.

Primeira tese

Nem tudo o que é chamado de “educação cristã” é verdadeiramente educação cristã.

Começamos esclarecendo que quando falo aqui de “educação cristã” não estou me referindo somente – ou mesmo principalmente – ao que acontece na escola bíblica ou na escola dominical. Refiro-me à ampla tarefa de educar o povo de Deus para que possamos ser melhores discípulos, melhores testemunhas e melhores professores. Essa tarefa certamente inclui a escola bíblica dominical. Mas também inclui todas as outras atividades na igreja cujo propósito é o crescimento na vida cristã.

Não creio que seja necessário elaborar muito sobre isso. Contudo, deixe-me pelo menos salientar que a adoração tem uma importante função educacional, que muitas vezes esquecemos. Historiadores da doutrina e da liturgia concordam que, no aprendizado cristão, a liturgia e a adoração vêm antes do ensino doutrinário. Eles expressam isso com uma frase simples, mas que nunca devemos esquecer: *lex orandi, lex credendi* – o que fazemos em oração e adoração é aquilo em que, em última análise, acreditamos. Infelizmente, nas últimas décadas, muitos de nós esquecemos a função educacional da adoração em si, e a reduzimos ao louvor, deixando de lado o que ao longo dos séculos tem sido o próprio fundamento da educação cristã.

Mas não é isso que me preocupa aqui. O que me preocupa vai além dessa observação. O que me preocupa é a frequência com que esquecemos que a educação cristã não é apenas informação, mas também formação. Infelizmente, em muitas ocasiões achamos que basta ensinarmos muito da Bíblia, que basta que nossos discípulos decorem passagens inteiras e que com isso já cumprimos nossa função de educadores cristãos.

Certamente, a informação é importante. A fé cristã é uma fé histórica. Seus fundamentos encontram-se na história do povo de Israel e, sobretudo, na história da encarnação de Deus em Jesus Cristo. Sem conhecer essa história não podemos nos chamar de crentes em Jesus Cristo. Como qualquer educação secular, parte do propósito da educação cristã é nos incorporar a uma história, a

um povo e à sua história. É por isso que na escola estudamos a história dos nossos países, nossa literatura, nossa ordem social. E é por isso que o estudo da Bíblia, tanto particular quanto comunitário, é importante. Ninguém pode saber que Cristo é o Redentor sem que alguém lhe diga, sem que alguém lhe conte a história de Jesus.

Mas para ser patriota, não basta saber de cor a história do país; e para ser um crente maduro, não basta saber a Bíblia de cor. Em um daqueles livros que muitos de nós lemos na infância, há um episódio legal, mas preocupante, em que Tom Sawyer ganha um prêmio na escola bíblica. Segundo Max Twain, certificados eram entregues na igreja para quem aprendia versículos bíblicos. Tom, na tentativa de impressionar uma garota, compra os certificados de outros garotos e ganha o prêmio. Então, quando ele é trazido à frente para mostrar seu conhecimento da Bíblia, ele é feito de ridículo, porque mostra que não sabe nada.

Refletindo sobre esse episódio agora, e deixando de lado o lado engraçado, também vejo uma dimensão trágica. Aquela igreja parece ter pensado que sua tarefa educativa consistia em fazer com que as novas gerações decorassem boa parte da Bíblia. É isso que quero dizer quando falo de uma educação que se limita à informação e se esquece da formação.

Em toda educação, a informação é absolutamente necessária. Não é possível declarar-se herdeiro das promessas feitas a Abraão sem saber quem foi Abraão. Não é possível declarar-se discípulo de Cristo sem conhecer algo sobre a vida, a obra e a mensagem do Senhor. Faremos bem, então, em ensinar a Bíblia e toda a história do povo de Deus, desde a época de Abraão até os dias atuais. Nada do que eu disser abaixo deve ser entendido como algo que desvirtue a informação.

Mas isso não é suficiente. Para realmente nos chamarmos de povo de Deus, temos que ser formados como parte desse povo. Uma igreja não é bíblica porque cita a Bíblia constantemente, ou porque seus membros sabem passagens inteiras de cor. Uma igreja é verdadeiramente bíblica quando a Bíblia não apenas a informa, mas também a molda: isso se torna realidade quando o espírito, os valores e a mensagem da Bíblia são vistos em todas as suas ações e decisões, incluindo sua organização e pressupostos.

Consequentemente, um propósito fundamental da educação verdadeiramente cristã deve ser não apenas informar sobre a Bíblia e as doutrinas cristãs, mas

também e acima de tudo formar este povo de Deus de tal forma que ele reflita e incorpore o evangelho de Jesus Cristo. Em uma palavra, não basta informar, é preciso também educar.

Foi nesse ponto que a mítica igreja de Tom Sawyer falhou. Ele teve todo um processo para aprender a Bíblia na juventude. Mas esse processo em si não foi projetado para formar jovens bíblicos.

Digo tudo isso por experiência própria. Eu tinha cerca de 10 ou 11 anos quando tínhamos “concursos bíblicos” na escola dominical; às vezes até falávamos sobre “batalhas bíblicas”. O professor mencionava um versículo, e quem o encontrasse e lesse primeiro ganharia um ponto. Se fosse um versículo que alguém soubesse de cor e pudesse citar sem abrir a Bíblia, ganhava cinco pontos em vez de um. Isso foi muito engraçado. Mas muitas vezes acabávamos brigando, porque não ficava claro quem tinha encontrado o verso primeiro. Um dos garotos que gostava de intimidar os outros, por ser maior e mais forte, sentava-se ao lado de um dos melhores estudiosos da Bíblia e, quando o professor não estava olhando, colocava a mão na Bíblia do vizinho para que ele não pudesse abri-la. Além disso, quando penso naqueles dias, lembro-me também de que aqueles que tinham Bíblias com índices e, portanto, mais caras, sempre ganhavam. Aqueles que não tinham Bíblia e tinham que usar uma que o professor emprestava nunca ganhavam.

Como Efésios 6:17 afirma que a palavra de Deus é “a espada do Espírito”, ao final de vários meses de competição, o vencedor recebia uma espada de madeira com essa passagem escrita nela. Quando estávamos saindo da escola dominical, o vencedor, brandindo sua espada, atingiu outro garoto na cabeça, fazendo-o sangrar! Resumindo, aquela aula me ensinou muito sobre a Bíblia, mas não me tornou nem um pouco mais bíblico! Se aquela aula contribuiu em alguma coisa para minha educação, foi para me tornar um melhor participante em uma sociedade baseada na competição e no triunfo do mais forte, do mais egoísta e do mais sortudo. Em outras palavras, recebi muita informação, mas também muito treinamento ruim.

A Bíblia, quando usada corretamente, nos forma como discípulos de Cristo e como povo de Deus. Mas a Bíblia, se mal utilizada, pode até ser citada por Satanás para promover seus propósitos malignos. (Não esqueçamos que nas tentações do deserto o diabo cita a Bíblia para tentar Jesus.)

O que tudo isso significa é que a verdadeira educação cristã não se mede apenas pelo seu conteúdo, mas também pela sua metodologia, pelos valores que são praticados nessa educação e pelos hábitos que são criados. Esses valores e hábitos, ao mesmo tempo em que nos ensinam a valorizar a cultura e a sociedade em que vivemos, devem nos ensinar o que significa ser o povo de Deus no meio dessa cultura e sociedade. Como citei a Epístola aos Efésios anteriormente, tudo isso se resume ao dizer que parte do propósito da verdadeira educação cristã é que sejamos “capazes de compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o conhecimento” (Ef 3:18-19).

Isso me leva a outro elemento muito importante na formação bíblica que é necessário para que a educação seja verdadeiramente cristã. Por mais que nos surpreenda, o tema central da Bíblia não é a fé pessoal de cada pessoa, mas a vida, a história e os propósitos do povo de Deus. Portanto, o propósito de uma boa educação cristã não é apenas criar cristãos, mas criar pessoas. Ou, usando a metáfora paulina, não para criar membros individuais, mas um corpo que “bem ajustado e mantido unido pelas juntas, à medida que cada parte realiza a sua função, cresce a si mesmo para se edificar em amor” (Ef 4:16).

Certamente, a educação cristã deve interessar a cada crente como tal. É importante fornecer treinamento a cada crente. Mas essa formação não é para que eles se tornem crentes individuais, cada um por si, mas para que todos juntos (por exemplo, mulheres e homens, jovens e velhos, ricos e pobres) sejam um só corpo: um corpo que vive porque sua Cabeça venceu a morte e nos uniu a si mesmo com os laços do Espírito Santo.

Creio que isso é suficiente para dar alguma indicação do que quero dizer com a primeira tese. Então vamos para a segunda.

Segunda tese

Nós, crentes, temos que entender que qualquer educação verdadeira, sob qualquer nome, é cristã.

Se na tese anterior tentamos distinguir a educação cristã de todas as outras educações, nesta buscamos ampliar nossa visão sobre o lugar da fé em toda educação, seja ela chamada cristã ou não. Vivemos em tempos em que parece haver sérios conflitos entre a fé bíblica e muito do que é ensinado nas escolas. Não se trata apenas de conflitos de valores, como os que já mencionei e que nunca devem ser esquecidos, mas também de aparentes conflitos de conteúdo. Por esta razão, não é incomum encontrar em nossas igrejas algum fiel devoto que diz aos jovens para não estudarem, porque perderão a fé. Dizem-lhes que a ciência é contrária à religião e que, portanto, os estudos científicos são perigosos para a fé.

Mas se é verdade, como Jesus diz no Evangelho de João, que ele é a Verdade, isso implica que toda verdade que pode ser descoberta por qualquer meio é dele. No início do mesmo Evangelho, somos informados de que o Verbo de Deus, o próprio Verbo de Deus, se encarnou em Jesus, que sem esse Verbo “nada do que foi feito se fez”, e que ele é “a luz verdadeira” que ilumina todo homem que vem a este mundo (Jo 1,3.9). Nossa visão da educação cristã e da realidade como um todo deve ser formada em torno desta realidade de que a Verdade que é Jesus Cristo não é uma verdade entre muitas, mas é a VERDADE completa e única, e que dela todas as outras verdades são derivadas. “Todas as coisas foram criadas por ele e para ele. E ele é antes de todas as coisas, e nele todas as coisas subsistem (Cl 1.16-17).

Desde os tempos antigos, os cristãos seguem em tudo isso a afirmação de que não há conhecimento verdadeiro que não esteja relacionado de alguma forma com o Cristo da nossa fé. Entre esses cristãos, chegou-se a dizer que os antigos filósofos gregos, apesar de pagãos, eram “cristãos”. Com isso eles não queriam dizer que eram crentes em Cristo, mas simplesmente que todas as coisas boas que conheciam, conheceriam graças a Cristo, que é a luz que ilumina cada pessoa que vem a este mundo. Sejamos mais claros: se dois e dois são quatro, é

porque o Verbo eterno de Deus assim o determinou, o Verbo que se encarnou em Jesus Cristo, e, portanto, nem sequer conheceríamos esta verdade tão simples se não fosse pelo fato de que este Verbo é a luz que ilumina cada pessoa que vem a este mundo.

Esses ensinamentos, hoje, significam que, na educação cristã que temos que ensinar ao nosso povo, não devemos temer a verdade, não importa de onde ela venha ou quem a diga. Se algo é verdadeiro, é assim em virtude daquela Verdade única que foi encarnada em Jesus Cristo. Se você for para a faculdade e aprender algo que o surpreenda, agradeça ao mesmo Jesus Cristo a quem você adora na igreja.

Hoje em dia o caso mais típico e debatido tem a ver com a questão da criação e da evolução, e por isso o tomo como exemplo. A Bíblia diz que Deus criou o mundo. Uma das duas histórias nos primeiros capítulos de Gênesis diz que ele fez isso em sete dias. (O outro nem menciona dias.) Agora, na escola, eles falam sobre uma evolução que levou milhões e milhões de anos.

Se você recebeu educação cristã adequada na Igreja, deve pensar que, se há verdade na teoria da evolução, essa verdade vem do mesmo Verbo de Deus que se encarnou em Jesus Cristo. Se você recebeu educação cristã adequada na igreja, você também saberá que a doutrina da criação é um elemento fundamental da fé cristã. Mas, além disso, o que você aprenderá na igreja também é que a doutrina da criação não se refere a sete dias ou um bilhão de anos, mas sim ao relacionamento fundamental entre Deus e a criação, como devemos ver tudo o que existe ao nosso redor e o que isso nos diz sobre o próprio Deus.

Se você recebeu uma verdadeira educação cristã na igreja, saberá que a Bíblia não é um livro de ciências. Você saberá que toda a Bíblia falou primeiramente às pessoas de seu tempo, em sua língua e com sua compreensão da realidade. Você saberá, por exemplo, que enquanto no livro de Josué é dito que o Sol parou, na realidade o Sol não gira em torno da Terra, mas sim o oposto. O propósito da Bíblia não é explicar como as coisas funcionam, mas sim nos mostrar qual é o significado das coisas e qual é o nosso lugar entre elas.

Mas você também entenderá que ciência não é religião. A verdadeira ciência visa precisamente explicar como as coisas funcionam e não tem o direito nem a autoridade de dizer nada sobre seu significado ou valor. A ciência explica como

as coisas funcionam por meio de teorias que são verdadeiras, porque elas são a melhor maneira de explicar um fenômeno com base nos dados disponíveis em um determinado momento. A ciência antiga pensava que o Sol e a Lua giravam em torno da Terra. Mais tarde, na época de Galileu e Copérnico, a ciência descobriu uma teoria melhor, uma maneira melhor de explicar as realidades do dia e da noite.

A primeira teoria não era falsa, mas era uma teoria. Era simplesmente uma explicação baseada nos dados conhecidos na época. Quando comecei a estudar, o átomo era, por definição, a última e menor partícula indivisível. Quando terminei o ensino médio, o átomo já havia sido dividido e a humanidade havia usado esse conhecimento para males terríveis e grandes benefícios. A teoria que aprendi inicialmente não era falsa, mas era simplesmente uma explicação baseada nos dados conhecidos na época. A teoria que aprendi no ensino médio falava sobre prótons, nêutrons e elétrons. Hoje, foram descobertas inúmeras partículas que não eram conhecidas quando terminei o ensino médio. A teoria que estudei no ensino médio não era falsa, mas era simplesmente a melhor explicação disponível com base nos dados conhecidos na época.

Isso nos mostra tanto a glória quanto a fraqueza da ciência. A ciência está descobrindo muitas maravilhas de Deus que antes desconhecíamos. Mas a ciência, justamente porque tenta explicar fenômenos, é sempre teoria. Procure sempre uma explicação melhor. O verdadeiro cientista não apenas sabe o que a ciência de sua época diz, mas também reconhece que é possível aprofundar-se e assim encontrar uma teoria melhor. Voltando ao caso da evolução, tudo isso significa que a teoria da evolução não é falsa, mas é a melhor explicação que temos com os dados que conhecemos atualmente. Espero que um dia haja uma teoria melhor. Essa é a glória da ciência. Por outro lado, a fraqueza é que a ciência nunca pode nos dizer o propósito das coisas ou os valores da vida.

Se o erro que nós, crentes, frequentemente cometemos é pensar que a Bíblia é um livro de ciência, o erro que alguns cientistas (ou melhor, pseudocientistas) cometem é pensar que a ciência pode produzir verdades supremas. No caso que estamos discutindo, o da evolução, a ciência tem todo o direito e até a obrigação de explicar da melhor maneira possível o modo como as espécies surgem. Mas a ciência está errada quando parte daí para afirmações que não são realmente científicas e que a ciência nunca pode verificar.

Voltando então à nossa segunda tese, tudo isso significa que uma boa e

verdadeira educação cristã tem que nos fazer ver, por um lado, que em certo sentido toda verdade é cristã, e também que nenhuma verdade que possamos descobrir por nossos próprios meios jamais alcançará o valor universal e irrefutável daquela Verdade que um dia, de uma sarça ardente, declarou: “Eu sou quem sou”, e séculos depois, vivendo entre nós nos campos da Galileia, declarou: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”.

Para concluir, recordemos dois pontos e tomemo-los como orientação no nosso trabalho educativo: Primeiro: Nem tudo o que se chama “educação cristã” é verdadeiramente educação cristã. Segundo: Nós, crentes, temos que entender que qualquer educação verdadeira, seja ela chamada cristã ou não, é cristã; é um presente do mesmo Verbo Encarnado que adoramos na Igreja.

Capítulo 2:

Educação Cristã na Igreja Primitiva

Justo L. González

Oculto na sinagoga tinha uma forte ênfase educacional. Na sinagoga não só Deus era adorado, mas as Escrituras também foram estudadas cuidadosamente. Se uma pessoa como o etíope, cuja fé no Deus de Israel era tal que o levou da Etiópia para Jerusalém para adorar, aceita o que Filipe lhe diz, o que você está aceitando é que agora, em virtude da obra de Jesus Cristo, a entrada para o povo de Deus está aberta.

O primeiro século

Ao discutir a educação cristã na igreja primitiva, é importante reconhecer as mudanças que ocorreram quando o primeiro século terminou e o segundo começou. Durante o primeiro século, a maioria dos cristãos eram judeus de nascimento, prosélitos ou os chamados “tementes a Deus”. Se fôssemos a qualquer sinagoga na bacia do Mediterrâneo na época dos apóstolos, provavelmente veríamos três tipos de pessoas lá. Primeiro, veríamos judeus de nascimento, reconhecidos como tal por serem filhos de mãe judia. Mas havia também prosélitos, que eram pessoas de origem gentia que, depois de frequentar a sinagoga por algum tempo e aprender o que era ensinado ali e exigido com base na Lei inicial da maioria e nos Profetas, decidiam se tornar judeus. Se fossem homens, eram circuncidados (embora alguns rabinos dissessem que tal prática não era necessária).

Não importava se eram homens ou mulheres, eles eram batizados. Para tal batismo, a pessoa ia até a água acompanhada de testemunhas e imergia. Então era admitida na sinagoga. Temos notícias de pelo menos uma pessoa que, sendo prosélita, se tornou líder na igreja cristã. Este é Nicolau, um dos sete designados para administrar a assistência às viúvas em Jerusalém. Em Atos 6:5 ele é chamado de “Nicolau, um prosélito de Antioquia”.

Em terceiro lugar, além dos judeus de nascimento e dos prosélitos, havia os chamados “tementes a Deus”. Essas eram pessoas que iam à sinagoga e estavam presentes no culto, embora não fossem contadas entre o número de crentes necessários para o culto na sinagoga. Eles acreditavam no Deus de Israel e seguiam as leis morais das Escrituras Hebraicas, mas nem sempre as leis alimentares, o descanso sabático ou, no caso dos homens, a circuncisão. Isto é falado repetidamente no livro de Atos dos Apóstolos. O etíope do capítulo 8 é um caso típico. Ele veio a Jerusalém para adorar em um Templo no qual não lhe será permitido entrar. Ele está lendo as Escrituras e pensando sobre o que elas podem significar. Outro caso típico é o de Cornélio no capítulo 10. De Cornélio somos informados que ele era “devoto e temente a Deus com toda a sua casa”. Ele também era generoso com esmolas e orava a Deus. Lídia de Tiatira também era provavelmente uma dessas mulheres tementes a Deus, caso contrário não

seria necessário dizer que ela era uma mulher “que adorava a Deus” (Atos 16:14).

Finalmente, no capítulo 13, se lermos atentamente o discurso de Paulo em Antioquia da Pisídia, veremos que ele é dirigido tanto aos judeus de nascimento quanto aos que temem a Deus: “Israelitas e aqueles que temem a Deus” (13.16); “Irmãos, descendentes de Abraão e todos os que dentre vós temem a Deus” (13.26). É entre esses “tementes a Deus” que a missão de Paulo alcança seus sucessos mais notáveis. É por isso que Paulo sempre vai à sinagoga, onde anuncia o cumprimento das promessas divinas na pessoa de Jesus, e isso causa divisões, em parte porque muitos dos que temem a Deus aceitam o que Paulo proclama, e os judeus de nascimento se ressentem disso.

Se levarmos tudo isso para o campo da educação, veremos por que, no caso da conversão de todas essas pessoas, bem como de vários milhares de outras na própria Jerusalém, não há nenhum processo de preparação para o batismo. Tudo o que essas pessoas precisam fazer é aceitar Jesus como o Messias prometido, e elas são imediatamente batizadas. Isso não acontece porque não se dava atenção à educação, mas sim porque essas pessoas provavelmente frequentavam a sinagoga há anos, seja como judeus, como prosélitos ou como tementes a Deus.

O culto na sinagoga tinha uma forte ênfase educacional. Na sinagoga não apenas Deus era adorado, mas as Escrituras também eram estudadas cuidadosamente. Se uma pessoa como o etíope, cuja fé no Deus de Israel era tanta que ele veio da Etiópia a Jerusalém para adorar, aceita o que Filipe lhe diz, o que ele está aceitando é que agora, em virtude da obra de Jesus Cristo, a entrada no povo de Deus está aberta para ele. Você não precisa aprender sobre o único Deus de Israel e a igreja, nem sobre as leis morais de Israel, nem sobre a história de Abraão e seus descendentes. Você já sabe de tudo isso.

O que isto significa é que em seus primeiros anos a igreja simplesmente aceitava a educação dada na sinagoga como preparação para o batismo. É de se supor que por algum tempo os seguidores de Jesus Cristo continuariam a frequentar a sinagoga, embora possamos imaginar as tensões que isso causaria. Há evidências abundantes disso no livro de Atos. Os judeus de nascimento que não aceitaram Jesus aderiram obstinadamente à pregação cristã. Por sua vez, os próprios cristãos sentiriam a necessidade de participar de reuniões nas quais as Escrituras de Israel seriam lidas e interpretadas conforme cumpridas na pessoa de Jesus. A divisão entre igreja e sinagoga pode muito bem ter começado com o advento da

pregação cristã.

Entretanto, apesar dessas diferenças, ao longo do primeiro século, a grande maioria dos cristãos eram pessoas que conheciam a Lei de Israel e as promessas dos profetas. Assim, embora o ensino seja repetidamente mencionado no Novo Testamento, não parece ter havido um programa formal para ensinar pessoas que frequentavam a igreja. Em vez disso, geralmente se presumia que, por virem da sinagoga, já sabiam tudo o que havia para saber, além do fato do cumprimento das profecias na pessoa de Jesus.

O único documento que temos que parece ser uma espécie de manual para o ensino daqueles que devem receber o batismo é a Didache ou Doutrina dos Doze Apóstolos, um documento possivelmente escrito no final do primeiro século nas regiões desérticas da Síria, e que antes de descrever o batismo e a comunhão inclui uma instrução sobre a vida cristã descrita como uma escolha entre o caminho da vida e o da morte.

Os séculos II e III

Embora o afastamento entre a Igreja e a sinagoga tenha começado muito antes, ele se tornou oficial por volta do ano 100, quando o líder do Sinédrio Gamaliel II, buscando unificar o judaísmo após a destruição do Templo de Jerusalém e a dispersão do povo, decretou a expulsão de todos os dissidentes das sinagogas, incluindo os cristãos. No entanto, embora esta data mostre que a ruptura já era definitiva e oficial, não há dúvidas de que os cristãos já começavam a se distanciar da sinagoga muito antes.

Essa ruptura entre a igreja e a sinagoga ocorre justamente numa época em que a maioria dos convertidos ao cristianismo não vêm da sinagoga, mas sim do mundo gentio e pagão. Se antes os cristãos podiam contar com o fato de que os convertidos da sinagoga conheciam o monoteísmo de Israel, a doutrina da criação, a história de Abraão, Moisés e os profetas, a lei moral de Israel e muitas outras coisas semelhantes, agora a situação era radicalmente diferente. Aqueles que estavam interessados no evangelho sabiam pouco ou nada sobre toda aquela origem judaica que era um elemento fundamental da fé e da vida cristã.

É importante ressaltar a necessidade que surge então de um processo de educação e treinamento para as pessoas que pedem para se filiar à igreja. Por toda a bacia do Mediterrâneo havia vários tipos e formas de religiões politeístas. Pela própria natureza do politeísmo, era muito fácil adicionar um novo deus ao panteão que cada indivíduo ou cada família adorava. Sabemos de pessoas que eram, por assim dizer, colecionadoras de religiões, juntando-se a tantas delas quanto podiam, pois, os deuses não tinham escrúpulos em seguir mais de uma delas.

Em contraste com esse politeísmo, o Deus de Israel é um Deus ciumento que não admite outros deuses em sua presença. Então, a primeira coisa que uma pessoa que quisesse se juntar à igreja tinha que aprender era que ela tinha que rejeitar todos os deuses que eram adorados na comunidade ao redor. Isto, que pode parecer fácil no nível da doutrina pura, não era tão fácil no nível da prática. Muitas ocupações tinham guildas cujos deuses padroeiros eram adorados em suas reuniões. Sem ser membro de uma guilda, era difícil exercer a ocupação ou

o comércio daquela guilda.

Mas para ser membro você tinha que adorar os deuses. O monoteísmo cristão não era apenas uma questão de não ter altares para outros deuses em casa, mas também podia ser uma questão de dificuldades e sacrifícios econômicos, e de recriminações dentro da família.

Vamos tomar dois outros casos como exemplo. Primeiro, nos tempos antigos era perfeitamente legal deixar um recém-nascido ao relento para morrer, ser comido por animais ou ser levado como escravo e vendido. Os cristãos não permitiam tal coisa e tinham que garantir que qualquer pessoa que se juntasse à igreja tivesse isso bem claro. O concubinato era uma prática comum, principalmente entre as classes altas, onde os homens tomavam concubinas e as mantinham por anos antes de se casarem com uma mulher de sua própria classe social. Isso foi feito em parte para proteger a herança, limitando-a aos filhos de casamentos legais. Tudo isso também precisava ser compreendido por qualquer um que quisesse se filiar à igreja.

A tudo isso, devemos acrescentar outra dimensão importante: a perseguição sempre pairou sobre as cabeças dos fiéis. Ao contrário do que muitas vezes se pensa, durante aqueles primeiros séculos a perseguição não foi constante. Mas houve perseguições repetidas, e era necessário fazer todo o possível para garantir que aqueles que recebiam o batismo não abandonassem a fé quando confrontados com a alternativa de abandoná-la ou morrer.

Tudo isso exigia um processo de ensino que não fosse apenas intelectual, mas também moral. Era necessário que quem recebesse o batismo entendesse e mantivesse a fé da igreja. E era igualmente necessário que essa pessoa entendesse o que seria esperado de sua vida e estivesse disposta a seguir uma vida cristã. Em outras palavras, era necessário que aqueles que se preparavam para o batismo recebessem tanto informação quanto treinamento; para que conhecessem as doutrinas e praticassem a vida. Normalmente, as pressões sociais e econômicas eram tais que ninguém frequentava a igreja a menos que tivesse pelo menos um forte interesse na fé. Portanto, o culto não era o que chamamos de “evangelístico” hoje. A evangelização acontecia mais nas casas, nas cozinhas, nos mercados ou nas praças, sempre em conversas, e não em pregações, como é costume hoje.

Como resultado, a maioria das pessoas começou a visitar reuniões cristãs porque

alguém havia falado com elas e dado um testemunho convincente. O culto em si tinha uma forte dimensão didática. Isso era particularmente importante porque poucas pessoas sabiam ler, e um número muito pequeno tinha ao menos uma parte da Bíblia em casa. Portanto, era na igreja que a Bíblia era ensinada constantemente, tanto aos crentes batizados quanto a qualquer outra pessoa presente. Ao final desta parte didática do culto centrada na leitura e interpretação das Escrituras, os não batizados eram dispensados e os demais permaneciam para participar da comunhão.

Quando, depois de frequentar por algum tempo, às vezes vários anos, esta primeira parte do culto (o serviço da Palavra), alguém decidia juntar-se à igreja e era considerado adequado, era declarado “catecúmeno” (da palavra grega catequese, ensino). Isso foi feito em uma cerimônia na presença de toda a congregação.

Os catecúmenos eram divididos em grupos sob a liderança de um professor ou professora, dependendo do gênero dos catecúmenos. Esses grupos se reuniam regularmente para receber instruções e aconselhamento de seu professor (comumente chamado de “catequista”). Se possível, esse catequista os visitaria nos locais de sua vida cotidiana (por exemplo, casa, oficina, mercado) para aconselhá-los sobre os ajustes que teriam que fazer antes de serem batizados.

Embora os detalhes variassem de cidade para cidade, pelo menos no final do século II era comum que um candidato ao batismo passasse pelo menos dois anos, e geralmente três, como catecúmeno antes de ser considerado pronto para o batismo. Quando a pessoa parecia pronta, o catequista relatava ao bispo, que era o pastor. Se não houver obstáculo, ele ou ela será batizado no domingo de Páscoa seguinte, pois o batismo é uma questão de morrer com Cristo e ressuscitar com ele para uma nova vida. O pastor então cuidava pessoalmente desses catecúmenos, às vezes chamados de “illuminandi”, pois estavam prestes a receber a luz batismal, instruindo-os e examinando-os por várias semanas.

Durante esse período, à medida que o dia do batismo se aproximava, duas coisas aconteceram: uma foi um “escrutínio” no qual os “illuminati” foram apresentados à congregação e foi solicitado que, se alguém soubesse de alguma razão pela qual tal pessoa não deveria ser batizada, a divulgasse. A outra coisa que foi feita nas últimas semanas de preparação foi que o candidato aprendeu o credo que ele teria que afirmar em seu batismo. Os credos variavam de região para região, mas todos tinham uma forma trinitária, em razão do batismo em

nome das três pessoas da Trindade.

Na igreja da cidade de Roma, sobre a qual temos mais informações do que qualquer outra, ao ser batizada uma pessoa era questionada: “Você crê em Deus Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra?” Quando a pessoa respondeu afirmativamente, ela foi imersa pela primeira vez. (Em alguns casos, a pessoa entrava na água, ajoelhava-se e então a água era derramada sobre sua cabeça.) Isso era seguido por mais duas perguntas, uma sobre Jesus Cristo e outra sobre o Espírito Santo, cada uma seguida por outra imersão. Essas perguntas feitas no batismo, com vários acréscimos, são a origem do que hoje chamamos de Credo dos Apóstolos.

Após o batismo, que incluía vários ritos e cerimônias adicionais, o neófito participava da comunhão pela primeira vez. Durante toda aquela primeira semana após seu batismo, ele foi considerado um crente “infantil”. Durante essa mesma semana, todos os dias esses neófitos ou infantes assistiam a palestras ou aulas nas quais lhes era explicado mais sobre a fé cristã e, em particular, os ritos dos quais tinham participado e testemunhado pela primeira vez: o batismo e a comunhão.

Depois dessa semana inicial, os batizados eram considerados crentes em pé de igualdade com todos os outros. Mas sempre, e ao longo de suas vidas, esperava-se que eles continuassem frequentando o “culto da Palavra”, onde aprenderiam constantemente mais sobre a fé e a vida cristã. Possivelmente, se algum deles se dedicasse assiduamente ao estudo da Bíblia, poderia um dia se tornar catequista e, assim, guiar outras pessoas da mesma forma que havia sido guiado antes. Possivelmente, se sua vida, sua sabedoria e seu conhecimento parecessem merecer, um dia a congregação o elegeria bispo. Como ele não era responsável apenas pela administração da congregação, mas também por todo o sistema educacional da igreja, o que incluía pelo menos a instrução semanal no serviço da Palavra, bem como a instrução final dos catecúmenos, o bispo tinha que ser uma pessoa educada e capaz de explicar as escrituras semanalmente.

A partir do século IV

No início do século IV, sob o regime do Imperador Diocleciano, a Igreja sofreu a mais terrível de todas as perseguições sob o Império Romano, que veio a ser chamada de Grande Perseguição. Inesperadamente, no ano 313, na cidade de Milão, o imperador Constantino e seu colega Licínio puseram fim às perseguições. Este foi o início de um processo que, em menos de 70 anos, fez do cristianismo, até então perseguido, a religião oficial do império. Houve muitas mudanças, e algumas de suas consequências ainda são sentidas hoje. Mas o que nos interessa aqui é a educação, e a esse respeito deve ser dito que o século IV produziu vários dos maiores mestres da igreja; além disso, é preciso reconhecer que isso abriu caminho para um sério declínio na educação cristã.

A questão sobre os grandes mestres é óbvia. Aqueles que antes eram forçados a se preparar constantemente para um possível martírio e, na maioria dos casos, tinham poucos livros para consultar, agora se conectavam por meio de correspondência abundante, compartilhavam livros e ajudavam uns aos outros de várias outras maneiras. Por esta razão, o quarto e o início do quinto século produziram alguns dos maiores mestres da igreja; entre eles, no Ocidente de língua latina, Ambrósio de Milão, Jerônimo, Santo Agostinho e Leão Magno; e, no Oriente de língua grega, Atanásio, Eusébio de Cesareia, Basílio Magno, Gregório de Nazianzo, Gregório de Nissa, Cirilo de Jerusalém e João Crisóstomo, geralmente considerado o maior pregador de todos os tempos.

Um dos professores mais importantes é Cirilo de Jerusalém, pois toda uma série de suas Palestras Catequéticas foi preservada. As primeiras 18 foram ditadas em Jerusalém durante a Quaresma e serviram para completar a instrução dos catecúmenos que seriam batizados no Domingo de Páscoa. A número 18 termina com o convite aos catecúmenos, e a todos os demais ouvintes, para que continuem participando das demais conferências, que seriam dadas a partir da segunda-feira após a Ressurreição, dia em que seriam batizados os catecúmenos que tivessem ouvido as primeiras 18 conferências. Nessas conferências pós-batismas, eles seriam informados mais sobre os ritos pelos quais passaram tanto no batismo quanto na comunhão e seu significado:

Depois do dia santo da salvação, que é a Ressurreição, começando no segundo dia da semana, vocês virão todos os dias após o término da assembleia ao lugar santo da Ressurreição e lá, se Deus quiser, vocês ouvirão outras conferências nas quais serão ensinados novamente as razões pelas quais fizemos cada coisa. (Conferências Catequéticas, 18. 33; Migne, Patrologia Graeca, 33:1056)

Outro exemplo da mesma prática é encontrado em Santo Agostinho, entre cujas muitas obras está um tratado sobre educação cristã, Sobre a instrução dos rudes. Sua obra Sobre o Mestre, escrita em 389, cerca de dois anos após sua conversão, mostra como ele entendia a função de um verdadeiro mestre. Também temos um sermão pregado aos recém-batizados no início da semana de instrução avançada. Nele, Agostinho explica o significado do que aconteceu a esses neófitos tanto no batismo quanto na comunhão:

Por meio destas coisas o Senhor quis deixar-nos o seu corpo e o seu sangue, que derramou para remissão dos nossos pecados. Se você recebeu dignamente, você é aquilo que recebeu. O Apóstolo, de fato, diz: Somos muitos, mas um só pão, um só corpo. Foi assim que ele explicou o sacramento da mesa do Senhor: somos muitos, mas um só pão, um só corpo. Neste pão você aprende como amar a unidade. Este pão é feito de um único grão? Não havia muitos grãos de trigo? Mas antes de se tornarem pães eles foram separados; eles foram unidos pela água depois de serem esmagados. Se o trigo não for moído e amassado com água, ele nunca poderá se tornar o que chamamos de pão. A mesma coisa aconteceu com você: pela humilhação do jejum e pelo rito do exorcismo você foi moído como se estivesse sendo esmagado. O batismo chegou, e vocês foram amassados com água para se tornarem pães. Mas ainda falta o fogo, sem o qual não há pão. O que significa fogo, isto é, unção com óleo? Como o óleo alimenta o fogo, ele é o símbolo do Espírito Santo.... Esteja alerta, então, e pense que no Pentecostes o Espírito Santo está vindo. E veja como isso acontecerá: aparecendo em línguas de fogo. Ele nos inspira a caridade, que nos fará arder por Deus e desprezar o mundo, queimar nosso feno e purificará nosso coração como se fosse ouro. Depois da água vem o Espírito Santo, que é fogo, e você se torna o pão, que é o corpo de Cristo. E assim, de certa forma, a unidade é

simbolizada. (Sermão 227; BAC 447:285-86)

No entanto, é importante notar que as novas circunstâncias daqueles séculos IV e V acabaram levando ao declínio e até mesmo ao desaparecimento do catecumenato. No final do século IV, inspiradas pelo exemplo de imperadores e outras figuras ilustres, as massas acorreram à igreja pedindo para se juntar a ela. Esse crescimento explosivo tornou difícil para a igreja produzir pessoas qualificadas o suficiente para instruir aqueles que buscavam o batismo.

No ano 305, pouco antes do fim das perseguições, um sínodo em Elvira, Espanha, ditou um período mínimo de dois anos de preparação para o batismo. Em 506, quase exatamente dois séculos depois daquele sínodo, outro sínodo, agora reunido na França, decidiu que o catecumenato deveria durar 80 dias. E menos de cem anos depois, Gregório, o Grande, reduziu-o para 40 dias.

A esses períodos educacionais juntou-se outro fator: desde uma data impossível de determinar, a Igreja habituou-se a batizar os filhos dos fiéis logo após o seu nascimento. Naqueles primeiros dias, essa era uma pequena parte da população. Mas agora, como praticamente todos faziam parte da igreja, todos os recém-nascidos também eram batizados. Como resultado, praticamente não sobrou ninguém para catequizar.

Uma palavra sobre nossos dias

Quando os primeiros missionários evangélicos chegaram à América Latina, encontraram uma situação semelhante à encontrada pela Igreja no primeiro século: quem ouvia suas pregações já conhecia muito sobre a fé cristã. Eles sabiam que há apenas um Deus, que Deus é trino, que Jesus Cristo morreu para salvar pecadores, que Deus é um criador, que Jesus Cristo retornaria, etc. Eles também conheciam os princípios morais da vida cristã, independentemente de segui-los ou não. E, embora poucos a tivessem visto, todos sabiam que havia uma Bíblia na qual Deus se revela ao seu povo. Nessas circunstâncias, quando uma pessoa se convertia à fé evangélica, algumas semanas de instrução eram suficientes para ser batizada e se tornar membro da igreja.

No século XXI, as coisas estão mudando de forma semelhante à que mudaram por volta do ano 100 d.C.: mais e mais pessoas estão sendo criadas fora de qualquer contato com a igreja e que não sabem praticamente nada sobre a fé cristã. Para muitos, o Natal é sinônimo de presentes e de São Nicolau, o homem alegre, barbudo e vestido de vermelho que traz presentes. Em alguns países, o Domingo de Páscoa é mais uma questão de coelhos e ovos coloridos do que de um túmulo vazio ou uma vitória cósmica sobre os poderes do mal. Quando essas pessoas vêm à Igreja, não é mais possível, como antes, simplesmente batizá-las e recebê-las após uma breve instrução. Agora é necessário ensinar-lhes os rudimentos da fé e ajudá-los a fazer os ajustes necessários em suas vidas. Então, aqueles cristãos do segundo e terceiro séculos, e o sistema catequético que eles desenvolveram, têm muito a nos ensinar.

Para complicar as coisas, em alguns casos o crescimento de nossas igrejas é semelhante ao que ocorreu no final do século IV e início do século V, quando multidões se aglomeravam para se juntar à igreja. Há denominações que em poucos anos passam de algumas centenas de membros para milhões deles. Em tal situação, torna-se difícil preparar adequadamente esses novos membros. Simplesmente professando sua fé, eles são admitidos na igreja. Como resultado, a formação cristã dessas pessoas e da Igreja em geral sofre.

É por todas essas razões que uma renovação radical da educação cristã é

necessária em todas as nossas igrejas, e é com a esperança de responder de alguma forma a essa necessidade que estamos agora lançando este livro ao público leitor.

Capítulo 3

Educação na Bíblia

Awilda González

Uma das principais funções em que vemos Jesus nos evangelhos é como um mestre. Sua educação deve ter sido formada na sinagoga, em sua casa (como era costume nas famílias judias) e em seu ambiente social. Nós o vemos com a idade de doze anos no Templo em diálogo com os doutores da Lei (Lc 2,46), ouvindo e perguntando. E os que o ouviram falar ficaram admirados de sua inteligência e respostas (Lucas 2:47).

Educação e a Bíblia Hebraica

A educação na tradição da igreja assume suas características e é fundamentada na autoridade da Bíblia e seu conteúdo. Das Escrituras Hebraicas ao Novo Testamento, vemos o papel central da educação. Esse papel é transformador, pois a educação bíblica leva a pessoa a desenvolver conhecimento das verdades e princípios das Escrituras e à aplicação desses princípios em diferentes áreas da vida.

O desenvolvimento da educação bíblica começou com Deus e suas relações com Israel. É por esta razão que, na primeira parte deste capítulo, estudamos educação e a Bíblia Hebraica. Passamos então a analisar a educação bíblica no NT, seu papel transformador nos ensinamentos de Jesus nos evangelhos canônicos, em Atos e nos ensinamentos das cartas.

Nas famílias hebraicas, a educação geralmente acontecia em casa. Acredita-se que isso se deve à história de Israel como um povo nômade. Mas evidências bíblicas apontam para o período em que Israel se estabeleceu nas cidades de Canaã. A família era a unidade básica da sociedade do antigo Israel. Os pais tinham a responsabilidade de educar seus filhos. Tendo uma estrutura patriarcal, os pais eram os que tinham a maior responsabilidade na educação dos meninos e as mulheres, das meninas. As crianças aprendiam o ofício ao qual a família ou o pai se dedicavam. As filhas eram instruídas nas tarefas domésticas.

Em relação à educação bíblica, o foco central era conhecer, adorar e obedecer a Deus. Êxodo 24:12 registra como Deus foi o primeiro mestre de Israel, quando ele pediu a Moisés que subisse ao Monte Sinai, onde lhe daria as tábuas de pedra com a Lei e os mandamentos que ele havia “escrito para ensiná-los” (Êx 24:12). Este foi o meio que Deus usou para dar seus estatutos e instruções ao seu povo. Foi então Moisés quem comunicou esses ensinamentos aos israelitas (Dt 4.5) e os encarregou de transmiti-los de geração em geração (Dt 4.9-10), o que ocorreu por meio da tradição oral. A Torá, o Pentateuco ou os livros de Moisés (os cinco primeiros livros da Bíblia hebraica) contêm essas leis e instruções dadas a Israel.

O Shemá

Israel foi chamado a praticar o monoteísmo, a adorar e a servir a um único Deus. As leis foram dadas para levar Israel à obediência. A maior parte do livro de Deuteronômio registra as leis (Dt 21:1-26) e ordenanças para manter a fidelidade e a obediência a Deus. O mandamento-chave é conhecido em hebraico como Shemá: “Ouve, ó Israel: O Senhor nosso Deus é o único Senhor” (Dt 6:4). Enquanto a nação cananeia e outras nações praticavam o politeísmo ou a adoração a mais de um deus, Israel é chamado a entender que Deus é um, não está dividido e não muda. No mesmo contexto, Deuteronômio estabelece instruções sobre a obediência e suas bênçãos, e a desobediência e suas consequências.

Quanto à metodologia de ensino da Lei, a repetição e a visualização foram centrais e significativas. Os hebreus foram instruídos a guardar os mandamentos divinos em seus corações, repeti-los aos seus filhos, falar da Lei em casa e onde quer que fossem, quando se deitassem e quando se levantassem. Eles também foram instruídos a tê-los como um sinal em suas mãos, “como frontais em seus olhos” e a escrevê-los nos umbrais de suas casas e em suas portas (Dt 6.8).

Vimos que a educação hebraica se concentrava em Deus como o único e verdadeiro Deus. Além desse foco espiritual nas pessoas, havia um foco na conduta moral e ética, para eles mesmos, suas famílias e com outras pessoas (por exemplo, veja Êxodo, Deuteronômio e Provérbios).

A educação hebraica também buscava instruir sobre a história da vida de Israel. Esta história foi transmitida para que as gerações futuras tivessem um registro do que aconteceu como povo de Deus. Os livros históricos da Bíblia hebraica (Josué, Juízes, Samuel e Reis) e aqueles incluídos na tradição cristã (Rute, Crônicas, Esdras, Neemias e Ester) registram a história política, social e religiosa desta nação. Esta história conta o sucesso ou o fracasso da nação de Israel, com base na Lei de Moisés.

Vemos esse contexto e base da Lei nas narrativas do livro de Josué. Quando Josué estava prestes a assumir o papel de sucessor de Moisés, Deus falou com ele e lhe deu instruções políticas sobre o território a ser conquistado e instruções

sobre como guardar a Lei como base para a vitória. Ele o encoraja a se esforçar e ser corajoso, “tendo o cuidado de agir de acordo com toda a Lei” (Js 1:7) que Moisés lhes havia dado. As instruções são mais específicas: “Não vos desvieis dela [da Lei] nem para a direita nem para a esquerda” (Js 1:7). Ele então enfatiza novamente que o Livro da Lei nunca deve se afastar de seus lábios; tinham que meditar constantemente sobre isso, manter e fazer tudo o que estava escrito. Fazer isso traria as bênçãos de Deus.

O papel dos profetas e reflexões educacionais sobre os livros proféticos

O papel dos profetas foi significativo para a educação hebraica, pois eles eram figuras centrais no ensino. Eles comunicavam a mensagem divina ao povo. Eles os incentivaram a permanecer fiéis no serviço a Deus, chamando-os a viver de acordo com o Decálogo e lembrando-os das promessas de Deus. Além disso, eles se lembraram das maldições que viriam se desobedecessem às instruções dadas a Moisés no Sinai. A mensagem profética continha ensinamentos morais, éticos e espirituais. Também vemos o ensinamento dos profetas no uso de parábolas e alegorias, dentro da estrutura das profecias enunciadas para transmitir a mensagem de forma compreensível e levar à sua aplicação (por exemplo, Jr 18.1-12; 19.1-20.6; 27.1-28.17; 3.21; Is 4.1-7; 27.1-9).

Nos livros proféticos encontramos algumas reflexões educacionais importantes. Isaías 28:23-29 instrui sobre aspectos da agricultura; explica como o semeador semeia certos grãos. Ele atribui a Deus o papel de pedagogo, afirmando que Ele é quem instrui e ensina o que é justo àquele que semeia (Is 28.26,29). Esse ensinamento do mundo da agricultura deve ter servido para apontar a presença de Deus em todo o processo de punir e salvar seu povo, como pode ser visto no contexto.

Vemos outra reflexão educativa em Isaías, onde por meio do profeta Deus diz ao seu povo que é ele quem os ensina para seu benefício e o guia no caminho a seguir (Is 48.17). Em Oséias 11:1-3 vemos que Deus é apresentado como aquele que instruiu Israel. Ele o chamou quando ele era um “menino” e quando ele estava no Egito sob escravidão para ser seu filho. Diz que foi Deus quem ensinou Efraim a andar, tomando-o pelos braços (Oséias 11.3; Efraim era a principal tribo de Israel e aqui representa todo o povo). A tarefa de ensinar uma criança a andar é descrita aqui. A palavra profética de Oséias toma as experiências passadas na história de Israel, onde Deus os ensinou, para torná-los conscientes da situação presente.

Nesta seção queremos mencionar que o papel do ensino pode estar presente nas narrativas de Samuel, quando são mencionadas certas “companhias” de profetas (1 Sm 10.5,10; 19.20). 2 Reis 2:3 fala dos “filhos dos profetas” que saíram ao

encontro de Eliseu, provavelmente se referindo ao mesmo tipo de grupo de profetas de 1 Samuel (veja também 2 Reis 2:15; 4:38-44). Embora não tenhamos detalhes adicionais sobre esses grupos de profetas, pode-se sugerir que, nos tempos dos profetas mencionados, aqueles que foram chamados para esse ministério receberam algum treinamento, ou pelo menos se reuniram como um grupo e possivelmente viveram em comunidades.

O papel da educação em tempos de restauração

Os livros de Esdras e Neemias contam a história do povo de Israel durante o período de restauração após o exílio na Babilônia. Esdras e Neemias eram oficiais do Império Persa. Esdras era um escriba que conhecia e estudava a Lei e Neemias se tornou governador de Judá. Ambos foram figuras importantes na reconstrução da cidade de Jerusalém e do templo, bem como nos aspectos políticos e sociais. Eles implementaram reformas religiosas e sociais. Em particular, Esdras liderou o povo para uma reforma religiosa e ética, onde garantiu que a fé e o serviço a Deus não fossem contaminados. Ele afirmou o ensino da Lei, sua compreensão e aplicação, bem como a importância do Templo, da adoração e da pureza espiritual, levando o povo à restauração e transformação (Esdras 1.1-4; 9.2; 2.59-63; 10.1-44). Esdras foi fundamental no ensino da Lei; ele leu a Lei Mosaica para o povo e os fez entendê-la. Ele os levou a confessar seus pecados e se comprometer a guardar a Lei (Ne 8-10). Pode-se dizer que a educação bíblica nos tempos de Esdras e Neemias desempenhou um papel central e fundamental na restauração, reforma e transformação da religião e da vida do povo de Deus.

Foi do retorno do exílio babilônico que nasceu o que conhecemos como judaísmo, já que a religião naquela época estava mais relacionada à tribo de Judá. O judaísmo, a partir dessa época, caracterizou-se por dar destaque à Lei de Moisés e ao estudo das Escrituras. Acredita-se também que a fundação da sinagoga tenha surgido durante o exílio, no século III ou II a.C. e continuou após a restauração. A sinagoga ajudou a preservar o estudo da Lei e o ensino das crianças.

Educação em literatura sapiencial

Um dos papéis mais importantes da literatura sapiencial é sua função pedagógica. Enquanto a Lei, os profetas e outras narrativas da Bíblia Hebraica estimulam a crença e a obediência, os livros de sabedoria (Provérbios, Jó e Eclesiastes) estimulam o pensamento e a ação. A verdadeira sabedoria vem de Deus (Pv 2.6-7) e leva ao desenvolvimento do caráter e à transformação necessária para tomar decisões sábias e importantes na vida. Provérbios 13:14 nos diz que “a instrução dos sábios é uma fonte de vida”.

O propósito educacional da sabedoria é visto no início do livro de Provérbios, no uso dos seguintes verbos: aprender, conhecer razões prudentes, instruir, adquirir virtudes (por exemplo, prudência, justiça e equidade), dar inteligência e adquirir conhecimento e habilidade (Pv 1.1-6). Provérbios afirma que a sabedoria nos ensina valores espirituais e éticos, mas também nos leva a agir de acordo com esses valores nas diferentes situações ou desafios que a vida traz. Tudo isso é apresentado em diferentes contextos, como o familiar e a sociedade em geral, incluindo os ensinamentos de pessoas mais velhas e sábias. No livro de Provérbios, o contraste de ideias é frequentemente usado como metodologia para ver claramente as virtudes e benefícios da sabedoria (Pv 13.1-16.22).

O livro de Jó nos mostra que há eventos na vida que causam sofrimento a pessoas justas e inocentes e não há entendimento humano que possa compreender isso. Portanto, é preciso confiar em Deus. Este livro contém uma seção que trata da sabedoria e estipula que a verdadeira sabedoria vem de Deus (Jó 28). Diante das reflexões de Jó e das acusações de seus amigos, Deus responde a Jó com instruções divinas transformadoras (Jó 38-41). O ensino final deste livro é resumido na seguinte declaração: os justos são recompensados quando mantêm sua integridade diante dos sofrimentos que a vida traz e confiam em Deus (Jó 42:10-17).

No livro de Eclesiastes vemos o professor ou pregador em uma busca racional pelo sentido da vida. Em sua metodologia pedagógica ele usa o sarcasmo e o cinismo. Ao tentar entender a vida usando o sentido racional, ele descobre que ela é uma ilusão de uma realidade que não existe. O verdadeiro sentido da vida

está no final do livro, quando declara: “Teme a Deus e guarda os seus mandamentos, porque isto é o dever do homem” (Ec 12,13).

Podemos dizer que a literatura sapiencial é rica em ensinamentos para a vida prática e mantém a obediência aos mandamentos divinos em segundo plano.

A educação e seu papel transformador no Novo Testamento

No Novo Testamento, o ensino está presente na vida de Jesus e da igreja. E tem a função de comunicar e preservar os feitos e ditos de Jesus, bem como instruir a igreja nascente sobre como viver esses ensinamentos. Os evangelhos revelam o papel de Jesus como professor. O livro de Atos e as cartas demonstram a importância do ensino no contexto do alcance e crescimento da igreja.

Jesus como Mestre

Um dos principais papéis que vemos em Jesus nos evangelhos é o de professor. Sua educação deve ter sido na sinagoga, em sua casa (como era costume nas famílias judias) e em seu ambiente social. Nós o vemos aos doze anos no Templo em diálogo com os doutores da Lei (Lc 2,46), ouvindo e fazendo perguntas. E os que o ouviam falar ficavam admirados com a sua inteligência e com as suas respostas (Lucas 2:47). Para ele, esses eram os negócios do pai. De acordo com o costume judaico, ele foi treinado por seu pai José no ofício de carpinteiro. Mas Jesus tinha uma consciência clara do negócio em que estava envolvido, o do Pai celestial. Além disso, já em pleno ministério, vemos que ele compreendia claramente que suas doutrinas e ensinamentos vinham de Deus (Jo 7.16-18).

Quanto à Lei, o Shemá é central em seus ensinamentos (Mc 12:29-30), e especialmente em Mateus ele estabelece que não veio para abolir a Lei, mas para cumpri-la (Mt 5:17). Ele ensinou uma justiça maior do que a dos escribas e fariseus, que eram os especialistas tradicionais no ensino da Lei (Mt 5:20). E ele ainda critica os intérpretes da Lei por exigirem além do que está estabelecido e por sua falta de sinceridade (Lucas 11:46 e 52).

Os ensinamentos do Senhor foram além do Decálogo, quando estabeleceu novos critérios de obediência à Lei, em ordenanças como não matar, não cometer adultério, repudiar o cônjuge, jurar, vingar-se e amar o próximo e o inimigo (Mt 5,21-48). Agora a exigência de cumprimento da Lei tinha como pano de fundo não só a obediência, mas também o coração e se estendia a novos parâmetros. Esses ensinamentos foram contraproducentes para as pessoas religiosas de sua época, mas foram transformadores para aqueles que os ouviram. Os ensinamentos de Jesus apontavam para uma transformação radical do coração, da ética e dos princípios morais.

Jesus ensinou em diferentes contextos: nas sinagogas, enquanto caminhava e as multidões o seguiam, em uma montanha, em particular com seus discípulos, em uma casa quando foi convidado para comer, em um barco e em resposta a confrontos com seus oponentes. Por fim, durante seu ministério itinerante, ele ensinou tanto em áreas rurais e costeiras, quanto em cidades. Em particular, a

sinagoga era um ponto de disseminação do judaísmo, e Jesus costumava visitar e ensinar nesses centros religiosos (Lc 4.16; Mc 1.29; Mt 13.54).

Seus ensinamentos foram transformadores e alcançaram diferentes pessoas, independentemente de sua condição ou posição na sociedade da época. Ele ensinou crianças e adultos, mulheres e homens, jovens e velhos, pobres e ricos. A função transformadora de seu papel como Mestre é vista na maneira como ele se dirigia às pessoas feridas, marginalizadas pela sociedade, doentes, sobrecarregadas, despossuídas e em necessidades físicas, emocionais e espirituais. Seus temas de ensino incluíam, entre outros: o Reino dos Céus (Mt 13.24-50), discipulado e serviço (Mc 10.42-45), vida eterna (Jo 3.16,36; 10.28), oração (Mt 6.5-15; Lc 11.9-13), justiça (Mt 5.6,10,20), amor aos inimigos (Mt 5.43-48) e confiança em Deus (Mt 6.25-34).

Metodologia

Em sua metodologia, Jesus utilizou a natureza, a geografia, as instruções recebidas em casa e os ensinamentos da Lei. Quanto às formas, ele utilizou, entre outras, símiles (Mt 13.44-47), metáforas (Jo 10.7,11, parábolas (Lc 15.3-31), simpósios ou jantares (Mc 14.3), perguntas retóricas (Lc 20.3), discursos de despedida (Jo 13.31-17.26) e exemplificação [por exemplo, a mulher siro-fenícia e sua fé (Mt 15.28), o centurião e sua fé (Mt 8.10), a mulher que ungiu seus pés (Mc 14.9)]. Ele apresentou ilustrações concretas do que ensinava, formas simples que continham verdades profundas do Reino. Ele ensinava com autoridade reconhecida por aqueles que o ouviam (Mc 14.9). 1.22) e criticado por seus oponentes (Lc 20.2).

Em seu papel como Mestre, ele dedicou tempo de qualidade para instruir seus discípulos, o que nos aponta para o desenvolvimento de liderança. O Evangelho de João relata o tempo que ele passou com seus discípulos antes de ser entregue; vemos isso no discurso de despedida, onde ele os conforta e os ensina (Jo 14-17). Ele também confiou aos seus discípulos o ensinamento do discipulado, quando disse: “Ide, portanto, fazei discípulos... ensinando-os a observar tudo o que vos tenho ordenado” (Mt 28,19-20).

Nos primórdios da igreja, a atividade de ensino era forte e tinha suas bases na educação hebraica e judaica, mas apresentava uma nova tradição baseada na obra de Cristo, seus ensinamentos, feitos, morte e ressurreição. Lembremos que os primeiros cristãos eram judeus que acreditavam em Jesus como o Messias. É por essa razão que não há muita diferença entre o cristianismo e o judaísmo nos primeiros dias da igreja. Não é de surpreender que eles continuassem a manter o Templo como um centro de adoração a Deus. Em Atos, vemos a igreja nascente se reunindo e ensinando nos lares e no Templo como uma atividade frequente (“eles não cessavam” Atos 5:42; e também em Atos 1:46; 5:21, 25). Assim como os ensinamentos de Jesus, muitos aceitaram os dos apóstolos (Atos 2:41) e outros os criticaram (Atos 5:28).

Os apóstolos tinham em alta conta as antigas Escrituras Hebraicas, bem como a história de Israel. Vemos isso em suas referências ao Antigo Testamento em suas

pregações e ensinamentos (por exemplo, Atos 2:17-36; 7:2-52; 13:15-41). Vemos claramente na narrativa de Atos o uso que os apóstolos fizeram da Bíblia hebraica para demonstrar o cumprimento profético do que os profetas haviam anunciado sobre o Messias (por exemplo, Atos 1:16; 8:32,35; 18:28). É de vital importância que eles perseverassem na doutrina dos apóstolos (Atos 2:42), que eram os mesmos ensinamentos de Jesus.

À medida que a igreja se espalha para outras regiões do Oriente Médio e da Europa, vemos a importância das sinagogas e das Escrituras Hebraicas para o ensino. Em suas viagens, Paulo tentava ir primeiro às sinagogas para ensinar (por exemplo, Atos 15:13; 14:1; 17:1). Em Tessalônica, ele foi à sinagoga e declarou nas Escrituras que Jesus era o Cristo (Atos 17:2). Em Bereia, Paulo e Silas foram à sinagoga e os judeus que creram “examinaram as Escrituras” para ver se a palavra que lhes havia sido comunicada era verdadeira (Atos 17:2).

Educação nas epístolas

À medida que a igreja se expandia por todo o Império Romano, era necessário abordar certas questões e ensinamentos que os novos crentes precisavam. Era aqui que as cartas eram enviadas às igrejas no lugar da presença física dos apóstolos ou colaboradores. A maioria das cartas são circunstanciais, ou seja, têm como objetivo orientar ou corrigir uma situação específica que levou o escritor a expressar suas ideias, instruções e ensinamentos. Por exemplo, Paulo ensina sobre o assunto dos dons em 1 Coríntios 12 e 14, porque nas igrejas de Corinto havia alguma desordem em relação ao ministério do Espírito Santo. Também encontramos exemplos em 1 e 2 Tessalonicenses, onde Paulo responde a perguntas que seus destinatários têm sobre a vinda do Senhor. Em resposta, parte do ensino escatológico do apóstolo Paulo foi registrado. Vemos que quando os escritores do Novo Testamento escreveram suas respostas, exortações e argumentos, eles não estavam tentando fazer teologia, mas abordar questões e ensinamentos que as igrejas precisavam. Essas recomendações foram colocadas por escrito para a Igreja de todos os tempos. Eles também ensinavam sobre questões práticas, tais como: conduta entre os crentes (Rm 12.9-21); conduta na vida familiar (por exemplo, 1 Pedro 3:1-7; Efésios 5:21-6:9), casamento e vida de solteiro (1 Coríntios 7:1-39) e trabalho responsável (1 Tessalonicenses 4:11; 2 Tessalonicenses 3:10-12).

Assim como nos Atos dos Apóstolos, vemos que as Escrituras Hebraicas são de extrema importância nas epístolas do Novo Testamento. Pode-se observar como os escritores têm as Escrituras em alta conta, citando-as ou referindo-se a elas em seus escritos (por exemplo, Tiago 2:23; 4:5; 1 Pedro 2:6; 2 Pedro 1:20; Romanos 4:3; 16:26; 1 Coríntios 15:3-4). Em particular, o apóstolo Paulo nos fala sobre o importante papel das Escrituras Hebraicas quando diz que “toda a Escritura é útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” e para a edificação e preparação (2 Timóteo 3:16). Vemos aqui não apenas a apreciação do apóstolo pelas Escrituras, mas também seus propósitos e funções. Além disso, no mesmo contexto, Paulo valoriza o fato de que desde a infância Timóteo foi instruído nas Escrituras, e o exorta a persistir no que havia aprendido (2 Tm 3:15).

Propósitos da educação

Nas epístolas do Novo Testamento, especialmente nas de Paulo, encontramos o papel do mestre na instrução dos crentes (Ef 4:11; Rm 12:7; 1 Co 12:28). Os principais propósitos transformadores dos ensinamentos nas cartas eram, entre outros: edificar, afirmar, confirmar, encorajar, corrigir e dar instruções para o crescimento na fé. Vemos nos escritos de Paulo que o crescimento, segundo a medida da plenitude da estatura de Cristo, é central para seu ensino (Ef 4:13-16) e a transformação dos crentes (Rm 12:2; Ef 4:22-23). É comum nas cartas de Paulo que o apóstolo comece seus ensinamentos de onde seus ouvintes estavam, para gradualmente conduzi-los ao que ele pretendia ensinar-lhes, direcionando-os assim para o crescimento (por exemplo, 1 Ts 5.1-8). Por sua vez, o ensino ético desempenha um papel importante em suas cartas, pois os novos convertidos precisavam ser instruídos sobre como se conduzir na vida cristã (Rm 12:9-21; Ef 5:1-18).

Outro aspecto que lança luz sobre a importância do ensino nas cartas é a necessidade de corrigir falsas doutrinas. Às vezes, professores itinerantes entravam nas igrejas com falsos ensinamentos. Paulo e João, por exemplo, em algumas de suas cartas, corrigem e alertam sobre falsos apóstolos e mestres, pedindo-lhes que estejam alertas e defendam o ensino sólido (por exemplo, 1 e 2 Timóteo, Gálatas, 1 e 2 João). Paulo exortou seus colaboradores a ensinar doutrina correta e sã (1 Tm 4.6; 2 Tm 3.10; Tt 2.1).

Metodologia

Quanto à metodologia de ensino, Paulo em particular utilizava diversas formas para atingir seus destinatários, tais como: exortação (1 Ts 4.1-12; 5.12-22), correção (1 Co 5.1-13; 11.17-33 e Gl); instrução (1 Ts 4.13—5.11); convenções sociais (por exemplo, amizade e mentoria em Filemom e Filipenses); perguntas retóricas cuja resposta é compreendida pelo ouvinte (Rm 6.1); repetição (Gl 1:9; Fp 3:1); listas de vicissitudes para demonstrar seu apostolado (2 Cor 11.23-28), exemplificação (Fl 2.5-11.19-30) e contraste (Gl 5.16-26).

Conclusão

Vimos que a educação hebraica tinha uma abordagem centrada em Deus. Encontramos a mesma coisa nos ensinamentos de Jesus nos evangelhos, no livro de Atos e nas cartas do Novo Testamento. Para que a educação bíblica seja transformadora, ela deve manter seus sólidos fundamentos bíblicos e reafirmar essas verdades. No entanto, você deve aplicar e atualizar os métodos usados pelos autores bíblicos de acordo com as necessidades da igreja hoje. A igreja contemporânea é chamada a oferecer uma educação transformadora e fará isso em seu tempo e contexto sociocultural atuais, evoluindo em termos de metodologias e formas de comunicar os ensinamentos bíblicos, para atender às necessidades atuais, alcançando assim a transformação desejada.

Capítulo 4

Educação Cristã e os “Anjos que Brilham”

Nohemi C. Pagán

A Igreja de Cristo deve exercer o ministério congregacional para abençoar pessoas com diferentes necessidades. O apóstolo Paulo afirma: “Mas servi-vos uns aos outros com amor” (Gl 5,13). Este é um mandato apostólico e bíblico, que inclui toda a criação de Deus. E nesse grupo deve ser incluída uma população que durante muitos anos não foi levado em consideração. O Deus da bondade nos lembra que o tratamento com cada pessoa, jovem ou adulta deve ser baseada no amor.

Deficiências, preconceitos e dor

A deficiência é uma realidade humana vista de forma diferente em diferentes períodos históricos e em diferentes civilizações. Pesquisas e estudos da história humana revelam muita dor e grandes tragédias em relação a essa frágil população. Essa realidade deplorável nos leva a pensar que muitos desses anos foram muito tristes, difíceis e desafiadores para um setor importante da criação de Deus. Especialmente lamentável para pessoas com dificuldades físicas, mentais e emocionais.

A Idade Média foi possivelmente um dos momentos históricos de maiores desafios e adversidades em diferentes níveis de saúde. Os doentes e as pessoas nascidas com alguma deformidade eram condenados ao ostracismo e à marginalização. Eles foram pejorativamente identificados como “anormais”. Eles eram seres humanos esquecidos, rejeitados e até temidos pela comunidade ao seu redor.

Nesses ambientes e percepções, vai se construindo um conceito pobre do que é diferente e de doença, levando essas pessoas frágeis à rejeição social, ao medo e até mesmo à perseguição. Principalmente os grupos de poder social, civil, político e religioso os marcaram, feriram e marginalizaram de forma irracional. Essas pessoas inofensivas eram identificadas ou confundidas com deficientes mentais, hereges, enfeitiçados, criminosos, possuídos por demônios, preguiçosos.... Em alguns países, foram construídas até fortalezas e cidades muradas onde centenas de pessoas com algum tipo de deficiência eram enclausuradas e escondidas.

Além disso, como se não bastasse, a história nos conta que, no século XIV, as pessoas que nasciam com alguma deficiência, seja física, sensorial ou mental, como surdez, cegueira, paralisia, tetraplegia, entre outras condições, eram confinadas em grandes recintos. Isso foi feito para vários propósitos. Uma delas seria exibida nos fins de semana, como um espetáculo de circo ou um grande zoológico. A cidade queria que as famílias se divertissem e se recreassem com eles. Eles também os usavam para controlar a consciência social. Uma forma de corrigir os erros do passado, considerando esses “monstros” ou “fenômenos” -

como tristemente foram identificados - como o maior sinal de um castigo enviado por Deus.

A Igreja Cristã da época condenava o infanticídio, mas atribuía a origem de qualquer formação irregular nas pessoas aos poderes do mal e identificava pessoas com características físicas diferentes como “possuídas por demônios” e possuídas por espíritos infernais. E para responder a essas realidades, eles os submeteram a práticas exorcistas que, em muitos casos, estão vivas entre certos grupos religiosos do século XXI.

Com o tempo, essas pessoas com necessidades diversas, geralmente identificadas como “anormais”, tornam-se um pretexto para o chamado ao exercício da caridade em nome de Deus. O propósito era receber e desfrutar da salvação e da vida eterna. A partir daquele momento, eles não eram mais considerados “esquisitos”, mas sim “miseráveis”. Eles não eram mais uma fonte de diversão para a família e a comunidade, pois se tornaram portadores do propósito de Deus. Cabe à Igreja e aos fiéis libertar os “anormais” do pecado, com base na caridade e em nome do Senhor.

No século XV, a sociedade não tinha responsabilidade pelas pessoas com necessidades especiais, que poderíamos identificar positivamente como “anjos que brilham”. Não houve progresso neste período da história em favor desta população. Se os tempos os favoreceram de alguma forma, foi muito pouco. Essas criaturas de Deus viviam em desespero, dor e marginalização.

Essas pessoas, que são muito mais bem identificadas como “perfeitamente diferentes” ou “anjos que brilham”, encontraram pouca simpatia na Idade Média e o apoio efetivo era escasso. Eles eram constantemente surpreendidos pela dor, perseguição, superstição, maldade e morte. O significado religioso das deformações, com maus fundamentos e intenções, aumenta; essa realidade se manifesta na arte, pois os gênios malignos são representados na figura de seres fisicamente deformados. A deformidade era um castigo divino e a doença era obra do diabo.

Nos séculos XX e XXI, surge uma nova compreensão das pessoas com necessidades especiais. A nova visão, baseada em direitos humanos ou entendimentos sociais inclusivos, inicia o estudo científico da relação entre uma pessoa com necessidades diferentes e seu ambiente. Essa nova realidade leva ao desenvolvimento de novos modelos de deficiência que acrescentam percepções

alternativas à compreensão desse importante setor social.

Mudanças de atitude levaram a transformações na compreensão de certas características físicas que antes eram consideradas deficiências. Até a década de 1960, por exemplo, os canhotos eram vistos com certa desconfiança. Eles foram forçados a escrever com a mão direita! Em alguns casos, eles eram punidos se não o fizessem. Entretanto, na década de 1980, essa realidade foi aceita como uma característica física “normal”.

Nas sociedades atuais existem leis para proteger parte do meio ambiente e espaços públicos e privados para pessoas com necessidades especiais. A tendência de legitimação da legalidade estabelecida na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência já é um fato, de modo a garantir a participação das pessoas com deficiência em todas as esferas religiosas, culturais e sociais, sem qualquer tipo de discriminação.

Pessoas com necessidades especiais na Bíblia

No mundo e nas sociedades de onde surgiram o Antigo e o Novo Testamento, os doentes, independentemente de sua condição, eram considerados pecadores. Em outras palavras, eram pessoas que se afastaram de Deus. Por essa razão, eles foram punidos em seus corpos ou em suas mentes. Eles foram discriminados e colocados à margem da sociedade. Essas criaturas doentes sofreram muito com o que estavam vivenciando. Não apenas do ponto de vista físico e social, mas também emocional e espiritual. Aquele ser humano doente sentia-se prisioneiro das forças do mal, que o afastavam da sociedade, da comunidade dos fiéis e da possibilidade de uma boa comunhão com Deus. Ele era considerado uma criatura “impura” e distante de Deus.

Jesus rompe com essa percepção equivocada da criação de Deus. Suas constantes abordagens amorosas e encontros libertadores com os doentes revelam que Deus não está longe deles. Seus atos milagrosos de cura e libertação permitem que homens e mulheres recuperem sua dignidade e a oportunidade de desfrutar a vida em comunidade. Quando olhamos para o ministério de Jesus com pessoas com necessidades especiais, entendemos melhor como essa população era importante para Deus. E quantos textos bíblicos nos ajudam a compreender esta grande verdade!

A igreja de Cristo deve exercer o ministério congregacional para abençoar pessoas com diferentes necessidades. O apóstolo Paulo afirma: “Antes, servi-vos uns aos outros em amor” (Gl 5:13). Este é um mandato apostólico e bíblico que inclui toda a criação de Deus. E esse grupo deve incluir uma população que por muitos anos não foi levada em consideração. O Deus da bondade nos lembra que nosso relacionamento com cada pessoa, jovem ou adulta, deve ser baseado no amor. Se seguirmos esse ensinamento o mundo será diferente.

Programas de educação cristã inclusiva aumentam os orçamentos das igrejas porque exigem modificações nas instalações, novas construções, equipamentos educacionais e tecnológicos especializados.... Eles exigem mudanças necessárias e importantes! E elas devem ser feitas de coração e incondicionalmente. Não podemos esquecer que Deus abençoa seu povo para

abençoar. Nossa responsabilidade como crentes e líderes é incluir toda a criação de Deus nos projetos de crescimento e maturidade cristã da igreja, pois todos temos o direito de abraçar a fé e desfrutar do evangelho. A espiritualidade cristã transformadora é desenvolvida em ambientes educacionais desafiadores, que promovem o crescimento integral de todos os crentes como povo de Deus.

O mundo foi criado por Deus para que homens, mulheres, idosos, jovens e crianças possam desfrutar. Ainda temos muito que aprender com esses “anjos que brilham” que são pessoas com necessidades especiais. E uma das áreas mais importantes que podemos melhorar com eles são nossas atitudes. Como cuidar deles e ajudá-los em seu processo de crescimento educacional, a fim de ampliar seus conhecimentos sobre a fé e o amor de Deus.

Pessoas com diferentes habilidades e necessidades são capazes de aprender em diferentes níveis e com habilidades únicas! Pessoas perfeitamente diferentes não são apenas seres humanos que nos lembram da importância do serviço, da dedicação e da misericórdia, mas também nos desafiam a abordar a vida de uma maneira diferente. Eles são anjos que brilham, porque nos lembram que eles fazem parte da criação e que tudo o que Deus faz é bom.

Crianças com necessidades especiais

Todas as crianças não são realmente especiais? É o que muitas pessoas pensam, e com razão. No entanto, quando falamos de uma “criança com necessidades especiais”, a que estamos nos referindo? Estamos falando de qualquer menino ou menina que possa precisar de ajuda adicional na vida, devido a um problema médico, físico, emocional ou de aprendizagem. Essas crianças têm necessidades especiais, segundo especialistas no assunto, pois podem necessitar de medicamentos, terapias ou alguma ajuda física em casa, na escola, no parque ou na igreja, coisas que outras crianças normalmente não precisam ou precisam apenas esporadicamente.

Há crianças nas escolas que precisam de cadeiras de rodas ou aparelhos ortopédicos para se locomover porque têm necessidades especiais. Eles não só precisam de equipamentos físicos para ajudá-los a se movimentar e se locomover, como também precisarão de outros meios para ajudá-los a desfrutar de uma vida “menos desafiadora” na sociedade. Eles também podem precisar de um ônibus especial para ir à escola, um que os pegue e deixe no local certo para que não precisem subir escadas. Rampas e elevadores também são muito necessários para essas crianças que crescem e se desenvolvem em meio ao nosso povo, sociedade e igrejas.

Também não podemos esquecer das crianças que sofrem de doenças especiais, como epilepsia, diabetes ou paralisia cerebral, pois elas também têm necessidades especiais. A grande maioria dessas criaturas necessita de medicamentos ou outra assistência para realizar suas atividades diárias. Crianças com deficiência visual podem precisar de livros preparados em Braille. Crianças com problemas de audição ou de fala também têm necessidades especiais. Uma criança com problemas auditivos pode precisar de aparelhos auditivos para ouvir, pois é muito difícil pronunciar as palavras corretamente quando não consegue ouvir bem.

Há outro setor social que não podemos ignorar. Pessoas com dificuldades de aprendizagem geralmente também têm necessidades especiais. Crianças com síndrome de Down podem frequentar uma escola bíblica regular e até mesmo

estar em aulas com o restante do corpo estudantil. No entanto, elas têm necessidades especiais de aprendizagem, então podem precisar de alguém para ajudá-las no processo educacional.

Deus quer que respondamos com sabedoria e relevância à criação de Deus que é criada dentro do espectro do autismo (TEA). O número de pessoas com essa condição está aumentando na sociedade, nos lares e em nossas congregações. Geralmente conseguimos identificar algumas crianças com necessidades especiais, mas possivelmente não todas. Há crianças que podem ter problemas que não são óbvios a olho nu, a menos que você conheça bem a criança e tenha algum tipo de relacionamento fraternal ou familiar com ela.

Os casos podem ser diferentes e alguns são muito difíceis de identificar, como problemas de ansiedade ou depressão. Às vezes, elas não são notadas, a menos que a criança diga. Muitos deles podem estar em tratamento médico, ou seus pais, professores e conselheiros podem já estar trabalhando com eles individualmente para ajudar com sua condição.

A vida para crianças com necessidades especiais

A vida de crianças com necessidades diferentes pode ser mais desafiadora do que para o resto da população infantil. Pode ser mais difícil aprender e fazer coisas que outras crianças fazem, que não têm as mesmas condições que elas ou não enfrentam as mesmas situações particulares que elas. Para muitos, aprender a ler, escrever, usar tesouras ou lápis é um grande desafio. Muitas dessas criaturas reagem com frustração quando não conseguem realizar as tarefas que o resto do grupo faz. Eles ficam tristes quando, devido a alguma deficiência física, não conseguem se locomover na escola, na igreja, em um parque ou em um shopping, simplesmente porque esses lugares não estão preparados para atender às suas necessidades.

A boa notícia é que se todos nos unirmos como povo, seremos capazes de formar uma sociedade onde todas as pessoas terão seu lugar. Com a boa vontade e o comprometimento dos pais, familiares, médicos, enfermeiros, terapeutas, professores, escolas e igrejas, poderemos oferecer a ajuda que essa população precisa. Todos nós devemos trabalhar para alcançar a maior independência que essas crianças precisam e podem alcançar.

Um elemento importante nesse processo é alcançar uma sociedade onde todos os setores tenham espaço. Deixe que os adultos se envolvam naturalmente na dinâmica que envolve essas criaturas delicadas com desafios físicos e emocionais. Todos podem ser de grande ajuda. Como conseguir isso? Simplesmente promovendo a importância da amizade e da união. Todos nós precisamos ter amigos! Crianças que usam cadeiras de rodas ou meninas com problemas de saúde também precisam de amigos, assim como o resto da comunidade.

No entanto, muitos deles podem achar muito difícil conhecer pessoas, pessoas boas, e fazer amigos. Em uma sociedade onde o bullying está no seu nível mais alto, esse setor da população é mais frágil e vulnerável. Crianças com necessidades especiais, em alguns casos infelizes e complexas, sofrem ridículo e, às vezes, são feitos comentários inapropriados a elas, que todos devemos identificar, rejeitar, condenar e evitar. Essa situação não deve ser permitida em

nenhuma circunstância. Casos como esses devem ser denunciados às instituições e pessoas relevantes, para que não aconteçam novamente. Essas situações causam solidão, marginalização, rejeição, dor, angústia. Crianças abusadas podem ficar com cicatrizes negativas para o resto da vida.

Como parte de um povo crente, cujos valores cristãos devem sempre florescer em todos os momentos, em todas as situações e com todos os seres humanos, nossa posição é sempre levantar os caídos, ajudar os necessitados e apoiar os desamparados. Nossa vocação é fornecer toda a ajuda ao nosso alcance para crianças com necessidades especiais. Há tanta coisa que podemos fazer com essa extraordinária população infantil!

Adultos, jovens e crianças podem se envolver em muitas boas obras com essa população que cresce a cada dia. A lista de coisas que você pode fazer é longa: você pode levar livros para eles ou fazer algo tão simples como convidá-los para almoçar com um grupo de amigos. Às vezes é necessário segurar a mão deles quando caminham por lugares difíceis para eles, estudar juntos em pequenos grupos, visitá-los em suas casas, dependendo do caso ou condição, etc. Por outro lado, é importante que não “ajudem demais” quando a ajuda não é necessária, porque, como todas as outras pessoas, as crianças com necessidades especiais também lutam e querem aprender a ser independentes.

Uma das melhores maneiras de ajudar crianças com necessidades especiais é ser gentil, amigável e respeitoso. Ao interagir com esse setor da comunidade, você pode entender melhor como é estar na situação deles e os desafios que eles enfrentam continuamente. E ajuda a responder a uma necessidade muito especial, que todos nós temos: a necessidade de ter bons amigos e ser o mais independente possível.

Concluo esta seção relembrando a mensagem de Marcos 2:1-12, onde quatro pessoas apoiam um amigo paralítico e o levam até Jesus. Tudo parecia muito difícil para os amigos do homem deficiente, mas eles lutaram até levarem seu amigo com necessidades especiais a Jesus. O texto bíblico diz que, “vendo-lhes a fé”, Jesus curou o necessitado e também lhe perdoou os pecados.

Que linda lição de amor, fraternidade e solidariedade foi transmitida pelos amigos do homem com necessidades especiais! Além de ajudar o homem com tantos desafios físicos e emocionais, eles queriam que seu amigo parasse de sofrer e se libertasse da paralisia que estava sofrendo. Eles ansiavam que seu

amigo aproveitasse novas possibilidades na vida e fosse capaz de cuidar de si mesmo. Eles se uniram como parte da comunidade em um projeto que, possivelmente, teve algumas conquistas, mas não as que eles queriam. Eles queriam um progresso maior na vida de uma pessoa boa e amada, que fizesse parte de sua comunidade.

O desejo dos amigos pelo bem-estar do parálítico, a amizade que os unia, o amor incondicional que os movia e a fé de que poderiam melhorar a situação do necessitado, concretizaram o ambiente desejado e a nova vida de uma pessoa com necessidades especiais. O que somos capazes de fazer para aproximar de Deus aqueles que vivem prostrados, no silêncio, na escuridão, na ansiedade, nas limitações, na desesperança?

Boas-vindas calorosas à casa de Deus

Era domingo de manhã e meu primeiro dia como esposa de pastor na Igreja Cristã (Discípulos de Cristo) de Hato Nuevo, em Guaynabo, Porto Rico. O entusiasmo por conhecer a congregação encheu minha vida de imensa felicidade e alegria indescritível. Quando cheguei ao templo conheci uma moça simpática, muito bem vestida e com “luz nos olhos”. Ele imediatamente disse “olá” e apertou minha mão. Cumprimentei-a com ternura e antes de perguntar seu nome, ela me disse que o nome dela era Nelly. Ela era uma linda menina com síndrome de Down.

Imediatamente me lembrei dos meus estudos de enfermagem, que me ajudaram a entender e abordar Nelly com respeito e dignidade. Com ela aprendi que todos nós merecemos o direito de ser amados e valorizados. Seu silêncio diante de situações dolorosas me fortaleceu. Sua boa memória, sendo capaz de lembrar com imensa alegria do meu filho e de sua família pastoral, depois de muitos anos de ausência, me levou a afirmar que ela era de fato uma menina especial e, certamente, muito valiosa.

Quanto bem Nelly fez pela igreja que serviu até sua morte! E quanto a congregação contribuiu para seu crescimento pessoal e espiritual! De fato, foram muitas as lições que aprendi em diferentes experiências pastorais e educacionais que me levaram a estudar o tema da educação cristã transformadora para crianças com necessidades especiais.

Ao ler o livro *Autismo e sua Igreja*, de Barbara J. Newman, lembrei-me novamente de Nelly, porque aconteceu comigo a mesma coisa que a autora menciona no prefácio daquela importante obra: “De repente, me vi diante de uma mensagem escrita de forma muito elegante, em frente a uma igreja que me chamou a atenção. Ao passar por este templo evangélico, li uma placa que dizia: ‘Bem-vindos a todos à casa de Deus.’”

Não consegui evitar minha reação àquela frase que martelava forte na minha cabeça. É verdade que todos os seres humanos são bem-vindos? Todos os tipos de pessoas participarão dessa congregação? Que programas você terá para senhoras e senhores que chegam à sua porta com necessidades especiais? As

instalações físicas estarão preparadas para receber crianças em cadeiras de rodas ou com dificuldade de locomoção? Como você aborda crianças e pais com “anjos que brilham”?

A Sra. Newman não pôde deixar de se perguntar o quão bem-vindas as pessoas com necessidades especiais eram naquele templo imponente. Principalmente crianças com síndrome de Down, ou aquelas que sofrem de autismo, surdas, mudas, cegas, hiperativas, de aprendizado lento, ou aquelas que são de outras raças, pobres, marginalizadas, que têm estilos de vida não tradicionais, os sem-teto...

A verdade, continuou a Sra. Newman, é que “tive a impressão de não ser bem-vinda ali, e muito menos meninas com síndrome de Down, ou meninos como Roberto, que sofrem de autismo, ou como Juan Carlos, que é surdo-mudo. “Senti que a função daquela placa era apenas embelezar o local e impor algum acordo da igreja.”

Esse rótulo, na história do livro da Sra. Newman, despertou em mim uma preocupação que doía em meu coração há muitos anos. Por isso, neste trabalho escrito, destaco a história e a importância de uma população profundamente ferida e ignorada pela sociedade e pela Igreja do Senhor. Este capítulo tem como objetivo motivar líderes e congregações de crentes a entender a importância de desenvolver programas de educação cristã integrados e transformadores para crianças com necessidades especiais.

Estou tentando chegar ao coração da liderança eclesiástica, para que eles conheçam e estejam preparados para responder a essa população infantil, que por tantos anos foi anônima, escondida, secreta, separada.... Talvez seja necessário considerar treinar nossos líderes congregacionais com bons programas educacionais e começar a implementar novos esforços de apoio para esse setor vulnerável e necessitado da comunidade. Crianças com síndrome de Down, autismo, cadeirantes e outras condições físicas e emocionais precisam se sentir amadas, cuidadas, respeitadas e acompanhadas.

Existem muitas instituições onde crianças com condições especiais são recebidas com dignidade e cuidado amoroso. Eles desenvolvem uma série de serviços educacionais para satisfazer e trabalhar as áreas dessas criaturas que precisam ser fortalecidas. E enquanto isso ocorre na sociedade, nas igrejas onde frequentam famílias com crianças com deficiência, produzem-se ambientes adversos de

tensão, dor, rejeição e marginalização.

Contudo, essa certamente não é a intenção das congregações e seus líderes. Muito pelo contrário! Eles querem colaborar intencionalmente e ajudar as famílias. Eles estão dispostos a fazer as mudanças necessárias para que todos possam participar dos cultos e programas educacionais, e para que sua liderança esteja preparada para cuidar das crianças em todas as dimensões que respondam às suas necessidades. Há muitas igrejas que querem começar a servir e reagir positivamente a essa população, mas não sabem como fazer isso.

“Bem-vindos, todos, à casa de Deus” é o convite do Senhor ao seu povo, não o nosso convite. Cabe a nós, líderes e educadores, garantir que esse chamado atenda a todos os níveis de aceitação em relação às pessoas que vêm com a necessidade de crescer, aprender, amar e se sentir amadas. Fazer parte da comunidade de pessoas com necessidades especiais não as torna incapazes de serem educadas, de rir, de amar, de se desenvolver e de alcançar grandes feitos...

Anjos que brilham

Crianças com condições ou necessidades especiais estão conosco como estrelas brilhantes. Eles são figurativamente “anjos brilhantes”, enviados pelo Senhor, que vêm e nos acompanham para aperfeiçoar nossos ministérios. Com eles presentes em nossos lares e nos diferentes ambientes de trabalho, poderemos alcançar o ápice dos valores cristãos que devem nortear a vida de todo educador e fiel. Eles são anjos, porque são enviados por Deus; e brilham, porque se destacam e chamam a nossa atenção.

Se os tivermos em nossos estudos bíblicos, adoração e ambientes de serviço, e não os incorporarmos em nossos programas, nossa missão carecerá de significado, sensibilidade, compaixão e amor. Seria uma educação cristã incompleta, parcial, aleijada, imprópria e impertinente!

Não podemos negar que incorporar crianças com necessidades especiais e particulares aos programas de educação cristã não é uma tarefa fácil, muito menos superficial ou improvisada. Não são responsabilidades e ministérios simples, por vários motivos, entre os quais podemos identificar os seguintes: falta de conhecimento ou preparação dos líderes e do pessoal responsável; falta de locais adequados para implementar esses programas; pouco interesse em atender essa população, já que essas crianças não fazem parte do orçamento da igreja; ou nenhum membro da família participa do processo de ensino.

A realidade é que já existem comunidades de fé nos Estados Unidos e na América Latina que incorporaram programas especializados de educação cristã. Mesmo com pessoal treinado e bons materiais didáticos para esse segmento de crianças. Entretanto, ainda há muitas congregações que não estão respondendo a esse clamor. Ainda existem comunidades de fé com uma população considerável desses “anjos que brilham”, que aguardam materiais e programas que os ajudem a entender como participar desses importantes processos pedagógicos transformadores.

O departamento de educação cristã das igrejas que atendem crianças deve levar muito a sério a importância desse setor da congregação. É necessário responder de forma eficaz e positiva a esta população eclesial na preparação dos seus

programas. Para ser eficaz, são necessários conhecimento, comprometimento, preparação, treinamento e bons materiais educacionais. Além disso, a equipe que atenderá diretamente esses “anjos que brilham” deve estar familiarizada com as condições, desafios e doenças que essas criaturas sofrem.

Para servir de forma eficaz, os líderes educacionais precisam saber como se envolver com essa população. Além disso, é importante relacionar-se com o suporte disponível para gerar uma experiência educacional transformadora, adequada, relevante e eficaz. A primeira coisa que você deve saber e afirmar é que todas as pessoas são capazes de compreender e aprender sobre o imenso amor de Deus. Compartilhar essa verdade e conhecimento deve ser um prazer, uma experiência de alegria e uma dinâmica de satisfação para os educadores. Conhecer e compartilhar a palavra de Deus são experiências que nos transformam, nos tornam pessoas mais fortes e melhores.

A partir dos valores que promovem uma experiência educacional diferente e apaixonante, descobriremos como o poder do amor é capaz de nos conduzir por caminhos novos e prazerosos. O amor de Deus no coração dos professores e alunos é essencial. Principalmente para poder ver e experimentar o que o Senhor é capaz de fazer com os seres humanos. Essa abordagem às pessoas com necessidades especiais também é organizada para nos fazer parar e olhar de forma diferente. O que podemos descobrir? Tudo o que eles podem aprender, desde que consigamos identificar os ritmos e estilos de aprendizagem de cada criatura.

O tema do amor é um elemento-chave nos ministérios educacionais com os “anjos que brilham”. Desde o início de suas vidas, o amor deve ser a característica fundamental da dinâmica que os cerca no hospital, no lar, na escola, na comunidade e na igreja. Somente em ambientes saturados de amor esse setor da população tem capacidade de crescer e desenvolver todo o seu potencial.

Estatísticas indicam que a porcentagem de crianças com autismo, síndrome de Down, surdas, mudas, cegas, com deficiência cerebral, hiperativas e com deficiência física continua a crescer. Diante dessa realidade, professores e funcionários que trabalham com crianças com necessidades especiais nas igrejas devem saber três pontos importantes na hora de ensinar:

Aprendizagem dos ritmos que cada criança possui:

Refere-se ao tempo que cada aluno necessita para processar as informações que recebe. A velocidade com que você manipula e organiza o material de aprendizagem. O tempo que leva para reconstruir os conceitos. A velocidade com que você conclui suas práticas em sala de aula e a maneira como você faz sua lição de casa.

Estilos de aprendizagem:

É a maneira característica pela qual o aluno está em melhores condições de aprender e se relacionar com materiais educacionais. Também se refere ao estilo de condução da aprendizagem do professor. Ao ambiente estruturado e flexível na sala de aula e na dinâmica pedagógica. E as preferências de estudar em grupos grandes, pequenos ou individualmente.

Ambiente e técnicas de ensino:

O ambiente e as técnicas de ensino mudaram ao longo do tempo. É uma realidade que não podemos ignorar. A esta verdade devemos acrescentar que o número de crianças com necessidades especiais e condições diversas tem aumentado nas congregações. Os funcionários que trabalham em departamentos de educação cristã devem estudar essas novas técnicas de aprendizagem para incorporá-las em seus programas. Ignorar essa realidade e não atualizar suas metodologias de estudo e trabalho não é sensato.

Conclusões

Crianças e todas as pessoas com necessidades diferentes devem fazer parte de programas educacionais em comunidades religiosas. É hora de rejeitar e condenar a injustiça e a separação. Este importante setor da nossa sociedade deve fazer parte da igreja do Senhor, com os mesmos direitos de todos os paroquianos. Numa sociedade que celebra a “perfeição física”, mas não valoriza a vida antes do nascimento e também afirma a separação, a igreja do Senhor deve fazer-se sentir. Você deve ganhar respeito para ser ouvido com sua voz profética.

Sua mensagem em favor de pessoas indefesas, vulneráveis e marginalizadas deve ser acompanhada de testemunho e exemplo. Os programas educacionais para as congregações devem ser excelentes e devem incluir “anjos que brilham”. Esta população foi enviada por Deus para iluminar nossas cidades, nossa sociedade, nossas congregações e nossos lares. Eles são um presente do Criador para que possamos ser transformados em pessoas sensíveis e boas. Nós, seres humanos, fomos criados à imagem de Deus. Com firmeza, clareza e força devemos afirmar que “todos possuímos dignidade e valor”. Deus nos criou com propósitos em seu plano perfeito.

É dever da igreja educar sua comunidade de fé sobre as questões importantes presentes nas Sagradas Escrituras, que produzem mudança e unidade em seu povo. É preciso afirmar a importância do amor, do respeito, da dignidade, da comunhão, do companheirismo, das diferenças, da aceitação, da esperança, da alegria, da paciência, da gentileza.... Todos esses temas devem ser agentes de união!

O apóstolo Paulo escreveu de forma interessante e desafiadora sobre o espinho que feriu seu corpo. Quando ele pediu a Deus que o tirasse dele, a resposta que ele recebeu deve nos levar a refletir: “Mas ele me disse: ‘A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza.’ Portanto, de boa vontade me gloriarei nas minhas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo” (2 Co 12.9, NVI). Acredito que Deus formou toda a criação “perfeitamente diferente” para revelar seu poder através de nossa fragilidade humana. E em

todos nós ele deseja revelar seu poder em diferentes dimensões de fé para sua glória.

Diante dos problemas e dificuldades enfrentados pelos “anjos que brilham” e seus pais, a Igreja deve preparar o caminho para atender essa população que sofre, chora, lamenta, se separa e se sente sozinha. Como crentes, somos chamados a acompanhá-los com compaixão e ternura em sua difícil jornada humana e psicológica. Podemos conseguir isso por meio de uma ação educativa de qualidade, direcionada e eficaz, por parte de irmãos e irmãs de boa vontade, dispostos a se preparar para servir e realizar um milagre.

“Se eu falar as línguas dos homens e dos anjos, mas eu não tiver amor, não sou nada mais que um metal que ressoa ou um címbalo que retine. Se eu tenho o dom da profecia e eu entendo todos os mistérios e eu possuo todo o conhecimento, e se eu tenho uma fé que pode mover montanhas, mas me falta amor, não sou nada. Se eu distribuir tudo o que possuo aos pobres, e se eu entregar meu corpo para ser consumido pelas chamas, mas eu não tiver amor, não ganho nada com isso.

...

Agora, então, essas três virtudes permanecem: fé, esperança e amor. Mas o mais excelente deles é o amor.”

1 Coríntios 13.1-3,13, NVI

Para viver de acordo com o amor descrito em 1 Coríntios 13, o tópico da educação cristã para “anjos que brilham” deve ser uma prioridade em nossas congregações. É preciso selecionar e investir nos melhores seminários e workshops para preparar os próximos líderes desses projetos. Com esses novos e eficazes ministérios de ensino, o sistema educacional da Igreja poderá responder às necessidades das crianças com deficiência. Essa resposta de serviço e amor ao próximo ajudará a preparar um contexto educacional apropriado para todos os crentes.

Capítulo 5:

Educação Cristã e Pós-modernidade

Paulo A. Jiménez

Após-modernidade busca a democratização do conhecimento. Enquanto a modernidade apenas validou conhecimento adquirido através de instituições, a pós-modernidade valoriza o conhecimento que é alcançado através do estudo independente — como tutoriais do YouTube ou aplicativos como o Duolingo — e as habilidades que são desenvolvidas empiricamente. Isso também implica uma mudança nas teorias do conhecimento. Antes que o conhecimento fosse recebido, agora ele é descoberto.

Introdução

Meu filho mais velho cursou o ensino médio em Indianápolis, Indiana, localizada no centro dos Estados Unidos (conhecido em inglês como “Midwest”). As aulas começavam às 7h35 da manhã. Então ele teve que sair de casa pouco antes das 6h30 para pegar o ônibus que o levaria para a escola. Essa rotina era particularmente cruel no inverno, pois ele tinha que andar na neve e no gelo no escuro para chegar ao ônibus. As crianças começaram a estudar na “escuridão”, já que no inverno o sol nasce por volta das oito da manhã naquela parte do país. O interessante é que a escola terminou cedo. Às 2h15 minutos meu filho já estava indo para casa.

Como você pode imaginar, esse horário de aula parecia ridículo para mim. Se a maioria dos pais trabalha entre 8h30 e 18h, por que os alunos tiveram que chegar antes da grande maioria dos pais sair para o trabalho e sair muito antes dos mais velhos voltarem para casa?

Vestígios coloniais

A história esclarece esta situação para nós. O horário escolar no centro dos Estados Unidos, uma área historicamente agrícola, é um vestígio do passado. Foi criado há séculos, quando os meninos acordavam às quatro da manhã para cuidar dos animais da fazenda. Às 6h30, depois de algumas horas de trabalho duro, eles estavam alertas, prontos para ir para a escola. As aulas terminavam no início da tarde para que os meninos tivessem várias horas de sol para trabalhar na fazenda.

O itinerário não é o único vestígio colonial na educação contemporânea. O currículo uniforme que caracteriza a maioria dos nossos programas de estudo também surgiu na época colonial.

Ken Robinson explica que a ideia de um currículo unificado, onde as crianças estudam as mesmas disciplinas, nas mesmas séries, na esperança de desenvolver as mesmas habilidades nas mesmas idades, surge do sistema colonial inglês. A coroa inglesa forjou um império que se estendeu por todos os cantos do mundo. Incluiu setores tão diversos como África do Sul, Austrália, Bahamas, Barbados, Belize, Canadá, Hong Kong, Índia, Jamaica, Nova Zelândia e até mesmo as Ilhas Malvinas, entre outros. Robinson afirma que os britânicos desenvolveram o currículo para que todos os súditos da coroa tivessem a mesma educação, em qualquer lugar do império. Isso facilitou a mobilização de oficiais do governo e tropas britânicas, já que todos os oficiais receberam exatamente a mesma educação. Isso os tornou intercambiáveis. Portanto, uma pessoa educada na Índia poderia trabalhar em Hong Kong ou em qualquer outro lugar do império.

A estrutura hierárquica dos nossos programas educacionais também tem conotações coloniais. O corpo docente é tanto uma fonte de conhecimento quanto uma figura de autoridade. A infância é vista como uma “tábula rasa”, maleável nas mãos do professor. Cabe aos considerados “especialistas” transmitir conhecimento aos alunos, enchendo suas mentes como se fossem copos vazios. Esse estilo de educação autoritária e hierárquica foi chamado de “educação bancária” por Paulo Freire. Nesse modelo, o corpo docente é o executor do conhecimento que é gradualmente repassado aos alunos.

Colonialismo e modernidade

O sistema educacional implementado na época colonial respondia aos parâmetros da modernidade, uma época caracterizada pela “fé” no indivíduo, vendo o ser humano como a medida de todas as coisas. Como exemplo, considere que René Descartes, que desenvolveu o processo de “dúvida metódica” para provar a existência de Deus, chegou à conclusão de que só poderia ter certeza de sua própria existência. O famoso cogito, ergo sum de Descartes, (“penso, logo existo”) “matou” Deus, em vez de provar sua existência.

Por causa de sua ênfase no ser humano e sua fé na razão, a modernidade promoveu o ateísmo. Vemos isso tanto na ideologia marxista (“materialismo dialético”) quanto na ideologia evolucionista darwiniana (“sobrevivência do mais apto”). A fé da modernidade no homem, na ciência e na razão provou ser falsa. Ela foi parar nos fornos de Auschwitz, quando a Alemanha, o país mais avançado do mundo em termos filosóficos e científicos, cometeu o maior crime da história: o Holocausto.

Ideologias pós-modernas surgem em reação aos crimes da modernidade. Caracteriza-se pela sua descrença nas grandes histórias “mestras” — as “metanarrativas” totalizantes promovidas pela modernidade. A narrativa da conquista da América é uma história-mestra, que tenta simplificar a história da complicada conquista da América. A pós-modernidade rejeita esse simplismo, considerando as histórias de grupos minoritários (as “micro-histórias”) e, portanto, aceitando a diversidade étnica, racial e cultural. Em suma, as ideologias pós-modernas rejeitam tudo o que é “totalizante”.

O pós-modernismo não tem fé cega na razão, mostrando uma visão positiva dos sentimentos e da espiritualidade. Embora veja a ciência mais como um problema do que como uma solução, ele tem uma atitude positiva em relação ao uso da tecnologia. Porque? Porque ele vê a tecnologia como algo “democratizante” que liberta o indivíduo e a sociedade dos grandes monopólios. Por exemplo, onde a produção e publicação de programas de televisão costumavam ser inacessíveis ao cidadão comum, hoje qualquer pessoa com um smartphone em mãos pode

publicar um vídeo no YouTube, Vimeo ou alguma outra rede social.

Enquanto a modernidade via a religião como algo irracional, a pós-modernidade está aberta a todos os tipos de espiritualidade, incluindo a espiritualidade cristã. No entanto, ele rejeita visões totalizantes da “cristandade” como o único caminho para a salvação e critica os crimes cometidos durante a expansão missionária. Isso está promovendo o surgimento da “fé pessoal”, uma visão teológica eclética onde cada pessoa escolhe suas ideias religiosas preferidas.

Do ponto de vista teológico, o principal desafio colocado pela pós-modernidade é justamente a negação dos valores absolutos. Isto significa que, para a pós-modernidade, a “verdade” não existe. Pelo contrário, cada entidade — seja uma pessoa, uma organização ou uma comunidade — deve buscar “sua própria verdade”. Isto é simplesmente incompatível com o cristianismo.

Felizmente, a fé cristã pode entrar em diálogo sobre o significado da verdade nos tempos pós-modernos. O diálogo é possível se lembrarmos que a fé cristã afirma que Jesus é a verdade (ver João 14:6). Portanto, a verdade é pessoal, não proposicional. A verdade é vivenciada, não escrita em livros.

Pós-modernidade e pandemia

A condição pós-moderna foi afetada pela pandemia que começou em 2020 e ainda não foi totalmente controlada. Nesta seção aponto algumas características dessa nova realidade.

Primeiro, estamos vivenciando uma “aceleração” da vida, que alguns pensadores chamaram de “hipermodernidade”. Essa condição é caracterizada pela globalização dos mercados e dos produtos culturais; a acessibilidade de produtos de forma acelerada ou instantânea, como aplicativos para smartphones e e-books; “hiperconsumo” ou consumo excessivo, motivado por monopólios globais; a busca hedonista do prazer individual ou coletivo, que leva à medicação excessiva e ao culto à imagem corporal; e violência indiscriminada, como o terrorismo. Outro fator que contribui para essa sensação de aceleração é o declínio de instituições que antes serviam como referências sociais e morais, tanto em nível social quanto individual. Nesse cenário, as igrejas — entre outras instituições religiosas — perderam legitimidade.

Em segundo lugar, a sociedade está mais conectada do que nunca, mas ninguém se sente no controle. A Internet que facilita a conectividade não está disponível para toda a população. Essa diferença no acesso à Internet é conhecida como “exclusão digital”, que favorece as classes alta e média, dificultando a participação dos grupos mais pobres da sociedade.

Terceiro, a sociedade sofre de “ansiedade econômica”. Economistas dizem que a situação financeira está se recuperando, mas as pessoas estão ansiosas sobre o estado da economia. Embora ouçam que a economia está melhorando, eles sentem que sua situação pessoal não melhorou. Durante a pandemia, 13% das pessoas que ganhavam US\$ 100.000 perderam seus empregos nos EUA. No entanto, 39% dos que ganhavam menos de US\$ 40.000 foram demitidos.

Quarto, a ansiedade econômica leva à ansiedade cultural. Alguns segmentos da população sentem que perderam seu lugar na sociedade, o que os leva a expressar nostalgia pelo passado e hostilidade em relação a outros segmentos da população, a quem culpam por seus infortúnios. Essa ansiedade cultural se traduz em um “populismo” que motiva hostilidade em relação aos imigrantes e

às comunidades minoritárias. Em nível global, a ansiedade cultural alimenta o terrorismo, que surge quando a política se torna religião e a lealdade aos líderes políticos se torna idolatria.

Quinto, a hipermodernidade tornou possível transmitir grandes quantidades de informações (verdadeiras e falsas) pela Internet, quase imediatamente. Por sua vez, isso causou uma crise epistemológica, ou seja, na maneira como as pessoas aprendem. Hoje em dia é praticamente impossível distinguir entre realidade e fantasia, o que é verdadeiro e o que é falso. É por isso que alguns segmentos da população celebram a ignorância, porque não entendem que a liberdade de expressão não implica que todo discurso tenha a mesma validade.

Implicações para a educação

Nesta seção, exploramos o impacto da pós-modernidade na educação, destacando algumas das mudanças que ela trouxe ao ensino e à aprendizagem. É claro que esta lista não é exaustiva. Destacamos apenas alguns pontos que, em nossa opinião, são mais relevantes.

A pós-modernidade luta contra a totalização, afirmando que não há “centros” em torno dos quais a verdade é construída. Este processo de descentralização é conhecido como “desconstrução”. O processo coloca um conceito anteriormente central na periferia, transformando nossa visão desse conceito. Tomemos o caso da maternidade, que hoje define “mãe” como uma mulher que cria um bebê. Por esta razão, uma mulher que tem um filho através de uma “mãe de aluguel” é considerada a “mãe” da criança, enquanto a mulher que carregou a criança no seu ventre e deu à luz é agora considerada uma “mãe biológica”. O conceito que antes era central agora é periférico.

A pós-modernidade busca a democratização do conhecimento. Enquanto a modernidade apenas validava o conhecimento adquirido por meio de instituições, a pós-modernidade valorizava o conhecimento adquirido por meio de estudo independente — como tutoriais do YouTube ou aplicativos como o Duolingo — e habilidades desenvolvidas empiricamente. Isso também implica uma mudança nas teorias do conhecimento. Antes que o conhecimento fosse recebido, agora ele é descoberto. O aluno molda o conhecimento que recebe. Portanto, os alunos deixaram de ser meros receptores e passaram a ser participantes ativos do processo educacional.

A educação pós-moderna usa redes cibernéticas para apresentar conteúdo e exercícios sobre diversas disciplinas de estudo. A educação a distância, tanto remota quanto assíncrona, não só é possível hoje, como está na ordem do dia. Todos os pontos mencionados acima contribuem para a desconstrução de histórias mestras que antes eram apresentadas como verdades absolutas. Essas histórias mestras ou metanarrativas apresentavam as perspectivas dos grupos dominantes ou hegemônicos como as únicas válidas, relegando as perspectivas dos grupos minoritários à invisibilidade.

A desconstrução de histórias mestras abre espaço para a inclusão de narrativas de grupos antes relegados à invisibilidade. Isso significa que a história pode resgatar as vozes de mulheres, grupos indígenas, comunidades afrodescendentes, entre muitos outros. Por esta razão, a sociologia contemporânea não vê a América Latina como um “continente católico”, monoétnico e monolíngue.

O pós-modernismo, portanto, defende a inclusão de grupos anteriormente excluídos. Embora, em teoria, essa inclusão seja algo que todos deveriam comemorar — porque a validação dos direitos dos outros também valida os meus — ela pode muito bem causar conflito.

Como indicamos acima, a pós-modernidade também mantém uma atitude de suspeita em relação às ciências. Enquanto a modernidade pensava que a ciência nos salvaria eliminando doenças, a pós-modernidade aponta seus perigos, como os efeitos cancerígenos da radiação, doenças causadas pela poluição ambiental e catástrofes causadas pelas mudanças climáticas.

Em suma, a educação pós-moderna é um sistema muito complexo, onde se combinam educação presencial e assíncrona, educação formal e informal. O sistema critica hierarquias educacionais que veem os professores como “especialistas”, elitismo na educação em universidades de prestígio, programas de estudo uniformes, exames padronizados e currículos ocultos e nulos.

Implicações para a educação teológica

Embora algumas das implicações mencionadas na seção anterior tenham validade para a fé cristã, nesta parte exploraremos algumas das muitas implicações da pós-modernidade para a educação cristã e a formação espiritual na Igreja local. Além disso, veremos algumas implicações para a educação teológica em nível superior.

A evangelização da América Latina esteve intimamente relacionada ao colonialismo, na sua vertente católica, e ao neocolonialismo, na sua vertente protestante. Este triste fato nos obriga a avaliar a veracidade das doutrinas recebidas, examinando suas bases bíblicas e teológicas. Por exemplo, devemos examinar doutrinas como a “cessação” dos dons espirituais e as interpretações “espiritualistas” dos Evangelhos, que veem os milagres como metáforas e, portanto, negam a cura divina.

Essa atitude de suspeita nos leva a reler a Bíblia, para determinar a veracidade da mensagem herdada dos tempos dominados pela empresa colonial. Nossas leituras bíblicas devem examinar a importância do contexto histórico e linguístico do texto bíblico, considerando a pluralidade de culturas e línguas que encontramos no NT. Além disso, eles devem considerar o importante papel da comunidade cristã no desenvolvimento da fé. Isso nos levaria, por exemplo, a deixar de ver o apóstolo Paulo como um “cavaleiro solitário” e considerá-lo como o líder e mentor de uma equipe ministerial que coordenava o trabalho missionário em diferentes regiões do império.

Também é necessário reavaliar nossas abordagens à história da Igreja. Muitos grupos cristãos são excluídos dos livros de história da Igreja, que tendem a se concentrar no que aconteceu na Europa e nos Estados Unidos, relegando a história da Igreja no resto do mundo à disciplina anteriormente chamada de “história da missão”. Por esta razão, é necessário examinar nossa história para confrontar tanto os sucessos quanto os fracassos do cristianismo missionário na América Latina. Não podemos justificar os crimes cometidos pelo cristianismo nos tempos modernos, como a tolerância à escravidão e a chamada “neutralidade” em relação às ideologias que promovem a “supremacia branca”.

Este exame histórico nos levará a descentralizar a teologia. Por um lado, revelará seu caráter multiétnico, considerando a localização da Escola de Alexandria (composta por teólogos como Clemente e Orígenes, entre outros) e de Santo Agostinho no norte do continente africano. Por outro lado, revelará que o que a teologia que a modernidade apresentou como totalizante e absoluta era, na realidade, uma teologia vinda de uma única região do mundo: a Europa.

Em termos de antropologia teológica, a ênfase da pós-modernidade na valorização do indivíduo como pessoa faz dele sujeito de reflexão teológica. Isso implica uma abertura à teologia narrativa, onde aqueles que fazem teologia se referem à biografia e à sua experiência ou, para usar a linguagem evangélica, ao seu “testemunho”. Isso tem implicações evangelísticas e apologéticas, pois ninguém pode negar a experiência de outra pessoa. Neste contexto, a pós-modernidade possibilita uma evangelização que surge em meio ao diálogo e à busca da espiritualidade.

Ressalto que, para atingir esse objetivo, a evangelização na América Latina hoje deve abandonar a defesa do “cristianismo” que o cristianismo colonial promovia para recuperar a mensagem evangélica, o “evangelho completo” que nossas igrejas pentecostais pregam.

A Igreja deve encarnar os valores do Reino de Deus e a prática de Jesus. Ora, um dos grandes obstáculos à evangelização é justamente o fosso entre a prática de Jesus e a prática da Igreja contemporânea. Jesus nunca falou de um púlpito com um microfone na mão, nunca disse a ninguém para esperá-lo no templo na manhã de domingo e nunca levantou fundos para construir um templo. Isso envolve a prática do amor, entendido como abertura e inclusão de pessoas anteriormente excluídas, como Jesus demonstrou quando se aproximou de cobradores de impostos e profissionais do sexo. Lembremos que não precisamos legitimar um comportamento para alcançar, amar e incluir uma pessoa que hoje vive longe de Deus. O amor não proíbe dizer a uma pessoa “não peques mais”.

Em termos metodológicos, o modelo por excelência de ação pastoral é a prática de Jesus. Para atingir esse objetivo, devemos seguir um modelo de ação/reflexão. A reflexão inclui tanto a análise do conteúdo bíblico-teológico quanto o exame da realidade, utilizando as ferramentas fornecidas pelas ciências sociais.

Identidade é o grande tema pós-moderno. Ou melhor, “identidades”, já que cada pessoa tem várias lealdades. Nessa perspectiva, a educação cristã e a formação

espiritual buscam o desenvolvimento da “identidade cristã” de todas as pessoas de fé. Esta identidade é baseada na aliança batismal, entendida como “novo nascimento”. No mundo pós-moderno, a identidade cristã é muito mais importante que a identidade denominacional.

O impacto nas práticas educacionais

Toda a teoria vista nas seções anteriores nos leva a examinar nossas práticas educacionais tanto no nível da igreja local, quanto no nível da preparação ministerial. Isso é necessário porque as pessoas que se identificam com as novas gerações se identificam com o pensamento pós-moderno. Por quê? Simplesmente porque foram criados em um mundo pós-moderno.

Hoje, nossa prática educacional deve pressupor que a grande maioria das pessoas que desejamos alcançar não tem formação cristã. Isso significa que os materiais educacionais que usamos na Igreja local devem ser direcionados aos não crentes que não conhecem nem as histórias nem o conteúdo doutrinário da Bíblia. O pouco que sabem sobre fé, aprenderam por meio da religião popular, como filmes sobre Jesus, Moisés e outros personagens bíblicos.

Da mesma forma, isso implica que cada igreja local deve oferecer aulas para visitantes e novos crentes como parte da escola bíblica dominical. Também é crucial oferecer aulas de discipulado por meio de programas de estudo que podem levar anos, trabalhando em diferentes níveis.

A Igreja local também pode usar novas tecnologias cibernéticas para alcançar a congregação, oferecendo cursos de discipulado pela Internet. Uma organização religiosa tem diversas alternativas para atingir esse objetivo, como utilizar seu próprio site como plataforma educacional, utilizar redes sociais como grupos educacionais do Facebook ou criar cursos por meio de um sistema de gestão de aprendizagem como o Moodle ou o Google Classroom.

A preparação ministerial à distância na América Latina tem uma longa história. As instituições costumavam usar tecnologias que hoje consideramos rudimentares, como livros, cadernos e correio. Hoje, eles podem usar tecnologias cibernéticas para oferecer educação remota ou online, de forma síncrona ou assíncrona. Um dos benefícios da educação a distância, em suas diversas formas, é que ela mantém os alunos em contato com suas comunidades religiosas. Isso é uma vantagem em relação aos modelos residenciais, onde era necessário mudar para outra cidade ou até mesmo outro país para concluir os estudos teológicos. Aqueles que concluíram esses programas muitas vezes enfrentaram problemas

para se reintegrar à vida de suas antigas igrejas locais, desconectados de sua antiga realidade.

Como você notou, nesta seção enfatizo a importância da continuidade da formação espiritual. Entendo que a preparação ministerial e a educação teológica nos níveis de Instituto, Faculdade Bíblica e Seminário são formas de discipulado cristão, o mesmo discipulado que começa em cursos para novos crentes na Igreja local. Portanto, todo programa educacional elaborado a partir de uma perspectiva cristã deve buscar o crescimento e o desenvolvimento espiritual do crente, levando-o à prática das disciplinas espirituais de forma mais intensa e sincera.

Conclusão

A pós-modernidade apresenta grandes desafios à fé cristã, assim como a modernidade fez antes dela. Lembremos que nenhuma fase da história da humanidade foi ou será totalmente compatível com a fé cristã. Todos eles terão pontos de contato e motivos para controvérsia.

Deus chama cada geração de crentes para dar testemunho da fé cristã em seu próprio contexto. Hoje, a Igreja contemporânea deve proclamar a mensagem transformadora do Evangelho em meio a um contexto pós-moderno, que às vezes pode ser hostil à mensagem cristã.

Hoje, como ontem, Deus nos chama para proclamar as verdades divinas recebidas através do Evangelho a um mundo mau, descrente e idólatra. Embora os tempos e as ideologias mudem, a tarefa missionária permanece:

Vendo as multidões, ele teve compaixão delas, porque estavam aflitos e desamparados, como ovelhas sem pastor. «A colheita é abundante, mas os trabalhadores são poucos, disse ele aos seus discípulos. Peça, pois, ao Senhor da colheita “para enviar trabalhadores para o seu campo.” Mateus 9.36-38

Capítulo 6:

Educação para o Desenvolvimento de uma Liderança Eficaz

Raúl Zaldívar

A igreja que faz da mentoria a base do seu desenvolvimento de liderança terá resultados simplesmente extraordinários, tanto em nível pessoal quanto para a sociedade que atende. A nível pessoal, irá alargar os seus horizontes mentais, que lhe ensinará como falar, como se comportar e como se comportar, e, claro, isso lhe dará segurança e confiança no que você faz. Em suma, é um processo que forma a pessoa com uma série de valores que se tornam condição fundamental para transcender na vida, como homens e mulheres chamados para coisas importantes. O mentor instila esses valores espirituais e esse conhecimento que eles fazem da pessoa alguém de grande valor.

Educação e liderança

Desenvolver a liderança da igreja não é apenas uma opção para os tomadores de decisão; é, além de um dever, um privilégio. Ser capaz de levar um ser humano de seu estado atual para um estado superior é uma das experiências mais gratificantes que um educador pode ter. Dado o que esse processo de ensino e aprendizagem representa, não podemos deixar pontas soltas ou coisas ao acaso; é necessário ser intencional e operar sob um plano de desenvolvimento humano cuidadosamente concebido. O propósito é educar as pessoas sob nossa responsabilidade, não apenas para o seu próprio bem, mas para a realização da missão da igreja e dos objetivos subsidiários que ela tem na sociedade que serve.

Para responder à pergunta que serve de título para esta apresentação, Como desenvolver a liderança da igreja por meio da educação?, vamos nos concentrar em cinco aspectos que consideramos essenciais e que esclarecem como podemos desenvolver as pessoas que Deus colocou sob nossa responsabilidade por meio da educação.

Uma filosofia educacional clara

Usaremos aqui a palavra filosofia como sinônimo de ideias e atitudes que servem de base para nossa forma de agir em determinado momento, que no nosso caso é a formação de líderes. Nesse sentido, uma igreja ou instituição deve ter as seguintes ideias claras:

A importância da educação

Sobre o conteúdo da educação

No caminho da educação, e finalmente...

Como colocar essa educação em prática

Vamos primeiro falar sobre a importância de educar líderes. Devemos deixar claro que os líderes são aquelas pessoas em quem as igrejas ou qualquer instituição confiam para cumprir sua missão ou executar projetos subsidiários. Quanto mais preparadas estiverem as pessoas com quem trabalhamos, maiores serão nossas chances de sermos eficazes e influentes nos ambientes em que interagimos, daí a importância de educar as pessoas.

O segundo aspecto tem a ver com o conteúdo do estudo. Não podemos ensinar algo só porque gostamos, para cobrir algum detalhe ou para passar o tempo. O conteúdo da educação deve ser cuidadosamente elaborado com base nas realidades contextuais, não apenas do líder que recebe a educação, mas da sociedade que ela pretende servir. Especialistas na área, o pastor e os líderes da igreja, e todos aqueles que podem fazer contribuições importantes ao tema devem participar da elaboração do conteúdo do estudo.

Em terceiro lugar, o chamado know-how ou como vamos realizar o processo de ensino que estimula a aprendizagem. Na era da virtualidade, esse processo é

muito mais fácil, mas também nos apresenta um desafio extraordinário, pois exige que o educador esteja atualizado com os materiais e metodologias que a tecnologia oferece. Também é importante ressaltar que é necessário estabelecer um currículo e a forma como iremos desenvolvê-lo.

Por fim, o maior desafio é colocar meu conhecimento a serviço de uma causa, que neste caso é o Reino de Deus.

Para fazer tudo o que mencionamos acima, é necessário ter uma filosofia de educação muito clara, que nos faça ver sua prioridade, que nos faça ver que não existe educação cara, que nos faça entender que não é um evento de sábado de manhã, mas um processo que leva anos; em suma, uma filosofia que nos permita superar qualquer tipo de obstáculo que possa surgir no caminho.

Uma vez que tenhamos uma filosofia de educação bem definida, é necessário entender que somente por meio da mentoria podemos desenvolver programas educacionais eficazes que deixem uma marca permanente nas pessoas que vamos discipular ou educar.

Mentoria como base para o desenvolvimento da liderança

É de suma importância que em algum momento do processo de ensino e aprendizagem o aluno estabeleça uma sólida relação de mentoria com o educador, pois é esse tipo de relação que marca a pessoa para o resto da vida.

Para melhor compreender o processo, definiremos mentoria como: a relação que se estabelece entre uma pessoa com maior experiência e conhecimento em uma área (mentor) e outra com menor ou nenhuma experiência ou conhecimento (protegido), com o objetivo de facilitar e desenvolver suas habilidades e socialização, aumentando assim suas chances de sucesso na atividade a ser realizada.

O primeiro elemento a considerar nesta definição é o relacionamento; isto é, a conexão ou correspondência que deve existir entre duas pessoas. O segundo elemento é que uma das pessoas envolvidas no relacionamento deve ser mais experiente e conhecedora do que a outra. O terceiro elemento é que o objetivo do relacionamento é ajudar a pessoa com menos experiência e conhecimento a desenvolver seus talentos e habilidades para que ela possa alcançar outro nível em sua vida pessoal.

Pelos motivos expostos acima, a pessoa ou pessoas encarregadas de educar na igreja devem ter o perfil de um mentor, para que possam cumprir efetivamente as quatro funções básicas do processo:

Levar as pessoas de um nível atual a um superior

Transferência de conhecimento

A formação da pessoa

Estar com o discípulo tanto no processo como no seu acompanhamento.

Isso por si só já é um verdadeiro desafio, pois não há muitas pessoas capacitadas na igreja para serem mentores e, por outro lado, por desconhecer o papel fundamental que esses processos desempenham, às vezes colocamos qualquer indivíduo para lecionar na igreja sem o perfil para exercer uma função tão importante.

A igreja que faz da mentoria a base do seu desenvolvimento de liderança terá resultados simplesmente extraordinários, tanto em nível pessoal quanto para a sociedade que atende. Em um nível pessoal, isso ampliará seus horizontes mentais, lhe ensinará como falar, como se comportar e como agir e, claro, lhe dará segurança e confiança no que você faz. Em suma, é um processo que forma uma pessoa com uma série de valores que se tornam condição fundamental para transcender na vida, como homens e mulheres chamados a coisas importantes. O mentor incute aqueles valores espirituais e conhecimentos que fazem da pessoa alguém de grande valor.

Os resultados sociais desse processo são enormes. Educar, treinar e formar homens e mulheres no ministério educacional permitirá que a igreja seja mais eficaz e influente na sociedade. E por isso, os recursos financeiros necessários para desenvolver sua liderança devem ser investidos, pois os benefícios obtidos ao final do processo são muito animadores.

Em suma, a educação em liderança nunca deve ser negociada; ela deve ser uma prioridade na vida de cada igreja, empresa ou governo. Uma sociedade nunca progredirá se não tiver uma liderança altamente preparada, e é aí que entra a mentoria.

Uma vez que a mentoria foi estabelecida como um fator-chave no desenvolvimento da liderança da igreja, é de extrema importância abordar a questão da diferença geracional, que é um fator determinante no processo educacional da igreja.

Reduzindo a diferença entre gerações na educação

Vivemos um momento histórico para a humanidade, com uma nova geração de pessoas que chamamos de millennials, que são todos aqueles nascidos depois da queda do Muro de Berlim. E a Geração Z, que identifica todas as pessoas nascidas após o ano 2000. Cada geração tem suas características distintivas, por exemplo, muitos millennials constituem uma geração agnóstica, pois afastaram Deus de suas vidas, abandonaram a igreja e, portanto, todos aqueles valores importantes como o casamento heterossexual, mas agora defendem abertamente outros tipos de casamento. Outra coisa que caracteriza essa geração é ser inclusiva, rejeitando diferenças raciais, de gênero e orientação sexual, mas ao mesmo tempo acreditando que todas as religiões levam a Deus e destronando Jesus Cristo como o único salvador. Por outro lado, a Geração Z, tecnológica por excelência, está imersa no mundo das redes sociais e fez dos influenciadores seus guias espirituais.

Isto representa um enorme desafio para a igreja. Primeiro, porque a liderança da igreja, assim como sua população majoritária, é a Geração X, que está saindo e precisa passar a tocha da liderança para as novas gerações.

No entanto, enfrentamos duas realidades bem definidas: primeiro, há poucos millennials frequentando a igreja, proporcionalmente falando, e os Zs que frequentam estão apenas esperando atingir a maioridade antes de não frequentarem mais. A segunda é que há uma lacuna geracional muito grande entre as pessoas que lideram as igrejas hoje e as novas gerações. E a grande questão é esta: como desenvolver a liderança da igreja por meio da educação? Além disso, que liderança iremos desenvolver se ela for escassa? O que podemos fazer para ganhar a confiança dessas gerações e fazer nosso trabalho de mentoria? A verdade é que não temos uma receita mágica que dê solução a tal realidade, porém, do nosso estudo sobre esta complexa questão, podemos dar o seguinte conselho:

1. Tenha a mente aberta. A verdade é que a maneira como vivemos é um resultado direto de como pensamos, então nossa mentalidade nos bloqueia ou nos liberta. A única maneira de ter uma mente aberta é através da comunicação,

para entender o coração da outra geração, mas não queremos apenas entender, mas também ser empáticos. Esse conhecimento nos permitirá enxergar outros ângulos que nunca teríamos visto e, conseqüentemente, nos dará uma mente aberta, ou seja, não seremos condenatórios, intransigentes ou arrogantes com nossos argumentos. A partir do momento em que nos fechamos, acreditando que estamos certos e que os outros estão errados e que são eles que têm que ceder, estamos fechando nossas mentes e qualquer possibilidade de aproximação geracional.

2. Encontre um ponto de equilíbrio. Existe uma regra na luta dos opostos, e ela se refere aos pontos de equilíbrio que tornam o relacionamento mais suportável. Por pontos de equilíbrio, entendemos questões sobre as quais há acordo mútuo e que nos fazem focar nelas e não naquelas em que há um desacordo irreconciliável. No caso em questão, há muitos pontos de equilíbrio entre a geração X e os millennials ou Z que podem ser perfeitamente explorados. E é aí que a geração mais velha, neste caso a geração X, deve demonstrar sua experiência e conhecimento encontrando esses tipos de pontos de equilíbrio. Para citar apenas alguns, podemos citar o desejo de melhoria, que é um tema que interessa às novas gerações, ou o tema da injustiça social. Embora isso possa parecer absurdo à primeira vista, uma conversa sobre injustiça racial pode nos levar a questões filosóficas que nos levarão inequivocamente ao campo da espiritualidade humana, uma excelente oportunidade de nos conectarmos com os princípios do cristianismo que abrangem tudo relacionado à natureza humana.

3. Esteja ciente da sua geração e tenha empatia pelo outro. Estar ciente das peculiaridades de cada geração é a base do entendimento. É irresponsável alguém da Geração X achar que está certo por conta de sua experiência e conhecimento, sem entender a mudança cultural de valores da outra geração. Estar ciente da natureza das gerações é o primeiro passo para entender.

O que isto significa? É um requisito essencial estudar todos esses tópicos de diferentes ângulos: sociológico, antropológico, filosófico e religioso. Cada ângulo nos dirá uma verdade que, quando reunida, nos permitirá ter plena consciência do problema e, por sua vez, nos permitirá não apenas entendê-lo, mas também enfrentá-lo com sucesso.

4. Um acordo foi alcançado. A única maneira de estabelecer um diálogo é por meio de um acordo e esse é o desafio, chegar a um acordo. Por exemplo, as novas gerações detestam a exclusividade em todas as suas manifestações, sejam

elas raciais, religiosas ou sociais, só para citar algumas. Nesse sentido, devemos lembrar de não falar sobre temas em que tenhamos que fazer essas diferenças, pois no momento em que cruzarmos essa linha haverá um ruído na comunicação e haverá risco de interrupção. Acordos e respeito a eles são o início da comunicação e da harmonia. Por isso, é de suma importância conhecer todas essas coisas que caracterizam as novas gerações para saber como falar com elas, como tratá-las e, assim, ter um canal de comunicação fluido.

Em suma, é impossível fechar uma lacuna geracional; tudo o que podemos esperar é encurtá-la, já que cada pessoa é filha de sua geração e do contexto social e ambiente cultural em que foi criada. Nesse sentido, devemos usar a inteligência emocional e manter os canais de comunicação abertos a todo custo para que possamos cumprir nossa missão de educar as próximas gerações da igreja.

Depois de abordarmos a questão de diminuir a lacuna geracional, é importante abordar como teremos um canal geracional aberto e como podemos nos tornar mentores para as novas gerações, e isso se dá por meio de influencers.

Influencer de alunos

É bem sabido que hoje em dia, para muitas pessoas, guias espirituais ou guias de qualquer tipo são os influenciadores que encontramos nas redes sociais. As interações são medidas por milhões de curtidas, que se traduzem em comportamento viral entre milhares de jovens. Os influenciadores definem tendências em todos os aspectos dos seres humanos: religião, valores, modas, usos da linguagem, tecnologia, filosofia de vida, enfim, em cada detalhe da vida das pessoas, independentemente de área geográfica, cultura ou idioma.

As novas gerações seguem influenciadores, então, se vamos ser mentores para desenvolver processos educacionais com pessoas da igreja, temos que ser influenciadores e conhecer os mecanismos pelos quais esse fenômeno social opera. Para fazer isso de forma eficaz com as pessoas que educamos na igreja, não devemos apenas estar cientes dessa realidade, mas devemos nos educar sobre como fazer isso.

As razões fundamentais para nos educarmos sobre esse fenômeno influenciador são as seguintes:

Para poder envolver essas gerações com a igreja

Permaneceremos relevantes e atuais para os jovens

Nós nos beneficiaremos da nova realidade, pois há muitas coisas boas na cultura atual das quais podemos nos beneficiar como indivíduos ou como instituição.

O estudo deste fenômeno social das novas gerações pode nos ensinar o seguinte:

1. As novas gerações buscam transparência, autenticidade e inclusão dos líderes da igreja. Essa exigência por si só já é um grande desafio para pessoas que precisam trabalhar em uma natureza pecaminosa todos os dias de suas vidas. A

verdade é que os escândalos na igreja causam uma falha na comunicação e devemos nos proteger deles a todo custo.

2. É responsabilidade de quem educa elaborar conteúdos educacionais que não causem ruído nem quebrem o diálogo com as novas gerações. São gerações que abraçam causas, que lutam contra desigualdades e injustiças, e nunca sabemos como Deus pode trabalhar com um ser humano.

3. O ambiente educacional é de extrema importância. Se vamos iniciar um processo educacional com as novas gerações e não utilizarmos a tecnologia, a possibilidade de fracasso é muito grande. É necessário ter todos os recursos didáticos atuais em mãos, como quadros brancos e smartphones. Lembremos que interagimos com uma geração inteligente ou esperta.

4. As novas gerações estão mais interessadas em vivenciar as coisas do que em conhecê-las. Se tivermos essa realidade clara, podemos fazer do processo educacional uma experiência que marca positivamente a pessoa.

Uma vez que conseguimos nos tornar educadores e concluir o processo de ensino e aprendizagem, devemos deixar nossos alunos atuarem por conta própria, o que é justamente o nosso último tópico a ser discutido neste capítulo.

Deixe-os fazer o que foram treinados para fazer

Muitas vezes encontramos pessoas na igreja que estiveram em salas de aula a vida toda e nunca foram promovidas. A educação na igreja deve ser intencional e ter objetivos claros, de acordo com os dons que Deus deu, para que eles possam se desenvolver adequadamente. O educador, mentor ou influenciador não pode esperar que seus alunos sejam discípulos para toda a vida. Criar uma dependência não beneficia ninguém. Por um lado, o educador que não dá aos seus discípulos a oportunidade de chegar à idade adulta impede que sua visão vá além do que ele pode fazer. Por outro lado, dificulta a satisfação futura e o desenvolvimento pessoal do potencial líder, que é o discípulo, causando deserção ou perda de valor naquilo que faz.

Muitas vezes encontramos em igrejas pastores que nunca cedem o púlpito a ninguém da congregação, não porque não haja talento ou potencial, mas pela miopia de não desenvolver programas educacionais de pregação e eloquência, para formar pessoas com talento para falar em público e que um dia possam se tornar pregadores ou palestrantes eloquentes. O que dissemos para pessoas com potencial para falar em público também é válido para pessoas em outras áreas do desenvolvimento humano que envolvem diretamente a igreja.

Desenvolver pessoas com a promessa de independência deve ser a aspiração mais acalentada por aqueles de nós que educamos na igreja. É como a criança que nasce e cresce em casa, mas que um dia sai de casa para fazer história, mantendo sempre o relacionamento com aqueles que são seus pais e mentores espirituais.

Para encerrar, vale ressaltar que os cinco pontos desenvolvidos ao longo deste capítulo esclarecem como desenvolver a liderança da igreja por meio da educação.

Considerações finais

A educação na igreja, além de ser um dever, é um privilégio que Deus dá à comunidade de fé. É a oportunidade que temos de levar uma pessoa do seu estado atual para um estado superior, é o momento de transferir o DNA da fé para outro ser humano e é o momento de sentir que a missão cristã foi cumprida. O objetivo é que os discípulos façam coisas maiores que seus professores.

Nesses processos educacionais transformadores, é essencial ter em mente o conceito de mentor. De fato, os professores devem se tornar mentores de seus alunos, para que os resultados do processo sejam garantidos e os frutos do trabalho pedagógico possam ser vistos adequadamente.

Também deve ficar claro que os destinatários desse processo educacional são as novas gerações, que têm princípios e valores diferentes da geração à qual seus professores possivelmente pertencem. Isso deve levar os educadores a estudar o fenômeno das diferentes gerações, para agir de acordo com essas realidades e não causar perturbação na comunicação. O objetivo é realizar um processo educativo transformador, que é o que a Igreja e a sociedade precisam.

Demonizar o modelo educacional atual dos influenciadores não é uma boa ideia, pois há coisas boas que podem ser encontradas e que nos permitem mentorar, usando meios tecnológicos para alcançar uma melhor conexão com as gerações que educamos.

Por fim, os discípulos devem ser lançados na água, mas não deixados sozinhos, devemos sempre acompanhá-los. A glória dos professores será ver seus alunos terem sucesso na vida. Porque no final essa é a verdadeira glória do professor: que seus alunos o superem.

Capítulo 7

Educação e Juventude

Juan Sebastián Rodríguez

Educação teológica e bíblica não deve ser reservada ao grupo de ministros profissionais, mas deve estender-se a toda a comunidade dos crentes, e deve ser feito com o propósito declarado de promover e mobilizar todos os membros da igreja para participar da missão de Deus. Afinal, a igreja não é um punhado de pessoas que compõem a estrutura eclesiástica, senão os milhares que nela se congregam. Sobre a pergunta “O que a igreja pensa?”, sobre um determinado assunto, os não crentes dificilmente chegarão perto a uma instituição eclesiástica para buscar respostas.

O Evangelho e a Juventude

A igreja está comprometida em educar de forma eficaz. O objetivo é transformar e gerar impacto na sociedade ao seu redor. E junto com esse desejo há uma necessidade que corre o risco de ser esquecida, e que se for atendida pode trazer grandes benefícios ao trabalho educativo das congregações que desejam levar adiante a missão da Igreja: a educação dos jovens e das novas gerações.

Por que falamos de uma necessidade, quando parece que os jovens são os mais apáticos ao evangelho? Porque, embora estejam dispostos a questionar e desafiar todos os ensinamentos das instituições tradicionais, os jovens, incitados pela crise institucional e ideológica contemporânea, buscam e exploram guias para suas vidas, seja na Internet, em seus círculos de amizades ou nas modas do mercado. Eles estão dispostos a se comprometer totalmente com a causa que mais se aproxima de seus valores – que muitas vezes são idealistas, cheios de zelo e romantismo.

Para que a Igreja possa responder eficazmente a esses desafios, sem perder sua essência ou trair suas crenças fundamentais, ela precisa refletir sobre seus propósitos e as tarefas que assume para alcançá-los. Duas tarefas geralmente vêm à mente quando buscamos cumprir o propósito da igreja: pregar a Palavra e servir a comunidade. A estas podemos acrescentar uma terceira, que as completa e fortalece: o ensino. O objetivo deste capítulo será discutir a natureza dessas tarefas e propor o ensino, neste caso para os jovens, como um elemento que fortalece as duas primeiras, sem as quais a pregação e o serviço permaneceriam em grande parte estéreis.

Pregação e ensino

A primeira grande tarefa, a pregação da Palavra, ou como é conhecida em grego, kerygma, é a luta de todo pastor e pregador, pois constitui um componente prioritário em sua obra missionária; uma tarefa eminentemente espiritual e contextual, que não deve ser determinada por parâmetros humanos, como ressalta o apóstolo Paulo em 1 Coríntios 1:21: “Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não conheceu a Deus pela sabedoria, aprouve a Deus salvar os que creem pela loucura da pregação”; e em 1 Coríntios 2:4: “E a minha palavra e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração do Espírito e de poder.”

Mas a pregação cristã não apenas define um elemento importante do trabalho pastoral, mas também constitui uma parte essencial da natureza da igreja e sua missão de reconciliar todas as pessoas e toda a criação com seu verdadeiro Senhor, dando ao povo de Deus um caráter extraordinário e cósmico, que fica claro em Romanos 8:19: “Porque a ardente expectativa da criação aguarda ansiosamente a revelação dos filhos de Deus.” Portanto, a igreja é aquela comunidade na qual a presença de Jesus é evidente e que proclama que “Jesus é o Senhor” (fator querigmático), com a intenção de chamar todos aqueles que não o conhecem ao arrependimento, à fé e a uma vida nova sob sua autoridade.

Diaconia ou serviço, por outro lado, é realizar um serviço ou função no interesse de um público maior. Esta era uma preocupação fundamental dos apóstolos, como evidenciado logo após o Pentecostes em Atos 2:44-45; além disso, era uma característica da igreja primitiva que a distinguia da crueldade do mundo pagão. A diaconia é tão importante que, em Mateus 25, Jesus a apresenta como a base sobre a qual a humanidade será julgada: “Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque eu estava com fome, e me destes de comer; eu estava com sede e você me deu algo para beber; eu era estrangeiro, e vocês me acolheram; eu estava nu, e me vestistes; eu estava doente e vocês me visitaram; na prisão, e fostes ver-me” (Mt 25,34-36).

A diaconia era uma prioridade para os apóstolos, porque era uma parte principal

do ministério e da missão de Jesus, como ele declarou ao ler Isaías 61 na sinagoga de Nazaré: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar o evangelho aos pobres; ele me enviou para curar os quebrantados de coração; para proclamar liberdade aos cativos, e recuperação da vista aos cegos; para libertar os oprimidos; para pregar o ano aceitável do Senhor” (Lucas 4:18-19). Desta forma, o serviço baseado na piedade é um traço fundamental que serve para demonstrar a união entre a Igreja e seu Senhor, como bem aponta Charles Van Engen: “o ministério da diaconia da Igreja ainda testemunha sua autenticidade. . . como comunhão de amor entre aqueles que confessam, em palavras e ações, sua fidelidade a Cristo”.

Diaconia, no entanto, não é apenas uma lembrança das raízes da igreja, é também a maneira de participar das coisas que estão por vir, naquele “ano aceitável do Senhor” que será consumado com a segunda vinda de Cristo: “O Novo Testamento”, diz Van Engen, “nos ensina que o ministério diaconal se estende além de suprir as necessidades da comunidade de crentes. A Diaconia também convoca a Igreja a participar da criação de uma nova ordem mundial onde a paz, a justiça e a misericórdia reinem sob o senhorio de Jesus.”

A esses dois propósitos se junta a didascalía, o ato de ensinar ou instruir, e uma das tarefas que Paulo confia a Timóteo: “Até que eu chegue, dedica-te à leitura pública, à exortação e ao ensino” (1 Tm 4,13). Conforme dito no início deste capítulo, o objetivo é mostrar os benefícios que o ensino voltado para os jovens traz para a pregação da Palavra, para o serviço aos necessitados e, por fim, para a missão da igreja.

Mas por que os jovens? Os jovens de hoje estão dispostos e aptos a servir, como ensina o provérbio: “A glória da juventude é a sua força, e a beleza dos velhos é a sua velhice” (Pv 20.29). A isto se acrescenta a voz profética que exorta a igreja a tomar parte na questão: este é o momento oportuno para tomar essa força juvenil e agir como mordomos segundo o sentimento do Espírito para este tempo que anuncia uma nova “estirpe”. Para agir de acordo com esta palavra, a igreja deve cuidar de nutrir esta nova geração e impregná-la com as características que o Senhor determinou para a “estirpe” que está por vir: resistência, força, capacidade de transformação. Se a igreja estiver disposta e apta a formar os jovens e as novas gerações, eles impactarão a igreja e as diferentes esferas da sociedade com sua força.

Educação para toda a comunidade de crentes

A educação teológica e bíblica não deve ser reservada ao grupo de ministros profissionais, mas deve ser estendida a toda a comunidade de crentes e deve ser feita com o propósito declarado de encorajar e mobilizar todos os membros da igreja a participar da missão de Deus. Afinal, a igreja não é o punhado de pessoas que compõem a estrutura eclesiástica, são os milhares que se congregam nela. Quando perguntados sobre o que a Igreja pensa sobre um determinado assunto, é improvável que os não crentes procurem uma instituição eclesiástica para buscar respostas. Primeiro, eles falarão com um crente que esteja sentado ao lado deles na universidade, no trabalho ou que more na casa ao lado; essa pode ser a única interação que muitos têm com a igreja. Daí a importância de formar jovens capazes de dar testemunho em todos os âmbitos da sociedade, seja na política, na economia, na ciência, nas artes, na cultura, etc.

A seguinte declaração de Van Engen reforça essas ideias:

A pesquisa teológica não deve ser uma pesquisa dentro de um campo acadêmico misterioso, disponível a poucos privilegiados. Em vez disso, deve ser o ensino dos fundamentos essenciais da fé bíblica para mobilizar todo o povo de Deus a viver dia a dia as implicações missionárias do discipulado radical.

Portanto, se os jovens vão ser nutridos no discipulado, esse deve ser um discipulado pronto para servir. Se for no seminário, deve-se prever o local onde o graduado poderá servir e cumprir a tarefa evangelizadora. E se os jovens cristãos vão testemunhar em todas as esferas sociais, é necessário que a sua formação lhes permita compreender e enfrentar as controvérsias que aí encontrarão, enfrentando, muito provavelmente e cada vez mais, críticos ferrenhos da fé; isso aponta para a necessidade de uma educação que, além de fornecer uma sólida base teológica, apresente uma compreensão precisa do mundo e do contexto contemporâneo, pois respostas simples e fáceis para problemas complexos como identidade de gênero, guerras e injustiças, para citar algumas das discussões mais problemáticas do nosso tempo, não resistirão ao peso dos crescentes argumentos que sustentam as posições do mundo contemporâneo.

Se os jovens cristãos devem participar dessas discussões sociais, políticas, ideológicas e teológicas, eles devem fazê-lo com compreensão, criticidade, profundidade, lucidez e astúcia: “Sede, pois, prudentes como as serpentes e simples como as pombas” (Mt 10,16). A tal ponto que em nossas sociedades exista uma visão permeada pelo cristianismo na engenharia, na ciência, na ecologia, na arquitetura, na arte, no direito, na política, na medicina, na educação.

A direção de palco praticada dessa maneira torna o trabalho da igreja, e especificamente o do pastor, mais eficaz. As congregações não devem ser empresas movidas pelos esforços de uma única pessoa ou de um pequeno grupo de ministros, auxiliados por servos leigos treinados para tarefas menores, mas incapazes de realizar a missão. Em vez disso, tomemos como modelo o relato da multiplicação dos pães e dos peixes. Ali, depois que Jesus abençoou a comida, a multiplicação ocorreu nas mãos dos discípulos. Podemos ter esse fator multiplicador em nossas congregações, se não nos limitarmos à pregação (kerigma) e se, por meio de uma didascalia transformadora, a diaconia exercida por nossos jovens os levar além de ocupar um assento, ou simplesmente dar, para se tornarem uma força que vira o mundo de cabeça para baixo (Atos 17:6) e estabelece o Reino de Deus por meio da misericórdia, da justiça e do amor.

A didascalia transformacional

Mas como deveria ser essa abordagem didática transformacional? Embora esteja além do escopo deste capítulo descrevê-lo de maneira rigorosa, podemos fornecer algumas bases sobre as quais ele pode ser construído. Como princípio básico, é preciso ter em mente que, independentemente do método, currículo e diretrizes estabelecidas, a educação é sempre um diálogo entre professor e aluno. E nesse processo é muito importante entender o papel do professor – seu modo de ser e sua visão de mundo – muito mais do que os guias institucionais.

A preocupação com os professores torna-se maior, se “ninguém”, como diz C.S. Lewis, “pode dar a outro o que ele próprio não possui. Nenhuma geração pode legar ao seu sucessor o que não possui.” Se assim for, os professores que são contratados para a educação transformacional devem primeiro ter sido profundamente transformados e compartilhar a visão do que deve ser alcançado, caso contrário os resultados serão nulos: “Assim como os professores são, assim eles ensinarão”.

Com isso como base, os professores devem distinguir entre treinamento, educação e aprendizagem – como Lewis os distingue em seu ensaio *Our English Syllabus*–. O objetivo é garantir que a educação forme plenamente pessoas capazes de desempenhar seu trabalho de forma eficaz, contribuindo para a formação de uma sociedade cívica justa e participando dos mais nobres empreendimentos humanos. Treinamento, educação e aprendizagem são diferentes níveis de profundidade: treinamento é a preparação para realizar um trabalho, seja carpinteiro, engenheiro ou contador; a educação abrange um espectro mais amplo e busca criar pessoas aptas para a vida pública e privada, para as relações sociais e o comércio com outros homens e mulheres; e num nível mais profundo de educação está a aprendizagem, aquilo que leva o ser humano além de ser um trabalhador ou um animal social, para se tornar um ser culto, alguém que ama aprender e gosta de ensinar. Lá, os alunos terão prazer em estudar literatura, artes, ciências sociais e política, aprofundando-se assim em todas as áreas que afetam a existência humana, sem as restrições impostas ao pensamento e à contemplação pelo campo puramente profissional.

Uma educação neste nível necessariamente se concentrará em treinar homens e mulheres com uma vocação, e não uma profissão. Se entendermos que vocação é a determinação natural que um indivíduo tem de assumir uma tarefa, independentemente das circunstâncias ou das recompensas; em outras palavras, vocação é aquilo que fazemos, independentemente de sermos pagos para isso ou não, porque nossa alma foi formada para lidar com isso e na execução dessa tarefa ela encontra parte da realização do seu ser.

Nessa mesma tradição, podemos dizer que a pregação querigmática, como mostrado acima, faz parte da vocação de todo crente e da própria igreja. Mas a vocação também está relacionada à didascalia e diaconia: ambos se unem para motivar os jovens a se educarem e a servir. Por meio dessa educação e serviço, os jovens devem ser ajudados a determinar sua vocação e descobrir maneiras de realizá-la em seu contexto. Esta é uma parte fundamental da educação cristã. O provérbio que diz: “Educa a criança no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele” (Pv 22:6) quer nos mostrar que a educação deve ser o caminho para o menino ou menina descobrir seu caminho, sua vocação, não o caminho desejado pelos pais, pela sociedade ou pelo mercado de trabalho.

Embora a educação busque definir individualidades, para ser cristã ela deve ser baseada em princípios éticos, morais e espirituais, princípios que devem ser forjados principalmente no lar e que posteriormente se tornarão os alicerces da vida adulta dos jovens. Princípios básicos como fidelidade, respeito, comprometimento, honra, justiça e dignidade, que sempre foram parte essencial da educação cristã e que muitas vezes são deixados de lado em busca da modernidade a todo custo, movidos pela moda, tendências, conselhos de influenciadores ou qualquer outra fonte que prometa nos manter atualizados.

O resultado dessas influências na educação cristã é uma fé superficial, sem consistência e incapaz de se realizar na vida dos adultos que nela foram formados. É necessário retornar aos princípios simples e tradicionais da fé cristã para gerar filhos e filhas de Deus transformados pela educação doméstica, pela ética e pela conduta, para formar pessoas coerentes com o cristianismo e capazes de impactar uma sociedade na qual resta apenas uma imagem opaca da realidade para a qual apontam os princípios cristãos básicos.

Para as igrejas, isso significa formar jovens com um amplo espectro que vai além do ministério e das atividades da igreja, sem esquecer sua primazia, e

incluindo toda uma gama de conhecimentos nos quais o evangelho não deve ser um fator estranho, mas o elemento que molda e forma as diretrizes para sua prática. Neste cenário, a educação cristã não será uma limitação ou um obstáculo para empreender as artes, a política, a agricultura, a ciência ou qualquer outra atividade; Ou seja, não será simplesmente um elemento marginal na vida e na obra daqueles que o receberam ou, como na maioria dos casos, algo que fica para trás e esquecido como algo impraticável e sem relevância fora das tarefas eclesiais, mas será o catalisador, a centelha que motiva homens e mulheres a forjar o Reino de Deus com o trabalho de suas vidas.

Consequentemente, o local de trabalho onde esses jovens chegarão não será apenas o lugar onde eles testemunharão aos outros por meio de um comportamento moralmente correto, enquanto o trabalho em si permanece sujeito ao pensamento de um mundo contrário aos ensinamentos de Cristo, mas se tornará a oportunidade de operar de acordo com uma cosmovisão cristã, criando uma cultura que glorifica a Deus e permite que todos os seres humanos, crentes e não crentes, prosperem, e “para que a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida agora, por meio da igreja, dos principados e potestades nas regiões celestiais” (Ef 3:10).

Sem essa didática transformadora, a visão por trás do “sacerdócio de todos os crentes” promovida pela Reforma Protestante permanecerá incompleta. A leitura de Lutero dos versículos 13 e 14 do Salmo 147 é valiosa para nossa discussão, pois o salmo diz: “Porque ele fortaleceu as trancas das tuas portas; abençoou seus filhos dentro de você. Ele dá paz em seu território; ele te saciará com o melhor trigo.” Lutero perguntou a si mesmo: como Deus pode fortalecer os castelos e nos dar paz? Sua Resposta:

Pela palavra “fechadura” não devemos entender apenas o instrumento criado por um ferreiro, mas . . . tudo o mais que ajude na nossa proteção, como bom governo, bons decretos municipais, boa ordem. . . e governantes sábios. . . Isto é um presente de Deus.

A questão permanece, como Deus nos satisfará com o melhor do trigo? Podemos ver a resposta de Lutero em sua reflexão sobre a Oração do Senhor:

Quando você ora pelo “pão nosso de cada dia”, você está orando por tudo que contribui para que você tenha e desfrute do seu pão diário. . . Você deve abrir e expandir seu pensamento para que ele não alcance apenas o recipiente de farinha e o forno, mas também os campos em geral, as plantações e toda a terra que produz, processa e nos fornece o pão de cada dia e todos os tipos de alimentos.

Portanto, essas tarefas diárias, como Lutero ressalta, não estão fora da obra de Deus e, portanto, não devem ser estranhas à igreja e seus membros, mas sim ser um reflexo adicional da ação divina no mundo e se juntar aos esforços querigmáticos e diaconia da comunidade de crentes.

Um exemplo de pregação, educação e serviço

O World Revival Center, a igreja onde tenho a honra e a bênção de servir, tem sido um exemplo dessa formação transformadora. Ao longo dos anos, esta congregação desenvolveu uma essência formativa que levou seus membros a transcender e levar o que Deus e o Espírito Santo fizeram e transmitiram dentro da congregação para outras áreas além da eclesial. O resultado foi a conversão de milhares de pessoas, devido ao impacto dos membros que seguiram o processo de discipulado do Reavivamento e ao reconhecimento deles como verdadeiros servos, prontos para ajudar seus irmãos, irmãs, vizinhos e aqueles dentro da sociedade colombiana, incluindo venezuelanos, que estão necessitados ou em sofrimento.

Em meio a uma nação à beira do colapso devido à violência, ao tráfico de drogas, à corrupção e à apatia geral, os membros da Avivamento têm feito parte do ímpeto que abençoa a Colômbia há trinta anos, dando-lhe esperança e estabelecendo novos padrões éticos, morais e espirituais a partir dos quais diferentes atividades da vida nacional podem ser realizadas.

Em tempos de crise, os processos de querigma, diaconia e didascalia ganham maior relevância, pois em momentos de tensão há uma tendência a redefinir diversas questões dentro da sociedade, abre-se espaço para questionar posições ou atitudes que prevaleciam até a crise, novas instituições são criadas e outras desaparecem, e novas formas de agir e pensar são estabelecidas. Em suma, as crises são propícias para colocar em prática pensamentos marginalizados. A Igreja, que por muito tempo se manteve afastada desses círculos de influência, em vez de enxergar as dificuldades e os obstáculos naturais dos tempos difíceis, deve aproveitar a oportunidade que uma crise traz para colocar os princípios do Evangelho no centro dos debates daqueles que questionam os paradigmas vigentes e buscam novas respostas e soluções, a fim de transformar a sociedade que a cerca. A maneira mais eficaz de conseguir isso é por meio do exército de jovens e de todos os tipos de crentes que já estão espalhados pela comunidade, mas para que isso aconteça, eles devem estar preparados, prontos para construir o Reino de Deus onde quer que estejam, como Lutero destacou, sejam eles fazendeiros, padeiros, policiais, empresários, políticos ou governantes.

No início deste capítulo, a necessidade de a igreja impactar a sociedade e a fome dos jovens por orientação e instrução foram mencionadas. Está claro que entre os dois há um abismo que parece intransponível. As tarefas de pregar, servir e ensinar são apresentadas como meios para construir a ponte que os une. O objetivo não é fortalecer o ministério para os jovens, embora esta seja a consequência imediata do que foi discutido até este ponto. O que está em jogo é o desejo de perseguir os propósitos da igreja: levar homens e mulheres à fé em Cristo, torná-los discípulos de Jesus, refletir o amor de Deus e, finalmente, estabelecer o Reino de Deus nesta terra.

Ao cuidar do querigma, da diaconia e da didascalia, a Igreja estará formando jovens capazes de refletir a misericórdia de Deus, através do amor que têm uns pelos outros, e o reflexo desse amor em seu trabalho, que significará, em última análise, cuidar de toda a criação, forjando por meio de suas obras o Reino de Deus, em todos os âmbitos em que atuam e encorajando, por meio do amor que neles se encontra, homens e mulheres a se aproximarem dos pés do Senhor.

Pastor Juan Sebastián Rodríguez

Co-pastor

Centro de Reavivamento Mundial

Bogotá, Colômbia

Capítulo 8

Educação para a Formação e Transformação

Geritza Olivella Santana

Avanços tecnológicos e comunicação remota vieram para ficar. Você tem que ser inteligente na forma como tira proveito disso. Vimos que a internet e as redes sociais podem ser muito eficazes nos processos de comunicação e ensino. Mas isso deve ser tratado com cautela, porque a tecnologia não pode substituir ou ofuscar outros elementos essenciais nas relações humanas e na maneira como abordamos a educação cristã.

Mídias sociais e novos desafios

Lembro-me de quando eu era pequena, eu costumava assistir aos discos de vinil que meu pai usava para ouvir música em um toca-discos. Eram principalmente músicas dos anos setenta. No carro, a caminho da escola, eu podia ouvir a mesma música, mas em fita cassete. Quando adolescente, eu era um daqueles entusiastas da música que gravava as músicas que tocavam no rádio em uma fita cassete. Achávamos que era a última palavra em tecnologia. Com o passar do tempo surgiram os discos compactos, mais conhecidos como “CDs”. Você não imagina a emoção que senti quando tive um CD player portátil em minhas mãos. Era tão grande que não cabia nos bolsos da minha calça. Na época do ensino médio, as fitas cassete já estavam quase obsoletas. Descobrimos que era possível “baixar músicas” da Internet, embora o processo levasse nove horas para ser concluído usando o extinto “dial-up”. Os primeiros iPods chegaram e foi maravilhoso ter a acessibilidade de poder ouvir música em qualquer lugar. Os discos compactos não eram mais necessários porque um grande número de músicas podia ser armazenado naquele pequeno dispositivo.

Meus filhos de três anos nunca viram um disco de vinil. Eles nunca viram uma fita cassete ou um CD, muito menos um de 8 pistas. Eles fazem parte de outra geração que está constantemente exposta aos avanços tecnológicos. Eles são nativos digitais que cresceram em um mundo onde influenciadores e celebridades são fontes de autoridade e verdade sobre todos os tópicos.

O uso das mídias sociais impactou muito pessoas de todas as gerações. Estamos tão acostumados a usar as mídias sociais que há quem pense que se algo não aparece nas mídias sociais, não aconteceu ou não é real. Por outro lado, há quem pense que tudo o que aparece nas redes ou na Internet é verdade, só porque está escrito e aparece lá.

Nessa realidade nos encontramos como líderes e pessoas cristãs. Como podemos ensinar a Palavra de Deus em um mundo em rápida mudança? Como a educação cristã pode moldar e transformar vidas quando o mundo não é o mesmo que conhecíamos? Como a Palavra de Deus se torna pertinente e relevante nas circunstâncias em que vivemos?

Educação Cristã Intergeracional

A educação cristã deve integrar todas as gerações. Temos o grande desafio de ensinar a Palavra de Deus para pessoas de diferentes gerações. A maneira como o estudo da Bíblia ou a escola dominical eram ensinados há 30 ou 40 anos provavelmente não tem o mesmo impacto nas gerações mais jovens. Muitas igrejas evangélicas no meu país, antes da pandemia, costumavam realizar escolas bíblicas nas manhãs de domingo, geralmente em uma sala dentro do santuário. Era um espaço onde a metodologia bancária era utilizada por muitos professores que se limitavam a oferecer as informações que conheciam sobre a palavra de Deus e os participantes se limitavam a ouvir e decorar o que o professor dizia. Havia pouco ou nenhum espaço para fazer perguntas, reagir e interagir.

O impacto da pandemia nos impulsionou a usar novas metodologias e nos forçou a repensar a maneira como somos igreja. Neste exercício de análise fica evidente que a educação cristã continua sendo válida e importante no desenvolvimento e amadurecimento espiritual do ser humano. Precisamos fazer um exercício de introspecção como cristãos e como igreja, para que nossas vidas, a igreja e todas as gerações sejam transformadas à luz da Palavra de Deus.

A pandemia trouxe novos desafios e revelou desafios passados que ignoramos ou deixamos de enfrentar. Tentar voltar no tempo ou esperar rigidamente que outras pessoas estudem a Palavra de Deus da maneira que pensamos se torna um obstáculo que nós mesmos impomos.

Alguns anos atrás, eu estava conversando com um pastor que me contou como uma igreja perto da dele realizava cultos no estacionamento, no estilo “drive-in”, onde as pessoas nunca saíam dos carros. Na época, parecia algo novo e fora do comum para mim. Em nossa tradição cultural e religiosa, um evento como esse não era previsto. Nossa história e idiossincrasia eram diferentes, onde reunir-se dentro do santuário e compartilhar calorosamente com outros irmãos na fé era comum e conhecido.

O que eu nunca imaginei foi que chegaria o dia em que eu estaria pregando e participando de cultos em formato drive-in, em um veículo estacionado no estacionamento do santuário. A pandemia trouxe coisas inesperadas. Temos

vivenciado muitas mudanças ao nosso redor. Tivemos que modificar, eliminar e adicionar hábitos, costumes e protocolos à nossa rotina diária e à maneira como nos relacionamos com os outros.

Não podemos esperar retornar à “normalidade” das estruturas que antes conhecíamos e dominávamos na educação cristã. Precisamos ser sábios na maneira como vemos, entendemos e aplicamos a educação cristã para formação e transformação. Não podemos caminhar em direção ao futuro com os olhos fixos no passado. Tentar copiar o passado nos impede de ver o que Deus quer nos mostrar para o presente e o futuro de sua Igreja.

Os avanços tecnológicos vieram para ficar

Os avanços tecnológicos e a comunicação remota vieram para ficar. Você tem que ser inteligente na forma como tira proveito disso. Vimos que a Internet e as redes sociais podem ser muito eficazes na comunicação e nos processos de ensino. Mas isso deve ser tratado com cautela, porque a tecnologia não pode substituir ou ofuscar outros elementos essenciais nas relações humanas e na maneira como abordamos a educação cristã. Não podemos perder de vista as injustiças sociais que nos cercam, onde nem todas as pessoas têm o mesmo acesso aos recursos. Se achamos que estamos cumprindo nossa missão transmitindo um culto pela internet ou oferecendo uma conferência on-line na noite do estudo bíblico habitual, estamos perdendo o rumo. Compartilhar uma escola bíblica on-line não nos isenta de alcançar, dialogar e interagir com outras pessoas. Em outras palavras, marcar uma consulta na agenda semanal não substitui os relacionamentos humanos. É por isso que sabedoria e discernimento neste tempo de mudança e incerteza são essenciais para que a educação cristã realmente forme e transforme outras pessoas. Não podemos cair na armadilha de acreditar que somos a igreja com mais curtidas ou seguidores. O número de visitantes em nossos sites não deve ser o único parâmetro para medir e avaliar o que fazemos como igreja. Se esse for o nosso padrão, nos tornaremos uma igreja fria e indiferente, desconectada da Palavra de Deus e daqueles que nos rodeiam.

O cuidado pastoral nos processos educativos da Igreja, nessa realidade, torna-se uma arte onde deve haver equilíbrio, flexibilidade, sensibilidade e amor genuíno. Podemos impactar um grande número de pessoas em processos educacionais, mas se nossa abordagem bíblico-teológica for vazia e supérflua, estaremos deformando a fé com abordagens tóxicas que não edificam nem constroem. Elas apenas entretêm.

As novas gerações são caracterizadas pela preferência pela simplicidade, pela instantaneidade e pela busca pela autenticidade. Isso representa um desafio na educação cristã porque quando falamos de simplicidade, não necessariamente queremos dizer superficialidade. Nossos adolescentes e jovens têm perguntas muito profundas e válidas sobre a vida, a igreja, a Bíblia e abordagens bíblico-teológicas. As gerações anteriores talvez não ousassem fazer perguntas e

presumissem que tudo o que um professor dizia era verdade e inquestionável. Esta geração jovem se sente confortável fazendo perguntas e questionando e expressando o que pensa e sente.

Essas diferenças geracionais causam conflitos nos processos educacionais e formativos da igreja. Quando as diferenças geracionais não são abordadas de forma saudável, elas se tornam ruídos, obstáculos e muros que nos dividem e separam. Educar para a formação e transformação exige que nós, como cristãos, tenhamos abertura ao diálogo, ao respeito e ajamos com amor. Implica estar ciente de que essa formação e transformação tem que começar primeiro com cada um de nós. Esperar que os outros mudem e sejam moldados de acordo com nossas expectativas e desejos não é o que somos chamados a fazer. Nossa missão, direção e foco devem permanecer fixos no que a Palavra de Deus nos revela e que, como seres humanos, não temos a capacidade de transformar outras pessoas. É o Espírito Santo de Deus que faz a obra em cada ser humano. Essa transformação começa com a nossa vontade e permitindo que o Espírito Santo faça a transformação de que precisamos.

As transformações necessárias

Se partimos do pressuposto de que a educação cristã nos ajuda nos processos de formação e transformação, temos que nos perguntar: o que é que precisa ser formado? O que precisa ser mudado ou transformado? Além de estratégias e metodologias educacionais, temos que ver a educação cristã como um processo. Processos envolvem mudanças e levam tempo. Nem todos os processos são iguais. O processo de formação de cada ser humano é único. Mudanças nas igrejas também são processos de transformação e crescimento.

Diante das constantes mudanças em nosso ambiente e no mundo inteiro, a Igreja deve se preparar, se autoavaliar e se renovar à luz da orientação do Espírito Santo. Há três passos que promovem a integração de gerações na Igreja e nos preparam para uma vida saudável, frutífera e harmoniosa: ouvir atentamente, discernir sabiamente e agir com firmeza.

Ouvir

Cada geração tem grandes virtudes e contribuições que enriquecem a vida comunitária. Enquanto o mundo nos pressiona a competir e buscar superiores e inferiores, a Palavra de Deus nos chama a trabalhar em unidade e amor.

Já ouvi muitos líderes reclamarem que foram deixados sozinhos em projetos da igreja. Eles estão esgotados e exaustos. Muitos estão em posições de liderança há décadas porque, segundo eles, não há voluntários comprometidos dispostos a trabalhar na obra do Senhor ou os poucos voluntários que existem não são treinados ou preparados. É assim que os líderes trabalham e dizem há anos: “Somos poucos e desempenhamos muitas funções”. Diante dessa realidade, onde em igrejas de todos os tamanhos temos líderes cansados e frustrados, temos que nos perguntar: por que continuamos com os mesmos papéis e não integramos outros? Onde deixamos nossa responsabilidade de treinar, discipular e integrar pessoas de todas as idades no trabalho eclesial?

É uma realidade que estamos saindo de uma pandemia e vivenciando mudanças na distribuição demográfica. Todos os dias há mais idosos em nossas comunidades do que jovens e crianças. Escolher apenas uma geração para pastorear e integrar à liderança da igreja seria falhar em nosso chamado e missão. Por isso, diante das diferenças geracionais, devemos estar atentos e ouvir as necessidades de cada família e geração. É importante estar aberto a conhecer, compreender e respeitar a maneira como os outros veem e percebem o mundo. Cada geração passou por crises específicas que afetaram sua maneira de pensar e se comportar.

Ouvir atentamente cada pessoa, respeitar sua geração e suas experiências vividas, permite que as relações humanas aconteçam com respeito e dignidade. Quando esses elementos se concretizam na dinâmica eclesial, o ambiente para a educação cristã se torna fértil e próspero. Para proclamar uma mensagem eficaz de formação e transformação, à luz das Sagradas Escrituras, é preciso haver um clima de amor, respeito e comunicação. Deve ser um espaço seguro para fazer perguntas, dialogar e expressar nossas preocupações e inquietações sem nos sentirmos ameaçados ou julgados pelos outros. Quando ouvimos atentamente,

abrimos pontes de comunicação com os outros. Abordamos o estudo da Palavra de Deus não como líderes autoritários e imponentes, mas como aprendizes e seguidores de Jesus. Jesus, com suas palavras e ações, nos ensinou a importância e o valor de ouvir atentamente. Somos chamados a seguir seu exemplo de amor e perdão que torna possível a reconciliação com Deus e com as pessoas ao nosso redor.

Discernir

Romanos 12:2 afirma: “Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (NVI).

É encorajador saber que Deus quer transformar nossas vidas para sua glória. Os critérios para o que deve ser transformado em nós são estabelecidos por Sua Palavra. Desde o momento em que nascemos, e até mesmo antes de nascermos, somos expostos a um mundo cheio de adversidades e desafios. Globalmente, todos nós vivenciamos recentemente as consequências de passar por uma pandemia. Mas, antes desta pandemia, cada pessoa já carregava na bagagem experiências difíceis que marcaram sua vida positiva ou negativamente. Não importa a que geração pertencemos, todos nós tivemos que enfrentar conflitos, problemas e situações difíceis que nos afetaram social, econômica, emocional, física e espiritualmente. A diferença está na maneira como cada pessoa, grupo, família, igreja e geração percebe e responde ao seu ambiente.

Recentemente me deparei com uma reportagem de uma rede de televisão nas redes sociais onde eles relataram uma situação tensa e conflituosa que ocorreu em um escritório de atendimento ao cliente de uma agência específica. O repórter estava entrevistando pessoas, a maioria delas idosos. Todos estavam reclamando do serviço lento e hostil que receberam. O que mais me chamou a atenção nesta reportagem foram os comentários escritos que as pessoas postaram nas redes sociais sobre esta situação. Comentários com empatia e respeito foram notados pela ausência. Todos os comentários acusavam esses idosos de simplesmente procurarem um serviço para fazer algum pagamento, perguntando por que não utilizavam um portal eletrônico para fazer seus pagamentos. Para muitos, eles “fizeram isso porque não realizaram seus pagamentos on-line e preferiram esperar na fila desnecessariamente”.

Certamente esses idosos nem sequer têm um smartphone ou, se têm, provavelmente sabem como utilizá-lo no básico. Talvez, para muitas dessas pessoas mais velhas, esse seja o único espaço que elas têm para socializar e interagir com outras pessoas, porque elas provavelmente vivem sozinhas, não

têm com quem conversar e esses lugares as ajudam a permanecer conectadas com outras pessoas na comunidade.

Como líderes cristãos, temos que aprender a discernir sabiamente tudo o que acontece ao nosso redor. A imprudência pode nos levar a julgar, impor e tratar os outros com pouca ou nenhuma sensibilidade. Em um ambiente de alta insensibilidade, a educação cristã que vivemos e incorporamos deve refletir sensibilidade e empatia. Conformer-se com este mundo esfriará nossos corações. Conformer-se ou adaptar-se a este século implicará deformar e envenenar o que Deus quer curar e transformar.

Discernir sabiamente o que está acontecendo ao nosso redor e respeitar as experiências de vida dos outros nos ajuda a entender mais claramente o que Deus quer que façamos. O discernimento abre nosso entendimento para conhecer nossos limites e confiar plenamente no Deus Todo-Poderoso que tem todo o poder para nos curar, transformar e nos dar um novo coração. Quando estamos dispostos a pedir a Deus que nos ajude a discernir nosso ambiente, discernir as necessidades dos outros e discernir Sua vontade, Sua promessa se torna real. “Eu vos darei um coração novo e porei um espírito novo dentro de vós; tirarei seu coração de pedra e lhe darei um coração de carne. Porei dentro de vocês o meu Espírito e farei que sigam os meus estatutos e obedeçam às minhas leis” (Ezequiel 36.26-28 NVI).

Agir

Ouvir e discernir fazem parte do processo de formação e transformação que Deus opera em nós todos os dias como líderes cristãos. Parar para ouvir e discernir, sem que nenhuma ação seja evidente, nos deixaria incompletos no processo.

Quando os israelitas deixaram o Egito em direção à Terra Prometida, eles encontraram o Mar Vermelho. Eles partiram com a expectativa de que Deus os libertaria da escravidão, mas ao longo do caminho encontraram muitos desafios. O que parecia ser uma saída sem esperança, rumo à morte e à destruição, acabou se tornando um evento milagroso onde Deus foi glorificado e demonstrou seu poder sobre a criação e sobre tudo o que existe.

Além das necessidades básicas que o povo enfrentava no deserto, uma das maiores crises que eles tiveram que enfrentar foi a mudança em sua maneira de pensar e ver o mundo. Apesar da provisão de Deus para todas as suas necessidades no deserto, havia uma resistência latente à mudança. O medo da incerteza e do desconhecido os levou a resistir à nova realidade que os esperava. Essa resistência era produto da ansiedade deles e eles questionavam Moisés repetidamente e reclamavam das circunstâncias. “Então eles reclamaram com Moisés:

—Não havia sepulcros no Egito, para que nos tirássemos de lá para morrermos no deserto? O que você fez conosco? Por que nos tiraste do Egito? Já no Egito vos dissemos: “Deixai-nos em paz! Preferimos servir os egípcios! Teria sido melhor para nós servir aos egípcios do que morrer no deserto!” (Êxodo 14:11-12 NVI).

É comum ver resistência em tempos de mudança. Nos processos formativos e educativos que ocorrem na vida cristã e eclesial também podemos encontrar resistências. No início da pandemia, algumas pessoas na congregação podem ter

se sentido desconfortáveis porque não podiam mais se reunir pessoalmente como costumavam fazer, ou porque o horário de culto foi reduzido, ou porque a comunhão foi celebrada de forma diferente, ou porque houve simplesmente uma mudança em relação ao que era familiar.

Mudanças podem causar ansiedade em indivíduos e grupos. O medo do desconhecido pode entorpecer a mente e atormentar o coração. O povo de Israel deixou o Egito esperando que Deus os libertasse da escravidão, mas ao longo do caminho, diante de mudanças e grandes incertezas, eles reclamaram e protestaram. Ficou fácil para eles verem o problema. Eles achavam difícil confiar plenamente em Deus. A mesma coisa acontece conosco quando enfrentamos mudanças, especialmente neste momento de pandemia e pós-pandemia. Diante dos ajustes que as igrejas tiveram que fazer para continuar proclamando a mensagem da salvação, muitos optaram pela reclamação ou pela negligência. É mais fácil criticar líderes e sabotar os esforços de pessoas comprometidas que trabalham e servem com amor. Essa é uma opção que muitos adotam, mas é essa a atitude que Deus quer que tenhamos? Essas atitudes destrutivas na liderança da igreja distorcem o que Deus, com tanto amor e persistência, quer moldar, curar e transformar.

Chamado para tomar decisões

Como líderes cristãos, somos chamados a tomar decisões que promovam a unidade como povo de Deus e promovam um ambiente saudável, seguro e sagrado. A igreja educa por meio de tudo o que faz. A educação cristã não se limita a um período de tempo ou estratégia específica. Tudo o que a igreja faz é educar, treinar e transformar. A partir do púlpito, dos ministérios com crianças, jovens e idosos, dos ministérios de serviço comunitário, dos ministérios de visitação aos doentes e prisioneiros, dos ministérios de mordomia e boa administração, dos ministérios musicais e audiovisuais, e de todos os componentes que compõem o Corpo de Cristo, a educação está acontecendo.

Por meio de todos os ministérios e áreas de serviço que a igreja realiza diariamente, o poder de cura e transformação do nosso Deus é testemunhado. Cabe a nós decidir se escolhemos reclamar e ficar desanimados, ou se escolhemos agir com amor e servir com firmeza. Essa firmeza nos ajuda a permanecer constantemente em busca da vontade de Deus e do que Ele quer que façamos neste momento.

Cada geração passa por eventos coletivos que marcam suas vidas, alteram sua visão de mundo e influenciam suas ações. Usar a pandemia como desculpa para nos distanciar do que Deus quer fazer conosco e através de nós nos distanciaria de Sua vontade. Tentar nos apropriar da história, metodologias e estruturas do passado nos deixaria estagnados. Dificilmente cresceríamos como cristãos e como igreja.

Passar o bastão geracional com sabedoria e amor faz parte da nossa responsabilidade como líderes cristãos. Essa passagem de bastão entre gerações não significa que, como líderes maduros, concluímos nosso trabalho e tempo de serviço na igreja. Passar o bastão também envolve trabalho e esforço. As jovens gerações que estão crescendo precisam que as acompanhem. Eles precisam de modelos saudáveis para imitar. Eles não precisam imitar influenciadores ou celebridades que não vivem sob os valores do Reino dos Céus. Nosso testemunho e integridade cristãos devem ser o modelo que nossas crianças e jovens veem e imitam. Não porque nos consideramos superiores às outras

pessoas, mas porque, apesar de nossas fraquezas e fragilidades, nos entregamos ao Deus Vivo que, dia a dia, nos forma e transforma à sua imagem.

Somos chamados a acompanhar uns aos outros. Se queremos educar para a formação e a transformação, não podemos nos isolar. Nosso testemunho cristão é importante como evidência da fé que afirmamos em Cristo Jesus. É importante integrar intencionalmente pessoas de todas as gerações em todas as áreas de serviço na igreja.

Para uma passagem de bastão geracional saudável e edificante, precisamos amar uns aos outros. Toda vez que ouvimos e prestamos atenção às necessidades e preocupações de outras pessoas, estamos agindo com amor. Toda vez que nos reunimos para orar como povo de Deus e nos consagramos para discernir Sua vontade e o que somos chamados a fazer, estamos agindo com amor.

Quando ouvimos, discernimos e agimos com amor, Deus nos ajuda e nos dá respostas criativas que contribuem para a formação e transformação do ser humano, da educação cristã e da Igreja em geral. Isso nos permite realizar atividades de oração, adoração e comunhão onde pessoas de todas as gerações podem dialogar e interagir. Em atividades como essas podemos intencionalmente conduzir exercícios que permitam a partilha de experiências através de jogos e dinâmicas onde todos participam. Quando integramos pessoas de todas as gerações em ministérios e grupos de trabalho na igreja, especialmente crianças e adolescentes, evitamos o fosso geracional que às vezes ocorre nas igrejas. Esse vazio ocorre quando um menino ou menina chega à adolescência, sente que não se encaixa na programação para crianças ou na estrutura da igreja e decide se desconectar espiritual, emocional ou fisicamente de tudo relacionado à vida da igreja.

Lembro-me de uma igreja que intencionalmente reunia idosos com adolescentes e jovens adultos. Eles reservaram algumas datas no calendário para compartilhar. Eles se encontravam para orar de manhã cedo na praia e depois tomavam café da manhã juntos para conversar e compartilhar. Lembro-me de outra igreja que costumava realizar simultaneamente uma escola bíblica de verão para crianças e idosos, com atividades específicas para atender às suas necessidades. Os jovens eram responsáveis por servir ambas as populações e liderar atividades para todos.

Reservar um tempo para compartilhar jogos de ontem e de hoje pode parecer

trivial, mas essa troca e interação saudável ajuda a quebrar barreiras, estigmas e preconceitos que podemos ter em relação a pessoas de diferentes gerações.

Não sei se você prefere ouvir música em um disco de vinil, 8 pistas, CD, fita cassete, iPod, no seu celular ou em qualquer dispositivo eletrônico. A verdade é que a diversidade é um dos dons que Deus nos dá como igreja. Cada pessoa e geração terá diferenças na maneira como veem o mundo, a política, os relacionamentos, o trabalho, as questões sociais, entre outros. Cada pessoa e geração vivencia diferentes oportunidades e circunstâncias. Para todos, o evangelho tem relevância e pertinência. Há oportunidade de salvação para todas as pessoas em Cristo Jesus. Todos nós precisamos permitir que essa Palavra nos forme e nos transforme à luz do que o Senhor espera e deseja de nós.

Caminheemos com a esperança de que Deus cumprirá seu propósito em nossas vidas e em sua Igreja. Ajamos com amor e com os olhos abertos para o que Deus quer continuar fazendo. Deus tem o poder de abrir os mares, deter pandemias e nos dar as ferramentas necessárias para superar obstáculos em Seu nome. Que Deus nos ajude a construir pontes de comunicação e integração entre as diferentes gerações que nos permitam trabalhar juntos nos projetos da igreja, e desta forma a igreja do Senhor continue crescendo e se fortalecendo para a glória e honra do seu nome.

Capítulo 10:

Educação Cristã, Criatividade e Tecnologia Digital

Juan Ramón Mejías Ortiz

Hoje mais do que nunca é necessário delinear processos educacionais que cultivam a criatividade. Ir na direção oposta é comprometer-se com a perpetuidade de um sistema educacional eclesialístico em declínio. Não esqueçamos que a vocação pedagógica da Igreja é vital para a realização de sua missão. Sem um processo educativo vivo e intencional dificilmente conseguirá se comunicar com o mundo a verdade do Santo Evangelho de Jesus Cristo.

O poder da criatividade e da inovação

A principal função da igreja é educar as novas gerações à luz das Sagradas Escrituras. O mundo pós-moderno apresenta grandes desafios, que a educação cristã deve enfrentar com urgência e diligência. Neste capítulo analisaremos algumas ideias que nos levarão a entender que tanto o cultivo da criatividade dos alunos quanto a incorporação da inovação tecnológica na sala de aula são pilares essenciais para alcançar uma educação cristã transformadora.

O verbo criar está relacionado a Deus. A primeira referência bíblica sobre Deus é sua capacidade criativa (Gn 1.1). Consequentemente, a igreja cristã adora e serve ao Deus Criador, que por meio de Sua palavra dá origem a tudo o que existe (Sl 33.6; 2 Pd 3.5). Os credos cristãos mais antigos resumem essa doutrina. Por exemplo, o Credo Niceno-Constantinopolitano de 381 d.C. afirma: “Creio em um só Deus; Pai Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis.” Deus não apenas cria, mas capacita os humanos com criatividade.

O poder da criatividade faz dos seres humanos uma espécie única em todo o planeta. No testemunho bíblico, ele é apresentado como um ser dotado de uma herança biológica que lhe permite investigar, interagir e modificar o seu entorno. Essa habilidade o coloca em uma posição preferencial na criação. De todos os organismos vivos, os humanos possuem as ferramentas intelectuais para se tornarem pesquisadores inatos, solucionadores de problemas assertivos e administradores fiéis dos recursos do planeta. Dotado da virtude da imagem divina, ele se descobre capaz de inserir-se na busca da compreensão de si mesmo e do seu ambiente, à luz da relação com o Criador. O salmista numa expressão litúrgica exclama:

Pergunto: Que é o homem, para que com ele te importes? E o filho do homem, para que com ele te preocupes? Tu o fizeste um pouco menor do que os seres celestiais e o coroaste de glória e de honra. Tu o fizeste dominar sobre as obras das tuas mãos; sob os seus pés tudo puseste (Sl 8.4-6).

Da mesma forma, como espécie única, tem a capacidade de gerar, comunicar e expressar seus pensamentos, por meio de códigos e símbolos que articula criativamente. Ele também tem a capacidade de criar instrumentos para melhorar sua qualidade de vida. Por exemplo, no livro do Êxodo, nas instruções para a construção do Tabernáculo, é mencionada a figura de Bezalel, filho de Uri, da tribo de Judá, que foi:

Considere que escolhi Bezalel, filho de Uri e neto de Hur, da tribo de Judá, e eu o enchi do Espírito de Deus, de sabedoria, inteligência e capacidade criativa para fazer obras artísticas em ouro, prata e bronze, para cortar e engastar pedras preciosas, para fazer esculturas em madeira e fazer todo tipo de artesanato (Ex 31.2-5).

Deus, em sua bondade, deu aos seres humanos a capacidade de expressar sua criatividade em vários cenários que lhes permitem buscar soluções inovadoras para as dificuldades que enfrentam diariamente.

Como insistimos, sem criatividade, os seres humanos não teriam sido capazes de desenvolver a sociedade que desfrutam hoje. Sem ela, nossa estadia no planeta teria sido efêmera. Mas o que é criatividade? O que significa a qualificação de criativo? Por que é importante estimular o desenvolvimento da criatividade dos alunos? Que relação ela tem, se houver, com os processos de educação cristã?

Nosso primeiro passo será analisar brevemente duas explicações propostas por estudiosos do comportamento humano. Primeiro, Howard Gardner, em seu livro *Intelligence Reframed* (Inteligência – um conceito reformulado), reexamina sua teoria das inteligências múltiplas e redefine a criatividade como qualquer ato, ideia ou produto que consegue transformar um campo existente em um novo. Então, uma pessoa criativa é alguém cujas ações e formas de pensar transformam campos de conhecimento ou simplesmente estabelecem um novo.

Em segundo lugar, o psicólogo Robert Sternberg, em sua obra *Criatividade em uma cultura conformista*. Um Desafio para as Massas visualiza a conquista da criatividade por meio do equilíbrio e da aplicação de três aspectos essenciais da

inteligência: um fluxo criativo, um filtro lógico e analítico e uma capacidade prática. Sternberg chamou essa visão da criatividade de teoria triárquica da inteligência.

De acordo com essa teoria, a criatividade vai além de gerar novas ideias. Requer saber definir e analisar corretamente um problema, atribuir os recursos necessários para implementar a solução e avaliar o produto obtido. Em termos gerais, Sternberg argumenta que a criatividade é o produto da interconexão de três tipos de inteligência ou capacidades humanas. Inicialmente, a inteligência sintética busca inovar e criar ideias além dos paradigmas tradicionais. Os resultados obtidos são então filtrados ou avaliados por inteligência analítica para avaliar sua utilidade e desempenho. Por fim, a inteligência prática materializa ideias e as executa.

Ambas as formas de entender a criatividade representam um desafio para a educação cristã. Surpreendentemente, o desenvolvimento da criatividade dos alunos é uma das áreas mais negligenciadas nos processos educacionais da igreja. Um exame cuidadoso da maioria dos sistemas educacionais eclesiais mostra que as congregações investem muito tempo e recursos econômicos e humanos em processos educacionais que acabam sendo rígidos e mecânicos. Além disso, da perspectiva tradicional, o importante para os líderes educacionais é que o aluno ouça passivamente a palavra de Deus e a aplique em sua vida. Infelizmente, a principal consequência tem sido a perpetuação de um ambiente educacional monótono e chato, que suprime a expressão criativa do aluno. Assim, sem que se percebam, destrói-se a possibilidade de crianças e jovens encontrarem novos caminhos para compreender e viver a Palavra de Deus nestes tempos. Também continua o declínio dramático na frequência às escolas bíblicas.

Um estudo de 2019 do Pew Research Center, intitulado “Nos EUA, o declínio do cristianismo continua em ritmo acelerado”, mostra que entre os membros da geração Millennial (23 a 38 anos), quatro em cada dez entrevistados disseram não ser filiados a nenhuma expressão religiosa. Apenas 49% se identificaram como cristãos. O mesmo estudo mostra que apenas 35% dos entrevistados frequentam a igreja regularmente. Esses dados mostram a necessidade urgente de superar ambientes educacionais que dependem de exercícios pedagógicos puramente baseados em memorização e na passividade dos alunos se quisermos incentivar a participação dos jovens em programas educacionais congregacionais.

Não é necessário um estudo estatístico exaustivo para perceber que a situação entre as congregações latinas e hispânicas deve ser um tanto semelhante. No geral, a frequência às escolas bíblicas tradicionais está diminuindo. Mesmo assim, ainda há líderes que se apegam ao modelo educacional clássico. Hoje, as escolas bíblicas enfrentam o desinteresse e a apatia como obstáculos que inibem todo o seu fluxo. Isso levou várias congregações a encontrarem no entretenimento, em vez de processos educacionais saudáveis, um novo veículo para reter os jovens.

Nem tudo está perdido. Uma melhor educação cristã é possível. Para isso, devemos considerar as seguintes questões: Se Deus dotou o ser humano com a capacidade de aprender, compreender, raciocinar e criar, por que insistir em processos pedagógicos tradicionais que não estimulam mais o desenvolvimento da criatividade dos alunos? Será necessária uma mudança de paradigma pedagógico para incentivar a curiosidade, o questionamento e o discernimento? Devemos fazer todo o possível para evitar que os paroquianos aprendam muita coisa sobre nada em nossos ambientes educacionais. Não podemos esquecer que um paroquiano capaz de compreender e refletir sobre sua fé vive e celebra com alegria a liberdade em Cristo Jesus. Ou seja, uma pessoa bem educada na fé cristã simplesmente se recusa a ser...

Então não seremos mais crianças, atiradas pelas ondas e levado aqui e ali por todo vento de ensino e por astúcia e artifício daqueles que empregam esquemas enganosos (Ef 4.14).

Cultivar a criatividade por meio de atividades educacionais significativas é vital para o crescimento intelectual, doutrinário, social, emocional e espiritual do crente em Jesus Cristo. Teresa M. Amabile, em seu trabalho *Growing up creativity* (Crescendo com criatividade), identifica diferentes áreas de atenção para promover a criatividade na sala de aula. Elas podem ser resumidas em três áreas.

- A atitude do professor. Num primeiro nível, o professor se depara com a necessidade de lidar com suas próprias crenças. Se o educador entender que não é importante promover um ambiente aberto onde o aluno tenha o direito de fazer

perguntas, ser curioso e discutir com seus colegas, o fluxo da criatividade simplesmente não poderá ser motivado. É preciso lembrar que a ênfase de todo o esforço educacional é o aprendizado. Assim, o foco excessivo no controle e no ensino direcionado limita o aprendizado autêntico.

- O layout da sala. A maneira como a sala de aula é organizada e os assentos dos alunos são dispostos permite uma maior interação entre os colegas, o que incentiva o diálogo e a interação. Além disso, a disposição adequada da sala de aula permite o planejamento de atividades instrucionais e a seleção de recursos didáticos que estimulam o aprendizado criativo. O critério básico para a disposição da sala de aula deve ser que o aluno, de seu assento, possa interagir diretamente com o professor e com seus colegas, cara a cara, sem quaisquer obstáculos. Portanto, a configuração clássica de assentos em fileiras não é mais viável.
- A utilização de estratégias educacionais inovadoras. O professor deve ter um amplo repertório de estratégias educacionais que promovam a aprendizagem com ênfase na socialização, interação entre pares, aprendizagem colaborativa, autoavaliação e automotivação. Para isso, recomendamos pelo menos quatro técnicas úteis para aprendizagem criativa:

Organizadores gráficos, especialmente mapas mentais. Um mapa mental é uma representação gráfica que um aluno cria para organizar suas ideias sobre um conceito central, analisando as relações entre as partes e a ideia principal, conectando-as por meio de imagens, palavras ou expressões curtas. Normalmente o mapa mental tem o formato de um neurônio. Há uma variedade de aplicativos disponíveis para criar mapas mentais.

O projeto de pesquisa bíblica é uma técnica educacional na qual um grupo de alunos trabalha colaborativamente para estudar um tópico de interesse por meio de análise exegética, hermenêutica e prática do texto bíblico.

Simulação é uma técnica de ensino que permite ao aluno recriar um evento real, fictício ou histórico com o propósito de aprender um determinado assunto. Esta técnica é útil para que os alunos reflitam sobre questões relativas à ética cristã e sua participação na construção de uma sociedade mais justa e humana.

A discussão socializada permite que os alunos apresentem justificativas para

suas ideias sobre um tópico ou questão específica enquanto debatem respeitosamente os argumentos propostos por outro aluno. A discussão pode ser presencial ou virtual.

Esta última área será ampliada posteriormente quando for analisada a incorporação da tecnologia digital ao acervo metodológico do professor. Para encerrar esta primeira seção, é preciso ressaltar que, como seres criados à imagem e semelhança de Deus, o aluno tem a capacidade de pensar, criar e investigar. Esses são elementos essenciais para uma educação cristã transformadora.

Hoje mais do que nunca é necessário delinear processos educativos que cultivem a criatividade. Mover-se na direção oposta é comprometer-se com a perpetuação de um sistema educacional eclesialístico em declínio. Não esqueçamos que a vocação pedagógica da Igreja é vital para a realização de sua missão. Sem um processo educacional vivo e intencional, você dificilmente conseguirá comunicar a verdade do Santo Evangelho de Jesus Cristo ao mundo. Por outro lado, se abirmos mão das funções pedagógicas, dificilmente alcançaremos a transformação de que Paulo fala em Rm 12.2. Daí a importância de um novo modelo educacional que permita o aprendizado autêntico e criativo da Palavra de Deus.

Educação cristã e tecnologia digital

A engenhosidade e a criatividade humanas deram origem à Internet. A Web, como também é conhecida, é parte essencial da vida cotidiana de muitas pessoas, especialmente das gerações mais jovens. Então, aqueles que nasceram depois da criação da rede global de computadores (World Wide Web ou www) são conhecidos como nativos digitais, enquanto o resto de nós é considerado imigrante digital.

Hoje em dia a rede deu lugar ao mundo virtual. Com o crescimento exponencial de usuários nas últimas duas décadas, o cenário educacional passou por uma mudança significativa. A tecnologia digital e o surgimento de ambientes virtuais alteraram drasticamente o cenário educacional. Hoje é difícil imaginar um professor que não utilize ferramentas digitais como recursos educacionais para provocar o aluno a pensar e aprender. Ou seja, as regras do jogo para os educadores mudaram inegavelmente. Devemos concordar que isso não exclui o magistério da Igreja.

Um exemplo claro dessa nova realidade foi vivenciado durante o período da pandemia da Covid-19. Durante esse período, marcado por restrições sociais e distanciamento físico, a educação virtual desempenhou um papel de liderança no esforço de dar continuidade às ofertas educacionais seculares e eclesiais. Não tenho dúvidas de que, no ambiente da igreja, os ambientes virtuais de aprendizagem logo se tornarão o novo paradigma da educação cristã, se é que ainda não o são.

Hoje, o grande desafio pedagógico da Igreja é como educar as novas gerações na fé cristã em tempos de Internet. No esforço de educar as gerações emergentes na palavra de Deus, a incorporação do uso de ferramentas tecnológicas desempenha um papel crucial para atingir objetivos e propósitos educacionais. Como já mencionamos repetidamente, estamos no limiar de uma nova forma de educar crianças e jovens nas áreas de conhecimento inerentes à missão e ao discipulado cristão. Agora, antes de continuar, é preciso entender que na educação cristã, a tecnologia não é o objetivo. Fingir que é assim é um erro pedagógico que o professor deve evitar a todo custo. Mais uma vez, o objetivo da educação cristã é

a formação integral do crente à luz do Evangelho de Jesus Cristo. Assim, a Bíblia se torna o instrumento para orientar os processos formativos do crente. Em Efésios 4:12-13 o objetivo da educação cristã é estabelecido:

...para equipar o povo de Deus para o trabalho de serviço, para edificar o corpo de Cristo. Dessa forma, todos chegaremos à unidade da fé e o conhecimento do Filho de Deus, para uma humanidade perfeita, que é conforme à estatura completa de Cristo (Ef 4:12-13).

Para deixar claros esses princípios, o educador deve ter em mente que é o Espírito Santo de Deus, e não ele, que faz com que as pessoas experimentem a vida nova em Cristo. Em outras palavras, o professor é um instrumento do Espírito Santo. Portanto, a função ministerial que ele desempenha é vital para a extensão do Reino dos Céus. Isso nos leva a entender que uma igreja saudável é aquela que educa à luz das Sagradas Escrituras. Coerente com essa intenção, a igreja investe seus melhores recursos e esforços para implementar programas educacionais que permitam a realização da missão cristã. Isso inclui, sem dúvida, o treinamento de professores na gestão e no uso de ferramentas digitais no ambiente educacional.

A incorporação da tecnologia digital na sala de aula é uma questão pedagogicamente inevitável e, na minha opinião, irreversível. Essa realidade exige que o professor, antes de tudo, se sinta confortável e familiarizado com os instrumentos e aplicativos digitais que utilizará no processo de ensino. Professores, especialmente os de crianças e jovens, devem remover de suas bocas qualquer linguagem que condene a tecnologia. Pelo contrário, o desafio que enfrentamos é visualizar a tecnologia digital como um veículo pedagógico que nos permite atingir os objetivos da educação cristã. De forma mais simples, os recursos oferecidos pela tecnologia digital devem ser parte essencial do repertório metodológico do professor. Este também é um desafio para as congregações. Os professores precisam ser ajudados a superar a lacuna digital que os separa de seus alunos.

O professor também precisa aprender a projetar atividades instrucionais que integrem a aplicação da tecnologia como parte das experiências de

aprendizagem. Por exemplo, cada vez menos jovens vão à igreja com uma Bíblia impressa. Em vez disso, eles carregam aplicativos em seus celulares que lhes permitem acessar uma variedade de traduções da Bíblia e recursos bíblicos com o simples toque dos dedos. Portanto, o foco não deve ser uma apologia à Bíblia impressa. Pelo contrário, o professor tem que ser astuto e usar ferramentas digitais para incentivar o aluno a gostar de ler a Bíblia, em suas diversas versões.

Outro grande desafio enfrentado pelos líderes congregacionais é o investimento financeiro e os esforços organizacionais necessários para promover uma educação cristã autêntica, criativa e inovadora. Mas valerá a pena, no final das contas. O resultado será o crescimento de uma geração fundada na palavra libertadora de Deus. Ao implementar essas ideias, estou confiante de que caminharemos no caminho certo para aumentar a eficácia do aprendizado na igreja e formar líderes que vivam em harmonia com o chamado sagrado de Deus para experimentar Sua graça e amor.

Como discutimos nos parágrafos anteriores, os recursos oferecidos pela tecnologia digital deram uma guinada significativa nos processos de ensino e aprendizagem que não deve ser ignorada. Essa tecnologia não só proporciona novas oportunidades de aprimoramento humano, como também permite a criação de uma educação cristã criativa e inovadora, que responde de forma assertiva aos desafios da sociedade atual e às necessidades do aluno. Dada a ascensão da educação cristã virtual, é necessário identificar os pilares que devem sustentar o novo paradigma educacional. Devem ser:

- Uma fé viva que encontra suas raízes na revelação de Deus, centrada na pessoa de seu filho Jesus Cristo e em seu ensinamento sobre o Reino dos Céus, consistente com o testemunho das Sagradas Escrituras e na iluminação do Espírito Santo na vida dos crentes.
- Uma antropologia pedagógica cristã que considera o aluno como um ser ativo e criativo, capaz de aprender por meio da pesquisa, da descoberta, da autorregulação, da aprendizagem socializada, do uso da tecnologia digital e do refinamento das habilidades de pensamento. Por sua vez, o professor tem a função indelegável de fazer os alunos pensarem. Como num tabuleiro de xadrez, junto com o aluno, ele movimenta as peças para promover um ambiente genuíno de aprendizagem que leve a um crente maduro e comprometido com os valores do reino de Deus.

- Um caráter epistemológico que integra recursos digitais como instrumentos de construção do conhecimento. Isso deve ajudar tanto o aluno quanto o professor a superar a educação bancária que o educador Paulo Freire tanto criticou. Por outro lado, os processos de educação cristã devem promover atividades nas quais o aluno possa pensar a fé a partir do estudo, da análise e do discernimento das Sagradas Escrituras. Finalmente, há uma necessidade urgente de promover uma aprendizagem inovadora que seja bíblica, contextual, profética, apologética e evangelizadora.
- Uma dimensão ontológica que reconhece a capacidade inata do aluno de questionar enquanto descobre respostas sobre os valores cardeais do ser humano, sua função, sua identidade, sua contribuição comunitária, sua própria existência e, sobretudo, a realidade do Deus próximo encarnado em Jesus Cristo.
- Um contexto comunitário que celebra a fé na unidade. Ao contrário da educação secular, que incentiva a individualização e a competitividade, a educação cristã se concentra na celebração da comunidade e na conquista de uma sociedade mais justa.
- Uma abordagem curricular inovadora que promove um ensino mais humanizador e afirma o desenvolvimento de habilidades de liderança por meio das quais o aluno pode se visualizar como um seguidor de Jesus comprometido com o bem comum e o respeito à dignidade humana.

Recursos digitais para promover educação criativa e inovadora

Devido ao rápido crescimento no número de recursos e aplicativos disponíveis para ensino, é mais fácil reagrupá-los em cinco grandes categorias. A menção de alguns desses recursos não tem a intenção de incentivar sua comercialização, mas sim de fazer parte das ideias aqui apresentadas. Eles serão mencionados em ordem alfabética.

Recursos digitais para interação social. A interação social face a face foi modificada por uma ampla gama de interações virtuais que mantêm os usuários “conectados” além de sua localização geográfica. Hoje, o número de redes sociais que permitem a interconectividade global continua crescendo. Este grupo inclui Facebook, Instagram, LinkedIn, Messenger, Pinterest, Snapchat, Twitter, WhatsApp e YouTube.

Recursos digitais para gerar reuniões ou conferências virtuais. Durante a pandemia da Covid-19, as plataformas de conferências virtuais foram um sucesso ao permitir a continuidade das ofertas de serviços por igrejas, instituições educacionais e pelo mundo empresarial. Essa tecnologia oferece um espaço de reunião virtual para realização de reuniões e atividades educacionais com maior flexibilidade, acessibilidade e participação. Os recursos incluem Google Hangouts, Google Meet, Jitsi, Microsoft Teams, ooVoo, Skype, Whereby e ZOOM.

Recursos digitais para criar apresentações, sons ou vídeos. Uma das vantagens da tecnologia digital é a facilidade de criar apresentações que aprimoram o processo de ensino. Em geral, apresentações digitais são documentos multimídia que compartilham informações por meio de texto, imagens, som, vídeos ou outras interações. Alguns dos programas mais utilizados são Canva, Google Slides, Ludus, MS Power Point, PowToon, Prezi e Visme. Há também uma variedade de recursos para gravar, editar e reproduzir áudio e vídeo, como Adobe Audition, Adobe Premiere, Audacity, Filmora, iMovie, Lightworks, Movie Maker, Pinnacle Studio, Ocenaudio, Vimeo Create e YouTube Video Editor.

Recursos digitais para criar Webcast ou aulas virtuais ao vivo (aula transmitida ao vivo). Webcast é a transmissão ao vivo de um evento educacional que permite interatividade em tempo real entre os usuários e o proponente. Isso permite a integração de recursos digitais na apresentação do tema, tornando a apresentação muito mais ilustrativa e agradável. Esta ferramenta promove a aprendizagem eletrônica (e-learning). A vantagem é que a atividade fica gravada para que o aluno possa acessá-la quantas vezes precisar (On-Demand). Algumas das plataformas mais populares são Adobe Connect, Demio, Facebook Live, Google Hangouts, Livestream, Skype, YouTube e Zoom.

Outros recursos digitais para ensino e aprendizagem. Existem várias plataformas e aplicativos que os professores podem incorporar na sala de aula. Mencionaremos apenas alguns. A Bíblia digital (há uma grande variedade de aplicativos); Kahoot! (criar jogos e testes interativos síncronos); Mapas Bíblicos Online; Google Earth (mapas com imagens de satélite); Spotify (reprodução de música, áudio e podcast); Google Drive (útil para criar “portfólio eletrônico” ou e-Portfólio); documentários no YouTube; e viagens virtuais a lugares históricos, entre muitos outros.

Conclusão

Por fim, devo ressaltar que estamos apenas arranhando a superfície. As próximas décadas trarão uma onda de desafios à educação cristã. A flexibilidade e a interatividade oferecidas pelos ambientes educacionais virtuais forçarão as congregações a criar um novo paradigma educacional focado no desenvolvimento da criatividade e inovação dos alunos. É imprescindível que o novo modelo educacional promova nos participantes a alegria de aprender sobre o amor de Deus revelado em Cristo Jesus. Nosso maior desafio é a educação dos mais jovens, que precisam se sentir parte integrante de um projeto educativo que atenda suas preocupações, questionamentos e necessidades de forma criativa e inovadora, ao mesmo tempo em que lhes dê a oportunidade de se redescobrirem através das lentes da graça do Senhor.

Bibliografia

A bibliografia a seguir pode contribuir positivamente para o estudo mais aprofundado dos tópicos educacionais incluídos neste livro.

Armstrong, Hayward. Bases para la educación cristiana. El Paso: Casa Bautista de Publicaciones, 2007.

Augé, Marc. Los no-lugares: Espacios del anonimato. Barcelona: Editorial Gedisa, 1992.

Baltodano, Sara. El cuidado pastoral de la familia en un mundo cambiante e inseguro. Guatemala: Ediciones SEMILLA, 2007.

Barbara J. Newman, El autismo y tu iglesia. Grand Rapids: Ministerio Amistad. 2013.

Clinebell, Howard. Asesoramiento y cuidado pastoral: un modelo centrado en la salud integral y el crecimiento. Grand Rapids: Libros Desafío, 1999.

Colom Canelas, Antonio. Educación y postmodernidad: Fundamentos y perspectivas. Educatio i cultura (1997), 1: 7-17.

Freire, Paulo. Pedagogía del oprimido. México: Siglo XXI Editores, 1970.

Groome, T.H. Christian Religious Education: Sharing our story and vision. New York: Jossey-Bass. 1999.

Hernández Gómez, R. Rodríguez Amelia, “Las sociedades cazadoras-recolectoras neandertalianas en los valles de Alcoi (Alicante, España). El Salt como un centro de intervención referencial. Tabona.” Revista de Prehistoria y Arqueología [ISSN 0213-2818], v.10, p. 7-33. 2001.

Jiménez, Pablo A. Principios de educación cristiana. Nashville: Abingdon Press, 2003.

Jones, E. Stanly. The Way: 364 adventures in daily living. Nashville: Abingdon

Press, 1999.

Lazarus, Arnold. *The Practice of Multimodal Therapy: Systematic, Comprehensive and Effective Psychotherapy*. John Hopkins University Press, 1990.

Linhart, Terry, ed. *Enseñando a las nuevas generaciones. Una guía completa para enseñar la formación cristiana*. Miami: Editorial Patmos, 2019.

Lyotard, Jean-François. *La condición postmoderna: Informe sobre el saber*. Madrid: Ediciones Cátedra, 2006.

Maldonado, Jorge E. *Crisis, pérdidas y consolación en la familia*. Grand Rapids: Libros Desafío, 2002.

Pagán, Nohemí C. *Perfectamente diferentes*. Miami, Florida, Patmos, 2018

Pagán, Samuel. *Introducción a la Biblia Hebrea*. Barcelona: Editorial CLIE, 2012.

Pagán, Samuel, ed. *Aviva el don que hay en ti: En torno al desarrollo de un liderazgo transformador en el siglo 21*. Bayamón, PR: Iglesia Cristiana (Discípulos de Cristo), 2019.

Pazmiño, Roberto W. *Principios y prácticas de la educación cristiana*. Eugene: Wipf and Stock, 2002.

Radillo, Rebeca M. *Cuidado pastoral contextual e integral*. Grand Rapids: Libros Desafío, 2007.

Robinson, Ken. *Busca tu elemento*. Argentina: Empresa Activa, 2012.

--. *El Elemento: Descubrir tu pasión lo cambia todo*. New York: Vintage Español, 2014.

Schipani, Daniel S. *The Way of Wisdom in Pastoral Counseling*. Elkhart: Institute of Mennonite Studies, 2003.

Schipani, Daniel S. y Pablo A. Jiménez, eds. *Psicología y consejo pastoral: perspectivas hispanas*. Decatur: AETH, 1997.

Van Steenlandt, Danielle. La Integración de niños discapacitados a la educación común. Santiago, Chile. 1991.

Wagner, James K. Una Aventura en Sanidad y Plenitud: El Ministerio de Sanidad de Cristo en la Iglesia de Hoy, The Upper Room, 1995.

Zaldívar, Raúl; Gómez, César; Aldana, Hugo Melvin. El Player: el líder que quiere trascender. Barcelona: Editorial CLIE, 2019.

--. Generación 20/20. La generación que ve bien. Chicago: Editorial de la Universidad para Líderes, 2018.

--. Mentoría 360. Chicago: Editorial de la Universidad para Líderes, 2012.

Zakaria, Fareed. Ten Lessons for a Post-Pandemic World. New York: W. W. Norton & Company, 2020.

EDUCAÇÃO CRISTÃ

TRANSFORMADORA

A sociedade pós-moderna impõe desafios inéditos às igrejas e aos cristãos. Em meio a crises sanitárias, morais, sociais e tecnológicas, a educação cristã precisa ser mais do que uma transmissão de conhecimento; deve ser um instrumento de transformação.

Este livro apresenta uma abordagem inovadora para os programas educacionais cristãos, ajudando a traduzir os valores do Reino para a realidade contemporânea. A era digital, as mudanças culturais e a chegada de novas gerações à liderança exigem métodos pedagógicos que não apenas informem, mas que também moldem discípulos comprometidos com o evangelho.

Afinal, a verdadeira educação cristã não se mede apenas pelo conteúdo que transmite, mas também pela formação de corações e mentes que refletem Cristo nas suas vidas.



ISBN 978-65-5968-442-7



7 908234 101938 2